

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS:
QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE

LUCIANA UCHÔA BARBOSA

**A METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA
PEDAGÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE EM
EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE**

Porto Alegre

2020

LUCIANA UCHÔA BARBOSA

**A METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA
PEDAGÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE
EM EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul -
UFRGS como requisito parcial para obtenção do
título de Doutora em Educação em Ciências

Orientador: Prof. Dr. Vanderlei Folmer

Porto Alegre

2020

CIP - Catalogação na Publicação

Barbosa, Luciana Uchôa
A METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA
PEDAGÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE
EM EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE / Luciana Uchôa
Barbosa. -- 2020.
150 f.
Orientador: Vanderlei Folmer.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Ciências Básicas da Saúde,
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências:
Química da Vida e Saúde, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. Formação Continuada. 2. Metodologia da
Problematização. 3. Sexualidade. 4. Escola. I. Folmer,
Vanderlei, orient. II. Título.

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a tese de Doutorado

**A METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA
PEDAGÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE
EM EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE**

Elaborada por **Luciana Uchôa Barbosa** como requisito parcial para obtenção do grau
de Doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde

COMISSÃO EXAMINADORA:

(Presidente orientador) Vanderlei Folmer, Prof. Dr. (UNIPAMPA/UFRGS)

Prof.^a Dr.^a. Andréia Fernandes Salgueiro (UNIPAMPA)

Prof.^a Dr.^a Gisele Soares Lemos Shaw (UNIVASF)

Prof.^a Dr.^a Lilian Oliveira de Oliveira (UFN)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus avós Carmem Célia de Brito Uchôa e Joaquim Veloso Uchôa (*In Memoriam*), Ao meu tio Severino Ramos de Brito Uchôa (*In Memoriam*)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as bênçãos concedidas em minha vida, pela proteção divina e por permitir a concretização de mais um sonho.

A minha, mãe Socorro Uchôa, por sempre ter me incentivado a conquistar meu espaço por meio do estudo.

Ao meu esposo, Cesar Ricardo, por estar sempre ao meu lado, me apoiado e ajudado em todos os momentos, entendendo a importância dos estudos para mim e respeitado meu tempo e espaço.

Com carinho especial, ao meu querido orientador Prof. Dr. Vanderlei Folmer, por ter confiado e acreditado em mim. Ele que foi mais que um orientador, foi um amigo, principalmente nas horas de ansiedade, dúvidas e dificuldades. Melhor orientador do mundo!

Ao Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, por meio do pessoal da secretaria, sempre solícitos e educados, principalmente ao servidor Douglas, que me orientou quanto aos trâmites processuais do programa. À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela oportunidade de cursar o doutorado, qualificando meus estudos.

Aos/As docentes e gestores do Centro Municipal de Excelência do município de Belo Jardim- PE, pela disponibilidade colaborativa com os meus escritos, através da participação durante o desenvolvimento profissional docente e contribuições.

Aos amigos do doutorado e mestrado, especialmente à Cátia, Carla Felcher, Carla Rosa, Aline, Débora, Rhenan, Fernanda e Olavo, por compartilharem seus conhecimentos e vivência.

Aos amigos Juliana de Castro e Nelson Galindo, por compartilharem seus conhecimentos realizando a revisão de alguns dos artigos.

Ao Instituto Federal de Pernambuco Campus Belo Jardim, na pessoa do Diretor Geral professor Francisco das Chagas Lino Lopes e do diretor de ensino, o professor Marcos Germano do Nascimento e demais servidores, pela concessão do afastamento para a conclusão do doutorado. Por meio disso, pude dispor de tempo para desenvolver as escritas dos artigos e da tese.

Agradeço às professoras Bernardina Araújo, Cátia Lopes e Jaqueline Copetti, pelas relevantes contribuições durante as escritas de alguns artigos.

Às professoras Betina Moreira e Maria Rosa Chitolina, pelas relevantes contribuições durante a qualificação do doutorado.

Aos membros da banca examinadora, às professoras doutoras, Andrea Fernandes Salgueiro, Gisele Shaw e Lilian Oliveira, pela solicitude e disponibilidade em compartilharem saberes e sugestões que colaboraram com o direcionamento e aperfeiçoamento desta tese.

A todos que contribuíram indiretamente para a realização deste estudo.

EPIGRAFE

"Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Paulo Freire

RESUMO

Tese de Doutorado

Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE EM EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE

AUTORA: LUCIANA UCHÔA BARBOSA

ORIENTADOR: PROF. DR. VANDERLEI FORLMER

Data e Local da Defesa: Uruguaiana, 31 de março de 2020.

A Metodologia da Problematização (MP) tem sido muito usada em pesquisas da área da saúde e educação. É considerada uma estratégia pedagógica inovadora, de ensino e de aprendizagem, que favorece a formação de um profissional mais crítico e com mais habilidades para enxergar os problemas e solucioná-los. Nos últimos anos, o conceito de desenvolvimento profissional docente (DPD) tem se modificado, essa mudança justifica-se porque o DPD tem sido considerado como algo mais amplo no processo ensino – aprendizagem. Compreende-se como um momento em que o professor passa a construir novos conhecimentos e competências para melhorar sua prática docente, alinhando-se aos propósitos da educação de qualidade. Em relação a educação para a sexualidade é necessário reforçar que não consiste em apenas prevenir gravidez e infecções sexualmente transmissíveis, mas abrange diversos componentes, tais como a dimensão ética, cultural e psicológica, fundamentais para a saúde e bem-estar da pessoa. Entretanto, para que esta temática seja também implementada no contexto escolar, com abordagem que considere suas dimensões e que atenda às necessidades dos adolescentes, é necessário que os professores estejam devidamente preparados para assumirem tal responsabilidade. Assim, garantir um espaço de discussão e formação desses profissionais deve ser estimulado, podendo ter como estratégia pedagógica a Metodologia da Problematização (MP). Considerando a relevância do tema e o fato de ainda existirem lacunas na formação docente em relação à educação para a sexualidade, este estudo teve como objetivo principal avaliar a MP com o arco de Maguerez no DPD em educação para a sexualidade. Para isso, foi realizada uma pesquisa exploratória e descritiva com abordagem qualitativa. O percurso metodológico transcorreu em 3 etapas. Na primeira etapa, foi realizada uma análise documental com perfil de pesquisa bibliográfica dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o Plano Nacional de Educação (PNE) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Na segunda etapa, docentes que atuam no ensino fundamental nos anos finais (6º ao 9º ano) de uma escola no interior de Pernambuco responderam a um questionário com indagações sobre o desenvolvimento de educação para a sexualidade na escola, como são essas abordagens e quais as facilidades e dificuldades encontradas. Na terceira etapa, foi ofertado desenvolvimento profissional docente, tendo como temática a educação para a sexualidade no espaço escolar.

Essa atividade foi desenvolvida utilizando a MP com o arco de Maguerez. Em seguida, buscou-se identificar, por meio de outro questionário, as possíveis contribuições da MP para a prática docente. Na pesquisa documental, observou-se que nos últimos anos, os documentos oficiais que norteiam as políticas educacionais no Brasil, vêm sofrendo um mecanismo de interdição e silenciamento para controlar e regular a temática sexualidade na escola, refutando o direito à informação. Quanto ao desenvolvimento e abordagem da educação para a sexualidade na escola, foi possível constatar que o tema na escola pesquisada não está consolidada e não envolve todos os docentes, ficando a responsabilidade desta prática para o professor de Ciências. Os resultados também demonstraram que a abordagem ocorre de maneira frágil, direcionada para os aspectos preventivos e biologizados e com certo receio por parte dos professores. De acordo com os professores pesquisados, o tema educação para a sexualidade é muito atrativo aos escolares, o interesse no assunto decorre da curiosidade e dúvidas, facilitando a prática docente. Relacionado às dificuldades, os professores apontaram que a falta de uma formação é considerada um empecilho na implementação da educação para a sexualidade, tornando-os desmotivados e inseguros. Os pais também foram apontados como um dos principais fatores que dificultam o desenvolvimento do tema na escola. Constatou-se que por meio da MP foi possível inovar na proposta de formação docente, rompendo com os modelos tradicionais. Possibilitou que os professores explorassem a realidade e elencassem de maneira coletiva e participativa os problemas relacionados à educação para a sexualidade na escola, gerando reflexão sobre os aspectos éticos e atitudinais no contexto do fazer pedagógico acerca do tema. Verificou-se que a MP contribuiu para a construção de novos conhecimentos sobre a temática de maneira significativa, proporcionando segurança e maior autonomia aos professores para abordarem o tema sexualidade em sala de aula. Revelou-se ainda ser eficaz na aproximação e interação entre os familiares e a escola para discussão e reflexão acerca da importância e necessidade do tema em ambos os contextos. A MP também favoreceu que os professores e os familiares compartilhassem os problemas, experiências e êxitos relacionados ao diálogo e ensino sobre sexualidade junto aos filhos e escolares. Também permitiu que os professores conhecessem como os pais lidam com a educação para a sexualidade no convívio familiar e o que pensam sobre a escola abordar o tema na sala de aula. Com isso, permitiu aos professores motivação e empoderamento para sua implementação em sala de aula. Diante do exposto, fica a proposta de utilizar a MP com o arco de Maguerez como estratégia pedagógica para o desenvolvimento profissional docente em educação para a sexualidade. Considerando que se trata de um tema pertinente, sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas envolvendo os adultos de referência (pais, professores e profissionais de saúde), também utilizando a MP.

Palavras-chave: Formação Continuada. Metodologia da Problematização. Sexualidade. Escola.

ABSTRACT

Doctoral thesis

Graduate Program Science Education: Chemistry of Life and Health of the Federal University
of Rio Grande do Sul

**THE PROBLEMATIZATION METHODOLOGY AS A PEDAGOGICAL STRATEGY
FOR PROFESSIONAL TEACHER DEVELOPMENT IN EDUCATION FOR SEXUALITY**

AUTHOR: LUCIANA UCHÔA BARBOSA

ADVINSER: PROF. DR. VANDERLEI FOLMER

Defense Place and Date: Uruguaina, March 31, 2020.

The Problematization Methodology (MP) has been widely used in health and education research. It is considered an innovative pedagogical strategy, of teaching and learning, which favors the formation of a more critical professional with more skills to see the problems and solve them. In recent years, the concept of teacher professional development (DPD) has changed this change is justified because DPD has been considered as something broader in the teaching - learning process. Understands as a moment when the teacher starts to build new knowledge and skills to improve his teaching practice, in line with the purposes of quality education. In relation to sex education, it is necessary to reinforce what is not only prevention and sexually transmitted infection, but includes several components, such as the ethical, cultural and psychological dimension, which are fundamental to the person's health and well-being. However, for this theme to also be implemented in the school context, with an approach that considers the measures and the needs of adolescents, it is necessary for teachers who are individually prepared for responsible responsibility. Thus, ensuring a space for discussion and training of these professionals should be encouraged, and the Pedagogical Methodology (PM) may be used as a pedagogical strategy. Considering the relevance of the theme and the fact that there are still gaps in teacher training in relation to sexuality education, this study aimed to evaluate PM with the Maguerez arch in the DPD in sexuality education. For this, an exploratory and descriptive research with a qualitative approach was carried out. The methodological path took place in 3 stages. In the first stage, a documentary analysis was carried out with a bibliographic research profile of the official documents, the National Curriculum Parameters (PCN), the National Education Plan (PNE) and the National Common Curricular Base (BNCC). In the second stage, teachers who work in elementary school in the final years (6th to 9th grade) of a school in the interior of Pernambuco answered a questionnaire with questions about the development of sexuality education at school, what are these approaches like and what are the facilities and difficulties encountered. In the third stage, teaching professional development was offered, with the theme of education for sexuality in the school space. This activity was developed using a PM with a Maguerez bow. Then, you can identify, through another questionnaire, as possible contributions of the MP to the teaching practice. In documentary research, it was observed that in recent years, the official documents that guide educational policies in Brazil, have suffered a mechanism of interdiction and silencing to control and regulate sexuality in school, refuting the right to information. As for the development and

approach of sexuality education at school, it was possible to verify that sexual education at the studied school is not consolidated and does not involve all teachers, leaving the responsibility of this practice to the Science teacher. The results also demonstrated that the approach occurs in a fragile way, directed to preventive and biologized aspects and with a certain fear on the part of teachers. According to the teachers surveyed, the topic of sexual education is very attractive to students, interest in the subject stems from curiosity and doubts, facilitating teaching practice. Related to the difficulties, the teachers pointed out that the lack of training is considered a hindrance in the implementation of sexuality education, making them unmotivated and insecure. Parents were also identified as one of the main factors that hinder the development of the theme at school. It was found that through the MP it was possible to innovate in the proposal of teacher training, breaking with traditional models. It made it possible for teachers to explore reality and list in a collective and participatory way the problems related to sexuality education at school, generating reflection on ethical and attitudinal aspects in the context of pedagogical practice on the theme. It was found that the MP contributed to the construction of new knowledge on the subject in a significant way, providing security and greater autonomy to teachers to address the topic of sexuality in the classroom. It also proved to be effective in bringing together and interacting between family members and the school for discussion and reflection on the importance and need for the theme in both contexts. The MP also favored that teachers and family members share the problems, experiences and successes related to dialogue and teaching about sexuality with their children and schoolchildren. It also allowed teachers to learn about how parents deal with sexuality education in the family and what they think about the school addressing the theme in the classroom. With that, it allowed teachers motivation and empowerment for their implementation in the classroom. Given the above, there is the proposal to use PM with the Maguerez bow as a pedagogical strategy for the professional development of teachers in sexuality education. Considering that this is a relevant topic, it is suggested that further research be carried out involving the reference adults (parents, teachers and health professionals), also using the MP.

Key-words: Continuing Formation. Problematization Methodology. Sexuality. School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	-	Representação do Arco de Maguerz	23
Figura 2	-	Mapa de localização do CEM	32
Figura 3	-	FLUXOGRAMA ESCOLAR – CEM	33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	-	Quantitativo de estudantes por ano	32
Quadro 2	-	Planejamento e atividades realizadas no desenvolvimento profissional docente em educação para a sexualidade	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	- Base Nacional Comum Curricular
CEM	- Centro de Excelência Municipal Professor José Vieira da Costa
DPD	- Desenvolvimento Profissional Docente
IST	- Infecção Sexualmente Transmissível
MP	- Metodologia da Problematização
PCN	- Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE	- Plano Nacional de Educação
PPP	- Projeto Político Pedagógico
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFRGS	- Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNIPAMPA	- Universidade Federal do Pampa

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	17
1 INTRODUÇÃO	18
1.1 Problema da Pesquisa	19
1.2 Justificativa	19
2 OBJETIVOS	21
2.1 Objetivo Geral	21
2.2 Objetivos Específicos	21
3 REFERENCIAL TEÓRICO	22
3.1 Metodologia da Problematização e o Arco de Maguerez	22
3.2 Desenvolvimento Profissional Docente: breve enquadramento conceitual	24
3.3 Educação para a Sexualidade e sua importância no espaço escolar	26
4 METODOLOGIA	31
4.1 Caracterização do estudo	31
4.2 Características do local e dos participantes da pesquisa	31
4.2.1 Enquadramento da instituição de ensino	31
4.2.2 Caracterização do corpo discente	32
4.2.3 Caracterização do corpo docente	32
4.3 Critérios de Inclusão	34
4.4 Critérios de Exclusão	34
4.5 Coleta de dados e Aplicação da MP	34
4.6 Organização e Análise de dados	36
4.7 Preceitos éticos da pesquisa	36
5 RESULTADOS	38
5.1 Artigo 1 – A EDUCAÇÃO SEXUAL NOS DOCUMENTOS DAS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO E SUAS RESSIGNIFICAÇÕES	38
5.2 Artigo 2 – O SILÊNCIO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA FRENTE AO DESAFIO DA SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA	54

5.3 Artigo 3 – FACILIDADES E DIFICULDADES DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	75
5.4 Artigo 4 – CONTRIBUIÇÕES DA METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE EM EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE	93
5.5 Manuscrito 1 – A ABORDAGEM DO TEMA SEXUALIDADE NO CONVÍVIO FAMILIAR E NA ESCOLA: O QUE PENSAM AS FAMÍLIAS DOS ADOLESCENTES ESCOLARES?	115
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
7 PERSPECTIVAS	131
REFERÊNCIAS	132
APÊNDICES	135
APÊNDICE A – Carta de Encaminhamento	135
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	137
APÊNDICE C – Questionário para o Docente	140
APÊNDICE D – Questionário para o docente pós-desenvolvimento profissional docente	142
APÊNDICE E – Questionário para os pais e/ou responsáveis	143
APÊNDICE F – Certificado DPD	144
ANEXOS	145
ANEXO A – Carta de Anuência	145
ANEXO B – Parecer do CEP	146

APRESENTAÇÃO

Esta tese está organizada com a seguinte estrutura: INTRODUÇÃO, dividida em PROBLEMA DA PESQUISA e JUSTIFICATIVA. Em seguida são expostos os OBJETIVOS, subdivididos em Geral e Específicos. Na sequência apontamos o REFERENCIAL TEÓRICO, com discussões das literaturas pertinentes aos temas abordados, seguido da METODOLOGIA e RESULTADOS. Os resultados estão apresentados por artigos e manuscritos científicos que contemplam os cinco objetivos específicos do estudo. Para finalizar, apresentamos as CONSIDERAÇÕES FINAIS, onde tecemos interpretações e comentários gerais retomando todos os artigos e manuscritos contidos neste estudo. No item PERSPECTIVAS constam as propostas de planejamento para dar continuidade ao trabalho na área de educação para a sexualidade no contexto escolar. As REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS são integrantes dos itens Introdução e Referencial Teórico, uma vez que os artigos e manuscritos apresentam suas referências na própria estrutura. Por fim, os APÊNDICES e ANEXOS.

1 INTRODUÇÃO

O tema sexualidade ainda é permeado por uma influência cultural que envolve tabus, mitos, preconceitos, além de concepções distorcidas, o que pode dificultar que o diálogo sobre o tema entre os adultos de referência (pais, docentes) e os adolescentes. Desta maneira, desenvolver educação para a sexualidade ainda apresenta-se para os adultos de referência como grande desafio e resistência junto aos adolescentes. No ambiente familiar, os pais e /ou responsáveis ainda se sentem receosos e incomodados em dialogar sobre sexualidade levando à omissão de informações para tentar conter as dúvidas e ansiedades dos filhos acerca do assunto. Para Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013), tal atitude pode estar relacionada ao fato dos pais não terem vivenciado uma educação para a sexualidade emancipatória e acabam, portanto, reproduzindo os valores que lhes foram impostos ou oportunizados por outra geração, perpetuando a deseducação sexual.

Enquanto, no contexto escolar, conforme Barcelos e Jacobucci (2011) a temática da sexualidade tem se configurado como um desafio aos profissionais da educação, por inúmeras questões que envolvem desde as percepções dos professores sobre o assunto, as orientações religiosas e familiares e principalmente a falta de preparo.

Diante do exposto, os adolescentes acabam órfãos de uma formação estruturada para sua sexualidade, ficando expostos às vulnerabilidades como a gravidez não planejada, as infecções sexualmente transmissíveis - IST, entre outros problemas, como crimes sexuais. Logo, compreende-se que o papel da escola é abrir espaço para que a pluralidade de concepções, valores e crenças sobre sexualidade possa se expressar. Neste sentido, para Lanes et al. (2014) torna-se necessário que cada professor propicie um espaço para a abordagem de temas relevantes, atuais e principalmente que fazem parte do cotidiano dos estudantes. Ressalta-se que a escola não pode e nem deve ser a única responsável em educar sexualmente as crianças e adolescentes. Para Reis e Maia (2012) uma ação conjunta entre escola e família é fundamental se queremos, de fato, educar em sexualidade.

No entanto, Moreira et al (2011) destacam que a prática da educação para a sexualidade nas escolas tem sido um grande desafio para os professores, exigindo coragem e um bom grau de conhecimento técnico para pensar e abordar um tema delicado na sala de aula. Ainda para os autores, os professores costumam apresentar algum receio em trabalhar o tema sexualidade com seus alunos, alegando despreparo para conduzir as discussões. Lanes et al. (2013) complementam que precisamos trazer os professores para uma educação para a sexualidade emancipatória, fazendo-os refletir sobre os costumes repetidos acriticamente em

nossa sociedade. Questionando-os/as se os tabus, preconceitos e medos servem ainda para a realidade em que vivemos, tentando levar estes/as professores/as a falarem com naturalidade sobre a temática sexualidade.

Para tanto, é necessário que se tenha a compreensão de que o professor é um sujeito, membro dessa mesma sociedade na qual a sexualidade é exposta e que se conforma como um tabu (ALMEIDA, 2009). Logo, para que o professor possa assumir sua responsabilidade de agente transformador por meio do aperfeiçoamento, existe a necessidade do desenvolvimento profissional docente, o qual é apontada em vários estudos (JARDILINO E SAMPAIO, 2019; CARLOS MARCELO, 2014 e MANOEL E CABRAL, 2018). Destarte, é importante a adoção de uma estratégia para o desenvolvimento profissional docente que considere os saberes dos professores, possibilite um envolvimento coletivo e que possa tomar como ponto de partida o levantamento de problemas e soluções. Tais estratégias, são pontes que tornam os sujeitos protagonistas do processo de ensino e aprendizado.

No Brasil, a Metodologia da Problematização (MP) está sendo muito usada em pesquisas da área da saúde e educação, em que precisam ser criadas hipóteses e reflexões para uma possível ação (PERES ET AL, 2018). De acordo com Colombo e Berbel (2007), a MP é considerada como uma ferramenta importante para o processo de mudanças da realidade nas questões necessárias do espaço educacional. Nessa metodologia, a relação ação - reflexão-ação transformadora, é o ponto primordial para nortear o processo. É caracterizada como uma metodologia ativa, onde o sujeito é protagonista no processo de ensino – aprendizagem. No entanto, estudos com aplicação dessa metodologia para o desenvolvimento profissional docente em educação para a sexualidade, ainda carecem de avanços e aplicabilidade.

1.1 Problema da Pesquisa

A Metodologia da Problematização com base no Arco de Maguerez é uma estratégia pedagógica que contribui para o desenvolvimento profissional docente em educação para a sexualidade?

1.2 Justificativa

O meu interesse pelo tema é antigo e sempre esteve presente na minha trajetória profissional. Inicialmente como enfermeira da atenção básica de saúde, eu recebia frequentes convites para realizar atividades de educação em saúde sobre sexualidade nos espaços escolares no município de Belo Jardim, no qual pude observar como o tema causava inquietação, dúvidas

e curiosidades aos professores e estudantes. E como professora nos cursos de Bacharelado em Enfermagem e Técnico em Enfermagem, desenvolvi junto aos meus alunos e demais professores, projetos de pesquisa e extensão com temas sobre sexualidade na adolescência e educação para a sexualidade na escola.

Continuando minha formação, também desenvolvi minha pesquisa de mestrado intitulada: “Concepções de adolescentes acerca da sexualidade” e que teve como objetivo compreender as concepções dos (as) adolescentes escolares sobre sexualidade. Buscou-se identificar as diversas formas de acesso a esse conhecimento, buscando identificar os adultos de referência. Logo, verificamos que há pouca participação da escola na construção das concepções dos adolescentes sobre sexualidade e que a informação transmitida aos adolescentes, pelos adultos de referência, é abordada de forma simplista priorizando apenas as questões biológicas e anatômicas da sexualidade, sendo que as relações sociais e afetivas que envolvem a mesma não são abordadas.

Assim, julgamos que algumas situações contribuem para que os docentes apresentem dificuldades em abordar o tema sexualidade na sala de aula. Dentre elas, podemos citar a falta de conhecimento, em virtude da ausência do tema na formação inicial da maioria dos cursos de licenciatura, gerando insegurança aos docentes para abordar o tema no espaço escolar. Outra dificuldade que podemos citar está relacionada ao desconforto que o tema sexualidade desencadeia, pois ainda é um tema permeado por mitos, tabus e vergonha.

Diante deste contexto, foi desenvolvida minha tese de doutorado com o propósito de transpor essas barreiras que ainda se apresentam para a implementação da educação para a sexualidade na sala de aula. Assim, objetivou-se investigar o desenvolvimento profissional docente em educação para a sexualidade fundamentada na metodologia da problematização com o arco de Maguerez como estratégia pedagógica. Convém destacar que embora a MP já tenha sido objeto de estudo na formação inicial em curso de licenciatura, esta pesquisa inaugura este tipo de estudo no âmbito da formação continuada docente com enfoque na educação para a sexualidade no contexto escolar.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Avaliar a metodologia da problematização, com base no Arco de Maguerez, como estratégia pedagógica para o desenvolvimento profissional docente em educação para a sexualidade.

2.2 Objetivos Específicos

- Analisar os documentos legais que fomentam e promovem a inclusão da discussão e orientações sobre sexualidade e educação sexual no Brasil (ARTIGO 1)
- Conhecer as práticas docentes sobre a educação sexual (ARTIGO 2)
- Identificar as facilidades e dificuldades da educação para a sexualidade no contexto escolar (ARTIGO 3)
- Promover o desenvolvimento profissional docente com o tema educação para a sexualidade utilizando a metodologia da problematização. (ARTIGO 4)
- Identificar, a partir da intervenção realizada, as possíveis contribuições da metodologia da problematização com o Arco de Maguerez no DPD em educação para a sexualidade. (ARTIGO 4 e MANUSCRITO 2).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Metodologia da Problematização e o Arco de Maguerez

Romper com o processo de ensino – aprendizagem por meio da transmissão do conhecimento, tem sido motivo de inquietação e desafio para muitos profissionais da educação. Diante deste fato, inserir as metodologias ativas, em especial a metodologia da problematização neste processo, pode ser uma oportunidade de inovar a práxis pedagógica. Como cita Rodrigues, (2019).

A implementação de metodologias ativas e em especial a metodologia da problematização é relevante para consolidar práticas pedagógicas inovadoras, favorece e proporciona o trabalho com princípios relativos às abordagens interdisciplinares do conhecimento, desenvolvimento da autonomia, articulação teoria e prática (RODRIGUES, 2019, p.14532).

As metodologias ativas têm sido muito usadas na área de saúde e educação. Conforme Berbel (1998) a MP dá sua contribuição à educação, ao possibilitar a aplicação à realidade, pois desencadeia uma transformação do real. “Por identificar o problema na realidade e buscar a solução para ele, ela se presta, em primeiro lugar, para resolver problemas de trabalho, seja na educação seja em outros setores, ” (BERBEL,2014, p.63). Peres et. al. (2018) ressaltam que a MP tem grande impacto na formação de um sujeito crítico e reflexivo, capaz de transformar a sua realidade. Assim, na visão de Freire (1996) a formação é necessária não apenas para nos adaptarmos às situações do cotidiano, mas para intervir e recriar a realidade, transformando-a para melhor. Logo, para o desenvolvimento desse estudo, buscou-se utilizar a MP com o arco de Maguerez.

A Metodologia da Problematização com o arco Maguerez se utiliza de princípios pedagógicos que se consolidam na sua aplicação. Tem como ponto de partida observar a realidade, a partir de um tema ou unidade de estudo, para em seguida definir os problemas existentes. Nesse contexto, utilizaremos o esquema a seguir, elaborado por Bordenave & Pereira (1989), que permite visualizar as diferentes etapas da proposta de Maguerez:

Figura 1 – Representação do Arco de Maguerez



Fonte: Bordenave & Pereira (1989).

Como observado na figura 1, o processo de desenvolvimento do arco de Maguerez segue por meio de cinco etapas: a observação da realidade e a identificação do problema, os pontos-chave, a teorização, as hipóteses de solução e a aplicação à realidade. (Berbel 1995 apud Colombo e Berbel,2007) explica que o estudo / a pesquisa se dá a partir de um determinado aspecto da realidade.

Então, a primeira etapa é a da Observação da realidade e definição do problema. É o início de um processo de apropriação de informações pelos participantes que são levados a observar a realidade em si, com seus próprios olhos, e a identificar-lhes as características, a fim de, mediante os estudos, poderem contribuir para a transformação da realidade observada. Definido o problema a estudar/investigar, inicia-se uma reflexão acerca dos possíveis fatores e determinantes maiores relacionados ao problema, possibilitando uma maior compreensão da complexidade e da multideterminação do mesmo. Tal reflexão culminará na definição dos Pontos-chave do estudo, cuja investigação possibilitará uma nova reflexão sobre o mesmo [...] A terceira etapa – a da Teorização – é o momento de construir respostas mais elaboradas para o problema. Então se chega à quarta etapa – a das Hipóteses de Solução –, em que a criatividade e a originalidade devem ser bastante estimuladas para se pensar nas alternativas de solução. Por fim, a última etapa – a da Aplicação à Realidade – é aquela que possibilita o intervir, o exercitar, o manejar situações associadas à solução do problema (BERBEL,1995 apud COLOMBO e BERBEL,2007, p.125).

Colombo e Berbel (2007), inferem que essa metodologia tem como diferencial problematizar a própria realidade, tendo a mesma como ponto de partida e de chegada. As

autoras ressaltam que esta metodologia tem com a finalidade desenvolver o pensamento crítico e assim transformar a realidade. Rompendo com o modelo tradicional de ensino, pois busca o exercício da reflexão e criticidade, contribuindo para o aumento da autonomia dos envolvidos. A MP é considerada uma estratégia pedagógica inovadora. Cabe destacar que um dos pontos relevantes dessa metodologia é a valorização dos conhecimentos prévios dos estudantes, que de acordo com Berbel (1998) serão posteriormente confirmados ou reorganizados durante o estudo na etapa da teorização.

Nesse mesmo sentido, Peres et. al. (2018) acrescenta que a MP

Busca identificar os conhecimentos prévios dos alunos para, a partir desses conhecimentos, proporcionar momentos de interação do que já se sabe com a procura significativa de um conhecimento o mais perto possível do científico (PERES et al., 2018, p. 352).

Diante do exposto, optou-se por realizar um estudo baseado nos pressupostos teóricos da Metodologia da Problematização para o desenvolvimento profissional docente em educação para a sexualidade de professores do ensino fundamental nos anos finais. Conforme Fujita et al. (2016), essa metodologia pode ser vista como uma estratégia de ensino e de aprendizagem, que favorece a formação de um profissional mais crítico e com mais habilidades para enxergar os problemas e solucioná-los. Além disso, a metodologia da problematização com base no arco de Maguerez possibilita, por meio das etapas do arco, aprender de forma colaborativa, dialógica e participativa. Imbernón (2009) acredita que para que o desenvolvimento profissional docente tenha significado, é fundamental o uso de uma metodologia que favoreça o professor a aprender mediante a reflexão e a resolução de situações problemáticas da prática docente, e que possa aumentar a comunicação entre realidade social e o professorado.

3.2 Desenvolvimento Profissional Docente: breve enquadramento conceitual

O conceito de desenvolvimento profissional docente (DPD) tem se modificado nos últimos anos. Essa mudança justifica-se por considerar que o DPD compreende - se como algo mais amplo no processo ensino – aprendizagem (MARCELO,2009). O DPD constitui em um momento que o professor passa a construir novos conhecimentos e competências para melhorar sua prática docente, comprometendo-se ainda mais com os propósitos da educação de qualidade.

A escola é vista como um ambiente propício para o desenvolvimento profissional docente pois, é nesse espaço, que durante seu exercício profissional, o docente desenvolve suas competências e habilidades. Sobre essa inferência, Nascimento et al. (2019) afirmam que:

O contexto escolar em que o professor atua exerce um papel importante no favorecimento (ou não) do processo de desenvolvimento profissional, remetendo ao incentivo das instituições escolares para que os docentes invistam em seu processo de formação ao longo da vida, valorizando a aprendizagem cooperativa e a troca de saberes (NASCIMENTO et, al. 2019, p. 03).

Sobre isso, Manoel e Cabral (2018) reafirmam que ao experenciar sua prática docente, o professor vai construindo novos saberes, inclusive por meio da interação com outros professores. Ainda para os autores, o professor também tem a oportunidade de desenvolver-se profissionalmente a partir das dificuldades que surgem no cotidiano da escola, e ao rever sua prática pedagógica.

O professor deve ser, portanto, um eterno aprendiz, pois a sua formação não se restringe à formação inicial, mas prolonga-se durante o exercício da sua carreira. Ele aprende à medida que ensina. Aprende ao refletir sobre e na sua ação e, assim, ele desenvolve-se profissionalmente (MANOEL E CABRAL, 2019, p. 111).

Imbernón (2009), em seu livro *formação permanente do professorado: novas tendências*, ressalta que em virtude das mudanças ocorridas na sociedade contemporânea, torna-se necessário uma mudança na formação permanente do professor. Para o autor, cada vez mais tem aumentado a solicitação para que os professores também deem conta dos problemas relacionados ao contexto social, exigindo do professor o desenvolvimento de novas competências. Desse modo, Alves e Gonçalves (2016) destacam a importância do apoio das entidades como o Ministério da Educação – MEC, universidades e escolas no processo de oferta e acompanhamento para o DPD. É preciso criar condições necessárias para que os professores possam participar das atividades propostas de maneira efetiva. Estabelecer recursos financeiros e humanos, consolidar parcerias para elaboração de projetos e, sobretudo, assegurar a participação dos professores.

Referindo-se ao que se propõe o DPD, Jardimino e Sampaio (2019) destacam que ao planejar uma formação, esta deve estar associada à realidade e cotidiano escolar, além das inquietações e anseios demandados pelos professores. “A formação permanente do professorado deve incidir nas situações problemáticas do professorado” (IMBERNÓN, 2009). A citação a seguir corrobora com essa inferência ao argumentar que:

[...] as formações precisam ser pensadas conforme realidade e necessidades de professores baseadas no contexto dos educandos, nas situações-problemas que circundam a comunidade. Educadores precisam ter espaços onde possam refletir sobre seu fazer pedagógico, precisam oportunizar a construção desse espaço de reflexão, discussão, construção de sua prática (OLIVEIRA et al., 2019, p. 781).

Gemignani (2012) argumenta que isso ajuda a buscar, de modo criativo e adequado às necessidades da sociedade e a resolução dos problemas que emergem no dia a dia da escola. Deste ponto de vista, o desenvolvimento profissional docente pode ser entendido como uma atitude permanente de indagação, de formulação de questões e procura de soluções (MARCELO, 2009). Cabe destacar a importância de se pensar em qual alternativa metodológica será utilizada na realização do desenvolvimento profissional docente, visando motivar os professores a participarem e reflitam sobre sua prática docente, preferencialmente de maneira coletiva. “Há necessidade de se pensar em práticas formativas que transcendam um modelo tradicional de ensino, ou seja, aquele modelo centrado na figura do professor e na transmissão de conhecimento” (HOBOLD, 2018, p.433).

Considera-se imprescindível que no momento de planejamento, execução e avaliação do desenvolvimento profissional docente, os professores sejam convidados a participarem de todo o processo. Imbernón (2009) considera essa proposta como uma nova tendência na formação permanente do professorado. Para o autor, é preciso assumir uma perspectiva crítica na formação docente, possibilitando uma maior autonomia e intervenção direta do professorado.

3.3 Educação para a sexualidade e sua importância no espaço escolar

A educação para a sexualidade consiste no direito de toda pessoa de receber informações sobre corpo, sexualidade e relacionamento sexual, assim como, de expressar sentimentos, rever tabus, refletir e debater valores sobre tudo que está ligado ao sexo (NOGUEIRA et al., 2016 apud FIGUERÓ 2006). Logo, a escola é considerada um ambiente propício para o acesso, discussão e reflexão dessa temática.

A educação sexual no espaço escolar vem se apresentando como uma intervenção necessária, uma vez que contribui para a construção da personalidade dos indivíduos e oportuniza questionamentos, reflexões e discussões que resgatam a marca humana da sexualidade: amor, afeto, favorecendo a qualidade nas relações sexuais e sociais (BARBOSA et. al. 2019, p. 30).

É oportuno ressaltar que no decorrer da escrita dessa tese, optou-se por adotar pelo termo Educação para a sexualidade, pois concordamos com Anastácio (2018) que Educação para a Sexualidade expressa o processo educativo para o desenvolvimento de competências do indivíduo para o alcance de uma meta que é a vivência da sexualidade de forma saudável, segura, prazenteira, responsável e emocionalmente gratificante. No entanto,

nos primeiros artigos ainda consta o termo Educação sexual uma vez que foram aprovados pelos periódicos antes da conclusão dessa Tese.

Embora não exista no Brasil nenhuma legislação que regulamente a educação para a sexualidade nas escolas, temos alguns documentos que orientam a sua inserção e prática, sendo esses os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o Plano Nacional de Educação (PNE) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Os PCN, construídos no ano de 1997, trouxeram a orientação sexual como um tema transversal presente em todos os níveis de ensino. A intenção foi possibilitar um currículo flexível e aberto e que estimulasse um aprendizado das questões da vida real e assim intervir para transformá-la (BRASIL, 1998). Para além de conteúdos específicos, os PCN apresentam a educação para a sexualidade como uma proposta de trabalho que deve perpassar todos os ciclos de escolarização de maneira interdisciplinar, contribuindo para o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos e para a prevenção do abuso sexual e da gravidez indesejada.

Por conseguinte, no ano de 2001 foi elaborado o PNE (PNE/Lei 10.172/2001), que vigorou até o ano de 2010. No âmbito das questões de sexualidade, nos objetivos e metas para os cursos de formação docente, incluíam-se nas diretrizes curriculares os estudos dos temas relacionados às problemáticas tratadas nos temas transversais, especialmente no que se refere às abordagens tais como: gênero, educação para a sexualidade, ética, saúde e temas locais. Porém, o referido PNE não foi efetivamente aplicado e, sendo assim, muitos de seus objetivos e metas foram parcialmente alcançados ou não foram contemplados. Em 2014, um novo PNE foi aprovado, entretanto, no atual PNE, as questões de gênero e sexualidade sequer foram citadas. O referido documento limitou-se a um objetivo genérico de superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação (BRASIL 2014).

Em 2017, o Ministério da Educação apresentou a terceira versão da BNCC ao Conselho Nacional de Educação. A BNCC é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica (Brasil 2017). Quanto ao tema sexualidade, observa-se que na proposta da BNCC a temática foi reduzida a apenas uma disciplina (ciências), com ênfase na reprodução humana e no estudo de doenças sexualmente transmissíveis. Para Moura e Leite (2019) é nítida a divergência entre os PCN e a BNCC, pois enquanto o primeiro documento propõe a inserção do tema sexualidade no currículo de maneira transversal, a BNCC traz a proposta da temática para um único componente curricular,

contemplada apenas no oitavo ano da Educação Básica. Na contramão desta proposta, Cardoso, Silva e Silva (2016) destacam que ao abordar a sexualidade apenas com o foco preventivo de doenças, a educação para a sexualidade não serve a seu papel maior.

Diante do exposto, é relevante destacar que, entre um documento e outro, a sexualidade perdeu seu caráter educativo, no sentido mais amplo, ficando restrita aos aspectos biológicos, através de aulas de ciências, deixando de ser interdisciplinar para ser disciplinar. Nesta perspectiva, Hernandez (2016) alerta que negar o diálogo sobre sexualidade no contexto da escola implica efetivamente nos direitos fundamentais do cidadão, deixando-os à margem dos “padrões” heteronormativos, seguindo na contramão da Constituição Federal Brasileira. Dess forma, seguimos na compreensão de que os documentos norteadores das políticas públicas de educação precisam acolher discussões que possam garantir a pluralidade que permeia a sociedade contemporânea e possibilitar ambientes democráticos.

No contexto familiar, há uma tendência dos pais ou responsáveis negarem a responsabilidade de educar sexualmente os filhos e filhas por acreditarem que eles não têm idade para falar sobre do tema. Nesta perspectiva, para Gonçalves et al. (2013) é necessário que os adultos reconheçam que independentemente da idade, a sexualidade é uma característica que perpassa por todo o ser humano e as dúvidas dos jovens necessitam ser esclarecidas e discutidas, de maneira clara e objetiva para que possam vivenciar a sua sexualidade de forma digna e responsável. Assim, Moreira e Folmer (2011) enriquecem essa inferência ao colocar que os pais deveriam representar um “porto seguro” estando disponíveis através da presença, da escuta, incentivando o enfrentamento do novo e desconhecido, facilitando as gradativas conquistas.

Diante da dificuldade que a família sempre apresentou em abordar com seus filhos e filhas questões sobre sexualidade, Glagliotto e Lembeck, 2011 inferem que a educação para a sexualidade nos espaços educativos vem se apresentando como uma intervenção necessária, uma vez que oportuniza questionamentos, reflexões e discussões que resgatam a marca humana da sexualidade: amor, afeto, qualidade nas relações sexuais e sociais. Também houve um aumento na demanda, por partes dos profissionais da educação, por trabalhos na área da sexualidade, motivada pelo novo perfil sexual dos jovens e adolescentes, que tem se desenhado numa outra perspectiva, marcada pelo início da vida sexual, que tem ocorrido cada vez mais precocemente, sem a devida orientação. Conforme Silva, Lourdes, Barroso e Guedes (2015) esse fato tem ocasionado um notável crescimento no número de adolescentes que enfrentam uma gravidez não planejada, bem como, os riscos da contaminação pelo HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis.

Nesta perspectiva, para Martins et al (2011):

O espaço escolar é uma oportunidade importante de reflexão e discussão, ampliando o campo de conhecimento dos adolescentes sobre a sexualidade e a vulnerabilidade dessa fase de vida, em um espaço onde os adolescentes passam grande parte do dia e que lhes é familiar, favorecendo a expressão de suas dúvidas, medos e sentimentos (MARTINS ET AL, 2011).

Ainda sobre a função da escola, Furlanetto et al (2018) compreendem como espaço que cumpre uma função social, responsável pela evolução intelectual, física, social e cultural dos indivíduos. Sendo relevante que a escola contribua na formação do cidadão isento de preconceitos e atitudes excludentes. Mas, para que possamos avançar nas questões da educação sexual “a escola precisa ser vista como um espaço sexuado e a educação sexual seja tirada da marginalidade e colocada nas discussões curriculares” (RODRIGUES E SALLES,2011).

Ao trabalhar as questões relativas à sexualidade na escola, Martin e Plasa (2017) consideram um momento formativo importante da vida de cada indivíduo. No entanto, para que a educação sexual alcance o objetivo da promoção da saúde, prevenção de doenças e a construção da cidadania, Sousa e Coelho, (2014) inferem que é preciso trabalhar a saúde sexual com os adolescentes buscando estabelecer entre o profissional, o familiar e o adolescente um processo de construção participativa e efetiva que promova um ambiente de informações consistentes, formando vínculos e construindo o espírito de corresponsabilidade por todos.

O entendimento de uma boa educação para a sexualidade não se limita apenas a garantia preventiva, já fundamentalmente comprovada, mas também sobre como esse tópico pode ajudar no desenvolvimento de habilidades comunicativas, autoestima e capacidade de decisão, como abordado anteriormente. Um bom entendimento da sexualidade torna o indivíduo mais consciente de si e de seus pares (UNESCO, 2014). Logo, concordamos com Martin (2010), ao considerar a educação para a sexualidade como um importante caminho que contribui para que cada indivíduo olhe para dentro de si e para a sua formação enquanto pessoa humana. Cruz (2017) também aponta que a educação para a sexualidade contribui de forma significativa para uma sexualidade satisfatória e plural.

Apesar da necessidade premente de uma educação para a sexualidade no contexto escolar, e mesmo sendo um consenso entre estudiosos, observa-se que a prática encontra-se distante da realidade no chão da escola. Os professores ainda parecem apresentar dificuldades em abordar o tema com seus alunos. Essa dificuldade está relacionada à lacuna existente na formação inicial do futuro professor, e persiste durante seu exercício profissional. No entanto, Santos (2018) alega que é fundamental que docentes estejam preparados para lidar com essas questões em sua atuação profissional, sendo importante e urgente que haja investimento na formação docente nessa área.

Diante do exposto, reiteramos que a escola ocupa um lugar relevante na vida dos adolescentes, garantindo acesso às informações sobre temas relacionados à sexualidade. Corroborando com o exposto, Caldeira e Lopes, (2017) explicam que:

A ES em meio escolar configura a escola como local privilegiado para possibilitar aos jovens um aumento dos seus conhecimentos na área da sexualidade, bem como destaca a relevância do território educativo para a promoção de atitudes e comportamentos adequados e com menores riscos (CALDEIRA E LOPES, 2017, p.1149).

A escola deve ser também promotora de um espaço para o diálogo com os pais e profissionais de saúde frente às questões de sexualidade na adolescência, proporcionando informações científicas sobre o tema. Também é nítido que se faz necessário investir em políticas públicas que apoiem a inclusão do tema sexualidade e educação para a sexualidade nos currículos dos cursos de formação inicial dos professores, bem como a oferta e incentivo ao desenvolvimento profissional docente que contemple a temática.

4 METODOLOGIA

4.1 Caracterização do estudo

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo com abordagem qualitativa. Segundo Gil (2002) a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. O autor ressalta que o estudo descritivo tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno. Também foi realizada uma análise documental com perfil de pesquisa bibliográfica.

4.2 Características do local e dos participantes da pesquisa

A pesquisa foi realizada no Centro de Excelência Municipal – CEM, localizado no município do Belo Jardim. Participaram da primeira etapa da investigação vinte e dois docentes. E da segunda e terceira etapas vinte e um docente, das áreas de Português, Matemática, Ciências, História, Geografia e Religião que atuam do 6º ao 9º ano do ensino fundamental nos anos finais.

4.2.1 Enquadramento da instituição de ensino

O Centro de Excelência Municipal Professor José Vieira da Costa, foi municipalizado em 2009/2010, está localizado na PE 166 – Km 05 – Sítio Inhumas. Esta instituição de ensino não possui sede própria, funcionando nas dependências da Autarquia Municipal do Belo Jardim. Atualmente atende estudantes do Ensino Fundamental nos Anos Finais (6º ao 9º ano). Funciona no turno da manhã com o ensino regular e à tarde com atividades diversificadas de dança, prática de esportes, Educação Física e com o Programa Novo Mais Educação.

O Programa Novo Mais Educação, criado pela Portaria MEC nº 1.144/2016 é regido pela Resolução FNDE nº 17/2017. Trata-se de uma estratégia do Ministério da Educação que tem como objetivo melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental, por meio da ampliação da jornada escolar de crianças e adolescentes, otimizando o tempo de permanência dos estudantes na escola.

Figura 2 – Mapa de localização do CEM.



Fonte: Google Maps, 2018

4.2.2 Caracterização do corpo discente

De acordo com o Projeto Político Pedagógico do CEM (2018), a escola possui uma população estudantil de 823 alunos matriculados e distribuídos nas vinte e duas turmas entre as séries do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Quantitativo de estudantes por ano

6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	Total
190	250	240	143	823

Fonte: Projeto Político Pedagógico do CEM (2018).

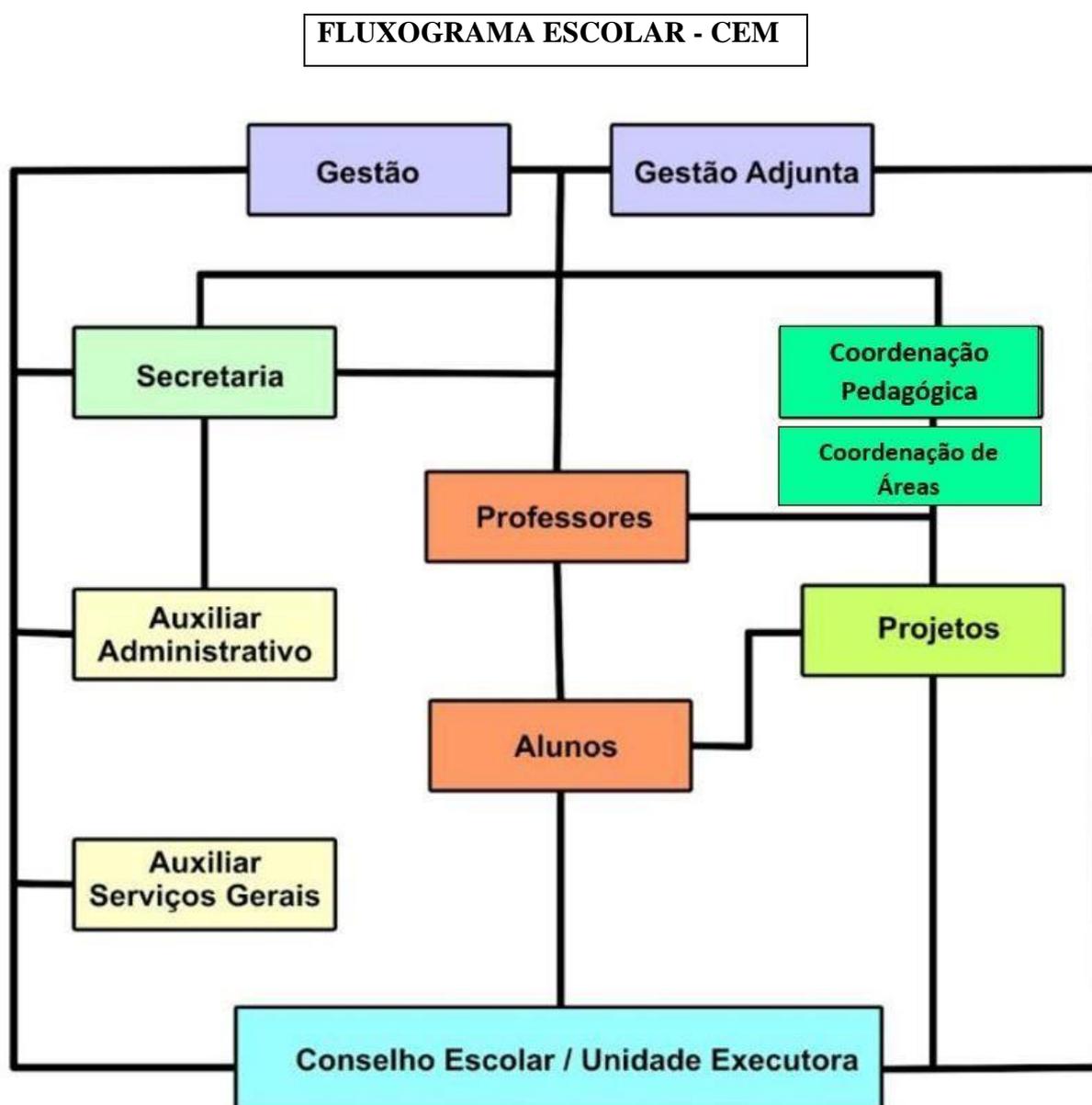
4.2.3 Caracterização do corpo docente

Conforme o PPP da escola, no ano de 2018 a escola possuía vinte e nove docentes, sendo esses formados nas áreas de licenciatura em letras, matemática, ciências biológicas, geografia e história. Quanto ao tempo de formados, os docentes desta pesquisa tinham entre 01 ano a 38 anos de formados. A faixa etária apresentada estava entre 28 anos a 53 anos. Quanto ao gênero, prevalece o feminino entre os docentes. Apesar de no Projeto Político Pedagógico

constar o número de vinte e nove docentes lotados na escola, cabe destacar que participaram do primeiro questionário vinte e dois docentes, pois, um docente não compareceu aos encontros destinados às atividades previstas para o desenvolvimento desta pesquisa, um docente estava afastado por licença médica e cinco estavam cedidos a outras escolas da rede municipal de Belo Jardim.

Quanto aos funcionários administrativos, incluindo a equipe técnico-pedagógica, no Projeto Político Pedagógico constava o total de vinte e cinco funcionários. A equipe técnico-pedagógica está demonstrada no fluxograma a seguir:

Figura 3 – FLUXOGRAMA ESCOLAR – CEM



4.3 Critérios de Inclusão

Ser docente do Centro de Excelência Municipal – CEM e ter assinado o TCLE

4.4 Critérios de Exclusão

Não ser docente do Centro de Excelência Municipal – CEM ou estar afastado das suas funções durante o período da coleta de dados.

4.5 Coleta de dados e Aplicação da MP

A análise documental foi fundamentada por meio da pesquisa dos documentos oficiais de políticas públicas da educação. Sendo esses documentos o PCNs, PNE e BNCC.

Quanto ao levantamento de dados junto aos professores/as ocorreu por meio de três fases, no período de março a novembro de 2018. A primeira fase foi por meio de um questionário (Apêndice C) autoaplicável, constituído por doze questões abertas. As questões iniciais versaram sobre a formação inicial, o tempo de docência, a área de atuação e quanto tempo trabalha na escola, a fim de estabelecer o perfil dos/as participantes. As demais questões foram direcionadas para o entendimento do que é educação para a sexualidade, como ocorre a prática da educação sexual em sala de aula e quais as dificuldades e facilidades para desenvolver a educação para a sexualidade na escola.

Cabe destacar que antes da coleta, foi realizado teste piloto com dois professores de uma outra instituição de ensino fundamental nos anos finais. O objetivo foi testar o instrumento de pesquisa em pequena escala, avaliando a clareza das perguntas e a eficácia do instrumento. De acordo com Hulley (2015) para realizar o teste piloto a quantidade de participantes não precisa ser superior a 10% da amostra.

A segunda fase consistiu na intervenção por meio do DPD em educação para a sexualidade por meio da MP com o Arco de Maguerez, sobre educação para a sexualidade para estimular discussões, reflexões e construções de novos conhecimentos acerca do tema em sala de aula.

Na intenção de dar base teórica de compreensão da Metodologia da Problematização e das etapas do Arco de Maguerez, foi realizada uma explanação antes do DPD. O Quadro 1 apresenta de maneira sucinta o planejamento e as atividades realizadas durante o desenvolvimento profissional docente utilizando o arco de Maguerez.

Quadro 2 – Planejamento e atividades realizadas no desenvolvimento profissional docente em educação para sexualidade.

Datas	Programação	Atividades realizadas
03/04	Apresentação da Metodologia da Problematização 1ª Etapa do Arco de Magueréz	Acolhimento dos professores; Explicação do conceito e etapas da MP e do arco de Magueréz, utilizando slides em Power point e Datashow; Formação dos grupos para observação da realidade e levantamento dos problemas; Apresentação/discussão dos grupos.
05/04	2ª Etapa do Arco de Magueréz	Formação dos grupos e reflexão sobre os possíveis fatores que influenciam a existência do problema elencado; Apresentação em painel aberto dos pontos-chave.
10/05 26/06 05/10	3ª Etapa do Arco de Magueréz	Entrega individual do artigo para estudo: “Educação Sexual no contexto familiar, escola: impasses e desafios” “Educação sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores; e “Práticas de educação sexual no cotidiano escolar: tecendo reflexões”; Roda de conversa para discussão e reflexão do artigo.
26/10	4ª Etapa do Arco de Magueréz	Levantamento das hipóteses de solução; Planejamento das atividades escolhidas.
21/11	5ª Etapa do Arco de Magueréz	Acolhimento dos pais e familiares/Abertura do evento; Apresentação teatral dos docentes para os pais; Coffee break; Roda de conversa com os pais e professores.

Fonte: elaborada pela autora (2019).

Após a realização de todas as etapas do Arco de Magueréz, foi realizada a terceira etapa da coleta de dados, solicitando aos docentes que respondessem um segundo questionário composto por seis perguntas abertas. As perguntas versavam sobre o conhecimento da MP e o arco de Magueréz, as potencialidades e fragilidades da MP e as contribuições do desenvolvimento profissional docente com a MP e o arco de Magueréz para a prática docente em educação para a sexualidade na escola. Utilizou-se também o diário de pesquisa como instrumento de coleta de dados, no qual eram anotados, pela pesquisadora, os comentários e observações de cada docente durante as apresentações dos grupos e nas rodas de conversa.

Os resultados dos dados obtidos por meio dos questionários (Apêndices C e D), são apresentados dentro dos artigos e manuscritos, bem como das atividades realizadas durante o desenvolvimento de cada etapa do arco de Maguerez

4.6 Organização e Análise de dados

Os dados foram organizados e analisados de acordo com a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin, tendo em vista sua ampla utilização para pesquisa qualitativa. Destacam-se três etapas básicas para o desenvolvimento desta técnica: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2011). Descritas a seguir.

Conforme Bardin (2011), a pré – análise constitui a fase da organização do material para ser analisado, tornando –o operacional. Nesta fase, ocorrem quatro etapas: a) leitura flutuante, que consiste em estabelecer contato com os documentos que serão analisados; b) escolhas dos documentos, onde será determinado o que será analisado; c) formulação das hipóteses e dos objetivos; d) referenciação dos índices e a elaboração dos indicadores.

A fase exploração do material é definida por Bardin (2011) como a mais longa, porém importante, pois consiste essencialmente na definição das categorias. A terceira fase definida como tratamento dos resultados, inferência e interpretação, os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos. É o momento de análise reflexiva e crítica.

Por fim, realizou-se a terceira etapa referente ao tratamento, inferência e interpretação, a fim de descobrir o significado da regularidade e, desse modo, revelar o conteúdo subjacente, os temas ou significados e as articulações entre os dados e o referencial utilizado na pesquisa (BARDIN, 2011).

4.7 Preceitos éticos da pesquisa

Para realização da presente pesquisa, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética e pesquisa da Autarquia Educacional de Belo Jardim, conforme determina a resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, tendo sido obtida aprovação por meio do parecer de aprovação: 442.434 (15/12/2017).

Antes de entregar os questionários aos participantes deste estudo, todos receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), sendo lido pela pesquisadora junto com os participantes e assinado pelos mesmos em duas vias, ficando uma cópia do TCLE sob a tutela da equipe de pesquisa e a outra via com os participantes.

É oportuno destacar que foi garantido o sigilo e preservado o anonimato de todos os participantes do estudo. A pesquisa possui riscos mínimos no que se refere ao constrangimento do pesquisado no momento da coleta de dados. Estes riscos foram minimizados através das informações dispensadas aos participantes da pesquisa quanto ao objetivo do estudo, assegurando o sigilo das respostas e fornecendo às pesquisadas informações referentes ao tema. Caso seja constatado danos decorrentes da coleta de dados, será garantida assistência multidisciplinar (psicólogo, enfermeiro) na rede pública de saúde aos pesquisados.

5 RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados da pesquisa obtidos a partir da revisão bibliográfica dos documentos oficiais PCNs, PNE e BNCC, análise dos questionários autoaplicados e do desenvolvimento profissional docente em educação para a sexualidade com a MP e o Arco de Maguerez. Os dados serão apresentados sob a forma de artigos e manuscrito, obedecendo a ordem dos objetivos específicos.

Cada artigo e manuscrito é apresentado, primeiramente uma figura da página inicial do periódico, em caso dos artigos, ou da submissão em caso dos manuscritos. Logo na sequência o artigo completo ou manuscrito é apresentado. Cada um desses textos encontra-se com a formatação do periódico ao qual foi submetido, por isso, há formatações distintas no decorrer das páginas.

5.1 Artigo 1 – A EDUCAÇÃO SEXUAL NOS DOCUMENTOS DAS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO E SUAS RESSIGNIFICAÇÕES

O artigo 1 contempla o objetivo 1 e foi publicado pela Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 11, n. 10, p. 1-10, 2019. Esse referido periódico foi avaliado com Qualis (CAPES) A2 na área de Ensino, referente à avaliação ocorrida no período de 2013 a 2016. O texto está disponível em Qualis (CAPES) B2 na área de Ensino. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e772.2019>

Este artigo buscou analisar os documentos legais que fomentaram e promoveram a inclusão das discussões e orientações sobre sexualidade e educação sexual no Brasil. O resultado da pesquisa foi de grande relevância, pois constatou-se a necessidade e urgência em progredir nas discussões dos avanços e retrocessos que permeiam a temática sexualidade e educação sexual nos documentos oficiais e modificarmos o atual cenário das propostas curriculares no Brasil.

A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações

Sex education in the education policy documents and their significance

La educación sexual en los documentos de las políticas de educación y sus resignificaciones

Luciana Uchôa Barbosa^{1*}, Cátia Silene Carrazoni Lopes Viçosa², Vanderlei Folmer².

RESUMO

A EDUCAÇÃO SEXUAL NOS DOCUMENTOS DAS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO E SUAS RESSIGNIFICAÇÕES

Sex education in the education policy documents and their significance

La educación sexual en los documentos de las políticas de educación y sus resignificaciones

Luciana Uchôa Barbosa^{1*}, Cátia Silene Carrazoni Lopes Viçosa², Vanderlei Folmer³

RESUMO

Objetivo: Analisar os documentos legais que fomentaram e promoveram a inclusão das discussões e orientações sobre sexualidade e educação sexual no Brasil. **Métodos:** Trata-se de estudo qualitativo, análise documental e pesquisa bibliográfica. **Resultados:** Os Parâmetros Curriculares Nacionais elaborados em 1997 trouxeram a orientação sexual como uma proposta de conhecimento e valorização dos direitos sexuais, reprodutivos, prevenção do abuso sexual e da gravidez indesejada. Em 2001 o Plano Nacional de Educação apresentou em seus objetivos e metas para os cursos de formação docente questões de sexualidade. Na versão 2014 – 2024 do PNE foi retirado do seu conteúdo o dispositivo que previa a orientação sexual nos contextos escolares. Em 2017 foi apresentada a Base Nacional Comum Curricular no qual o tema sexualidade no contexto escolar foi reduzido a reprodução e doenças sexualmente transmissíveis contemplada apenas na disciplina de Ciências no oitavo ano. **Considerações finais:** Observou-se que nos últimos documentos houve um mecanismo de interdição e silenciamento para controlar e regular a temática

¹Enfermeira, Doutoranda pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre (RS), Brasil. * E-mail: Luciana.uchoa@belojardim.ifpe.edu.br

²Graduada em Ciências da Natureza, Doutoranda pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Uruguaiana (RS), Brasil.

³Fisioterapeuta. Doutor, Professor na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Uruguaiana (RS), Brasil.

sexualidade na escola, refutando o direito à informação. Constatou-se a necessidade e urgência em progredir nas discussões dos avanços e retrocessos que permeiam a temática sexualidade e educação sexual nos documentos oficiais e modificarmos o atual cenário das propostas curriculares no Brasil.

Palavras-Chave: Educação sexual, Sexualidade, Ensino

ABSTRACT

Objective: To analyze the legal documents that fostered and promoted the inclusion of discussions and guidelines on sexuality and sexual education in Brazil. **Methods:** This is a qualitative study, documentary analysis and bibliographic research. **Results:** The National Curriculum Guidelines drawn up in 1997 brought sexual orientation as a proposal for knowledge and valorization of sexual and reproductive rights, prevention of sexual abuse and unwanted pregnancy. In 2001, the National Education Plan (PNE) introduced issues of sexuality in its objectives and goals for teacher training courses. In the 2014-2024 version of PNE, the device that envisaged sexual orientation in school contexts was removed from its content. In 2017, the National Common Curricular Base was introduced, where the issue of sexuality in the school context was limited to reproduction and sexually transmitted diseases, contemplated only in the subject of Sciences in the eighth year. **Final considerations:** We observed that there was a mechanism of prohibition and silencing to control and regulate the issue of sexuality in the school in the most recent documents, rebutting the right to information. We noted the urgent need to go ahead in the discussions of the advances and retreats permeating the issue of sexuality and sexual education in the official documents and to change the current scenario of the curricular proposals in Brazil.

Key words: Sex education, Sexuality, teaching

RESUMEN

Objetivo: Analizar los documentos legales que impulsaron y promovieron la inclusión de las discusiones y orientaciones sobre sexualidad y educación sexual en Brasil. **Métodos:** Se trata de estudio cualitativo, análisis documental e investigación bibliográfica. **Resultados:** Las Directrices Curriculares Nacionales preparadas en 1997 trajeron la orientación sexual como una propuesta de conocimiento y valorización de los derechos sexuales y reproductivos, prevención del abuso sexual y embarazo no deseado. En 2001, el Plan Nacional de Educación (PNE) presentó cuestiones de sexualidad en sus objetivos y metas para los cursos de formación de profesores. En la versión 2014-2024 del PNE, se eliminó de su contenido el dispositivo que preveía la orientación sexual en los contextos escolares. En 2017, se presentó la Base Nacional Común Curricular en la que el tema sexualidad en el contexto escolar fue reducido a la reproducción y enfermedades sexualmente transmisibles, contemplada solamente en la asignatura de Ciencias en el octavo año. **Consideraciones finales:** Se observó que en los últimos documentos hubo un mecanismo de prohibición y silenciación para controlar y regular la temática sexualidad en la escuela, rechazando el derecho a la información. Se constató la necesidad y urgencia en progresar en las discusiones de los avances y retrocesos que impregnan la temática sexualidad y educación sexual en los documentos oficiales y cambiar el actual escenario de las propuestas curriculares en Brasil.

Palabras clave: Educación sexual, Sexualidad, Enseñanza

INTRODUÇÃO

De acordo com Zompero AF et al. (2018), a educação para sexualidade é fundamental na formação do estudante, tanto no aspecto pessoal como social, e a escola deve contribuir para esta formação. Logo, compreende-se que os conceitos relacionados a orientação sexual devem ir além da reprodução humana e perpassar por conhecimentos que possibilitem aos educandos desenvolver habilidades e valores éticos para fazer escolhas saudáveis e respeitáveis sobre os relacionamentos, o sexo e a reprodução. A relevância desta abordagem na escola, conforme Borges AV et al. (2016) deve-se ao início da vida sexual cada vez mais precoce em adolescentes. Dados sobre o início da vida sexual dos adolescentes são apresentados por Malta DC (2011), pautados na Pesquisa Nacional de Saúde do Adolescente, no período de 2009 à 2012, no qual observaram, respectivamente, que 20,5% e 28,7% dos estudantes do 9º com idade entre 13 e 15 anos já tinham iniciado a vida sexual.

Assim, Moreira BRL e Folmer V (2015) enfatizam que a educação sexual é necessária na escola, porém, reconhecem que trabalhar com a educação sexual não tem sido tarefa fácil para os educadores. As dificuldades perpassam desde a falta de preparo pelos profissionais da educação, e o tema ser considerado tabu. Gava T e Villela W (2016), entendem que esses desafios atualmente ressurgem sob outro viés, no qual a legitimidade deste trabalho no ambiente escolar é colocada em xeque, tendo como pano de fundo o embate político e ideológico sob outro aspecto, em que reforça o papel do Estado na construção dos valores sociais e questiona a sua pertinência dentro do espaço escolar e na construção de valores juntos aos educandos.

Outro motivo que impossibilita a inserção da educação sexual na escola para Freitas M et al. (2017), é a falta de legislação que torne o tema obrigatório, no contexto escolar. Diferente do que ocorre no Brasil, na Europa a educação sexual nos currículos das escolas já existe a mais de meio século (EUROPEAN EXPERT GROUP ON SEXUALITY EDUCATION, 2015). Conforme Helmer J et al. (2015), países como a Finlândia e a Holanda são conhecidos por seus programas de educação em sexualidade no currículo escolar, apresentando baixas taxas de ISTs e gravidez na adolescência. Na América do Sul, a Argentina e Uruguai são exemplos de investimento nesta questão através de apontamentos em seus documentos oficiais, sobre a orientação sexual, prevenção da violência de gênero, igualdade de tratamento

e à não discriminação por qualquer condição ou circunstância sexual, pessoal ou social (LÓPEZ CR, 2015; BENEDET L e GÓMEZ LA, 2015).

Considerando que esse tema é de suma importância para a formação dos estudantes e também para a prática docente, este estudo é um recorte de uma pesquisa mais ampla de doutorado e teve como objetivo analisar os documentos legais que fomentaram e promoveram a inclusão das discussões e orientações sobre sexualidade e educação sexual no Brasil, as prerrogativas legais que os legitimam e como esses documentos foram sendo gestados, e assim buscamos respostas para nossas inquietações.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo qualitativo, caracterizado como análise documental com perfil de pesquisa bibliográfica. Este procedimento na perspectiva de Severino AJ (2007), consiste na leitura do documento embasada em referências teóricas por meio de distintas operações que visam estudar documentos no intuito de compreender diferentes circunstâncias.

A análise documental, amparada em Bardin L (2011), teve por objetivo investigar quais os direcionamentos apontados para a inclusão da Educação sexual no contexto da escolar nos seguintes documentos oficiais, conforme quadro 01:

Quadro 1: Documentos Oficiais

Documentos	Ano
Parâmetros Curriculares Nacionais Ciências da Natureza, 1º e 2º ciclos	1997
Parâmetros Curriculares Nacionais Temas Transversais Orientação Sexual	1998 e 2001
Plano Nacional de Educação – PNE	2001- 2010
Plano Nacional de Educação – PNE	2014- 2024
Base Nacional Comum Curricular - BNCC	2015;2016 e 2017

Fonte: Elaborado pelos autores, 2019.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Textos e contextos das relações de sexualidade com os documentos das políticas de educação

Embora não exista no Brasil nenhuma legislação que regulamenta a educação sexual nas escolas, cabe destacar alguns documentos que orientam a sua inserção e prática, os avanços e limitações no decorrer das construções e reformulações dos documentos norteadores. Elencamos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os Planos Nacionais de Educação (PNE) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no qual faremos um recorte de cada documento supracitado revelando o tratamento dado à questão da sexualidade e da educação sexual na escolar.

Desde a segunda metade dos anos 90, os temas relacionados à sexualidade passaram a fazer parte das discussões e preocupação do Ministério da Educação. Então, em 1997 foi elaborado os Parâmetros Curriculares Nacionais sendo referência nacional para construção dos currículos escolares considerando a educação como uma prática para formação do cidadão. Com a intenção de possibilitar um currículo flexível, aberto e que estimulasse um aprendizado das questões da vida real para transformá-la, os PCN trouxeram a orientação sexual como um tema transversal presente no ensino. (BRASIL, 1997).

O objetivo do documento era promover reflexões e discussões de técnicos, professores, equipes pedagógicas, pais e responsáveis, com a finalidade de sistematizar a ação pedagógica da escola no trato de questões da sexualidade (BRASIL, 1998). Conforme Almeida SA et al. (2011), essa inserção nos PCN teve por objetivo descentralizar o tema, polarizando o mesmo em diferentes campos disciplinares o que favoreceria abordagens pluralistas, interdisciplinares e privilegiando questões relativas à saúde, sexualidade, gênero e afetividade dos educandos.

Conforme descrito nos PCN “a orientação sexual” no contexto escolar contribui para o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos, prevenção do abuso sexual e da gravidez indesejada” (BRASIL, 1998). Podemos afirmar que foi nos PCN onde os temas gênero e sexualidade foram mais inseridos no contexto escolar. Silva OI et al. (2009) corroboram quando sinalizam que foi nesse

10.172/2001), documento que determinou diretrizes, metas e estratégias para a política educacional que vigorou até o ano de 2010. Nos objetivos e metas para os cursos de formação docente, incluíam-se nas diretrizes curriculares os estudos de temas relacionados às problemáticas tratadas nos temas transversais, especialmente no que se referem às abordagens de gênero, educação sexual, ética, saúde e temas locais. Porém, o referido PNE não foi permanentemente colocado em prática e muitos de seus objetivos e metas foram parcialmente ou não foram contemplados.

Na proposta de construir um novo PNE, previsto para 2011 – 2020, ocorreram em 2009 as Conferências Municipais e Estaduais, e no ano seguinte a Conferência Nacional de Educação para que a partir daí fosse elaborado o PNE. Observamos que sobre sexualidade, o tema foi contemplado no Eixo II, intitulado: Educação e Diversidade: Justiça Social, Inclusão e Direitos Humanos com as proposições e estratégias de que promovam a igualdade racial, de gênero, por orientação sexual e identidade de gênero, os direitos reprodutivos, de prevenção a abusos e exploração sexual (CONAE, 2014).

Entretanto, o que nos chama a atenção é por que no atual PNE 2014- 2024 as questões de gênero e sexualidade sequer foram citadas? O referido documento limitou-se a um objetivo superficial de superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação (BRASIL, 2014). Pino AMO (2017) destaca que a lei nº 13.005/14 que aprovou o PNE suprimiu qualquer menção a termos como gênero, orientação sexual e diversidade sexual deixando a mercê essas questões dentro da educação.

Para a Pino AMO (2017) em uma perspectiva transformadora:

[...]a educação é capaz de fornecer elementos para que possamos compreender as determinações do processo histórico da sociabilidade em que vivemos de forma a fortalecer a defesa da necessidade de superação dessa forma patriarcal-capitalista de organização da sociedade. Em outras palavras, a educação emancipatória, portanto, vinculada às lutas sociais, pode contribuir na formação de consciências críticas (PINO AMO, 2017. p. 22).

Para Groff AR et al (2015), a retirada destes conteúdos, configurou-se como um retrocesso no setor educacional. Evidenciando, segundo as autoras a força de um movimento fundamentalista no Brasil representado por deputados da chamada “bancada evangélica” e por deputados católicos conservadores que negam as múltiplas possibilidades de expressão da sexualidade e a perspectiva de uma educação inclusiva pautada nos direitos humanos.

As situações citadas nas estratégias da Meta 03 são representadas abaixo, conforme nuvem de palavras 02, porém no demais corpo do documento não é proposto de que maneira essas estratégias poderão ser cumpridas e/ou estabelecidas.

Nuvem de palavras 02: Meta 03- Estratégia PNE 2014-2024



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de leitura do PNE (BRASIL, 2014).

Para a Base Nacional Comum Curricular, apresentaremos uma linha do tempo da sua construção, destacando como o tema sexualidade e a educação sexual para o ensino no Brasil foram inseridos. A primeira versão da BNCC foi disponibilizada à consulta pública em setembro de 2015. Nesta versão os temas que perpassam pela sexualidade estiveram previstos em dois momentos do componente curricular de ciências, especificamente na unidade de conhecimento Vida: constituição e Reprodução, proposto para o nono ano do ensino fundamental com os componentes e o funcionamento do aparelho genital masculino e feminino e a proposta de compreender as mudanças físicas, fisiológicas e comportamentais ocorridas no processo de puberdade (BRASIL, 2015, p.182).

Em seguida temos a segunda versão da BNCC, apresentada no ano de 2016 pelo MEC. Ao buscarmos a inclusão do tema sexualidade no referido documento, encontramos na proposta para a Educação Infantil o seguinte texto:

“O corpo expressa e carrega consigo não somente características e físicas e biológicas, mas também marcas de nosso pertencimento social que repercutem em quem somos e nas experiências que temos em relação ao gênero, à etnia ou raça, à classe, à religião e à sexualidade” (BRASIL, 2016, p.69).

Na versão final da BNCC a temática sexualidade foi reduzida a disciplina de Ciências com ênfase na reprodução e doenças sexualmente transmissíveis e contemplada apenas no oitavo ano. Na contramão desta proposta, Cardoso FA et al. (2016) destacam que ao abordar a orientação sexual apenas com o foco preventivo de doenças, a educação sexual não serve a seu papel maior. Porém, Modesto MA (2018) entende que independente do que prega a BNCC é imprescindível que os documentos escolares contemplem essas questões, devido a sua relevância e urgência no contexto escolar.

Embora seja antiga a discussão relacionada a inserção da educação sexual no contexto escolar, segundo estudo realizado por Vianna C (2012), pesquisas científicas acerca da temática sexualidade nos documentos das políticas públicas de educação ainda não é tão expressiva, ficando as discussões e avanços prejudicados. Desta maneira, entendemos que é preciso reconhecer as produções de conhecimentos existentes, fortalecendo a concepção da necessidade de incluir o referido tema nos currículos das escolas.

Diante do exposto, destaca-se que ao longo da história da educação sexual, no século XX, ocorreram consideráveis conquistas e notáveis recuos, preservando-se o entendimento das tensões e conflitos que marcam a tomada de posição pública frente aos desafios de se estruturar e sedimentar políticas de educação sexual neste país. Sendo assim, podemos observar que, entre um documento e outro, a sexualidade perdeu seu caráter educativo, no sentido mais amplo, ficando restrita aos aspectos biológicos, através das aulas de ciências, deixando de ser interdisciplinar para ser disciplinar.

Para avançarmos se faz necessário e urgente rever os referidos documentos que apontam a exclusão das questões da sexualidade. Pois, refurtar as discussões sobre sexualidade nas escolas, segundo Hernandes MS (2016) contribuirá para o fortalecimento dos “padrões” heteronormativos, na qual hoje não corresponde mais a sociedade contemporânea.

Educação sexual, escola e o ensino de ciências

O ambiente escolar, segundo Soares RC e Rocha JC (2018) tem se apresentado como um espaço de convivência que promove interações sociais que contribuem com a formação cidadã, sendo propício para o desenvolvimento de estratégias e ações

que envolvam a realidade e contexto do educando. Essas indicativas discutidas pelos autores supracitados estão presentes nos PCN (BRASIL, 2001):

“Questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação” (BRASIL, 2001, p.08).

Para Moura AM et al. (2011) a proposta dos PCN é que o trabalho com foco na sexualidade deve considerar as emoções e noções sobre sexualidade do senso comum dos educandos e possibilitar reflexões e debates que assegurem a construção da autonomia dos sujeitos, a capacidade de discernimento e escolha quanto ao exercício de sua própria sexualidade. Logo, é importante que a escola garanta conhecimento científico de forma interdisciplinar aos alunos a fim de que possam lidar com a sua sexualidade de maneira segura, saudável, sem preconceito e tabu, conforme apontado pelo PCN.

No entanto, sabe-se que a interdisciplinaridade não é uma tarefa fácil. Pesquisa realizada por Shaw GSL et al. (2017) sobre interdisciplinaridade no ensino, apontaram que as dificuldades em trabalhar a interdisciplinaridade no contexto escolar são as condições de trabalho e a formação docente. O que demonstra uma formação docente inicial e continuada ainda frágil. Viçosa CSCL et al. (2018) apontam a necessidade de adoção de um novo olhar sobre a formação continuada de professores, a qual deve considerar em seus enfoques, independente da área de formação, temas pertinentes a construção de conhecimento de maneira integral, utilizando a interdisciplinaridade como forma de desenvolver propostas que contemplem o ambiente como um todo.

Assim, cabe ressaltar que para um ensino de ciências interdisciplinar não podemos permanecer com uma educação sexual restrita apenas às questões biológicas, mas uma educação sexual que possa além das temáticas preventivas como saúde sexual e reprodutiva, promover discussões que incluam os relacionamentos sociais, a cidadania e os direitos humanos, incluindo o respeito à diversidade sexual.

A formação docente em educação sexual na Base Nacional Comum Curricular

Conforme Franco N et al. (2018) o tema sexualidade ainda é considerado como tabu nas escolas, tornando -se um desafio para os docentes. Ao considerar este

desafio, Moreira BLR e Folmer V (2015) ressaltam que para uma abordagem de temas como sexualidade e educação sexual no contexto escolar, o docente precisa ter conhecimento. Pois, pesquisas realizadas por Paes DC et al. (2015) e Oliveira LTS et al. (2017) apontaram que um dos fatores que dificultam a educação sexual na escolar é a falta de conhecimento e formação para falar sobre a temática.

Está em construção pelo MEC uma proposta para a Base Nacional Comum da Formação de Professores da Educação Básica. A proposta prevê a formação inicial que orientará os currículos das instituições formadoras e redefinirá a formação continuada, tendo como eixo norteador para fundamentar e formular o documento, a BNCC (BRASIL, 2018). Essa proposta é criticada por alguns autores, como Carvalho e Martins (2018) que sinalizam que neste documento, além de não haver ações e diretrizes para formação efetiva de professores, bem como a valorização da carreira, falta um amplo debate com a sociedade e as entidades científicas. Corroborando com o exposto Cury CRJ et al. (2018), ressaltam ser desesperador a necessidade de um currículo básico para os professores saberem o que é esperado que os alunos aprendam em cada ciclo.

A Proposta para a Base Nacional Comum da Formação de Professores da Educação Básica apresenta como um dos seus focos o domínio dos conhecimentos previstos na BNCC e o domínio do conteúdo a ser ensinado (BRASIL,2018). Logo, inferimos que a formação de professores para educação sexual, embora não esteja explícito na versão preliminar da proposta do MEC, estará alinhada com os objetos de conhecimento Mecanismo reprodutivo e Sexualidade preconizado pela BNCC o oitavo ano na disciplina de ciências. Indicando uma proposta de formação docente limitada e que não leva em consideração o contexto cultural e o cotidiano dos estudantes.

Cabe ressaltar que não podemos fazer do chão da escola um terreno fértil para a reprodução de conceitos e práticas que negligenciam o tema sexualidade, assim como informações deturpadas e/ou superficiais, pois essas atitudes poderão trazer consequências negativas para os estudantes. Sobre essa inferência, Maio ER et al. (2018) destacam que a educação sexual deve ser abordada, de maneira que os estudantes possam ter uma visão holística da sexualidade e adotem comportamentos seguros e, sobretudo responsáveis.

Perspectivas para o avanço da educação sexual na escola

Tendo em vista o poder de transformação que a escola e seus respectivos professores têm, para que crianças e adolescentes, possam construir novas práticas e atitudes direcionadas ao respeito às diferenças e a formação de uma sociedade mais crítica e reflexiva ((ALVES AN, 2018). É essencial sensibilizar o poder público e a sociedade para os benefícios da educação sexual na vida das crianças, adolescentes e jovens nos aspectos biopsicossocial. Logo, é imprescindível que mais pesquisas sejam realizadas, pois a pesquisa educacional pode dar expressivas contribuições para melhor conhecer uma realidade envolta e também para identificar e avaliar boas políticas e práticas (MONTEIRO SA e RIBEIRO P, 2019).

Autores, como Nicolino AS e Paraíso MA (2018), fazem referência a importância de aliar educação e saúde no intuito de promover o tema sexualidade com ênfase na responsabilidade individual, quanto para a epidemiologia do risco, mobilizados pelo advento de infecções transmissíveis. Pesquisa realizada por Santos MKLF et al. (2018) com o objetivo de realizar estratégias de educação sexual a partir da percepção de estudantes de uma escola pública, evidenciou-se a importância da intervenção dos profissionais da saúde, articuladas com a escola e principalmente com a família proporcionando conversas, palestras e reflexões contemplando os temas Sexualidade e Saúde Reprodutiva (SANTOS MKLF et al.,2018).

Quanto as práticas de ensino é preciso ressignificar alguns modelos. Sarmiento SS et al.(2018), inferem que durante o ensino da educação sexual o docente deve trabalhar com a prática do diálogo, sem julgamentos para que os alunos sintam-se acolhidos em uma relação de respeito e confiança. No entanto, é necessário que os docentes estejam preparados e seguros para essa abordagem. Para Zerbinati JP e Bruns MAT (2017) uma formação continuada para docentes em educação sexual possibilitará um ensino dos temas de sexualidade com um viés multidisciplinar e que atenda as necessidades da realidade dos estudantes, além de garantir acesso a um conhecimento seguro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Revisitar os documentos legais que amparam as políticas públicas de educação permitiu observar que a através dos últimos documentos o governo tem

utilizado do mecanismo de interdição e silenciamento para controlar e regular o que, como e quando falar sobre sexualidade nas escolas, refutando o direito à informação. Entendemos que desconstruir as práticas pedagógicas executadas há anos e inserir uma nova prática não é algo simples. Mas, precisamos buscar soluções para as demandas das questões contemporâneas e, sobretudo do cotidiano dos estudantes. É necessário sair da zona de conforto e agir com urgência para modificarmos o atual cenário das propostas curriculares no Brasil. Considerando a relevância do tema faz-se mister progredir nas discussões acerca dos avanços e retrocessos que permeiam a temática sexualidade e educação sexual nos documentos oficiais, para que possamos caminhar rumo a uma educação que possa formar cidadãos responsáveis, livres de preconceitos e tabus e que saibam, sobretudo, respeitar as diferenças.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA SA, et al. Orientação sexual nas escolas: fato ou anseio? *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 2011;32(1):107-113.
2. ALVES AN. Práticas discursivas sobre a sexualidade na escola: identidade em (des) construção. *Linguagem & Ensino*, 2018; 21, 349-366.
3. BARDIN L. Análise de conteúdo. 3 ed. Lisboa: Edições 70. 2011.
4. BENEDET L, GÓMEZ LA. La educación sexual en Uruguay: enfoques en disputa en la genealogía de la política pública. *Revista Temas De Educación*, 2015; 21(1):11-30.
5. BORGES AV, et al. ERICA: início da vida sexual e contracepção em adolescentes brasileiros. *Revista de Saúde Pública*, 2016; 50(15):1-11.
6. BRASIL. 2015. Nota Técnica n. 24/2015. Brasília: Ministério da Educação.
7. BRASIL. 2016. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Segunda versão revista. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2016.
8. BRASIL. 2001. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural: orientação sexual. 3ª ed. Brasília: Ministério da Educação.
9. BRASIL. 1998. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: orientação sexual. Brasília: MEC /SEF.
10. BRASIL. Plano Nacional de Educação - PNE. Plano Nacional de Educação 2014-2024 [recurso eletrônico]: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 86 p. – (Série legislação; n. 125)
11. BRASIL. 2017. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Terceira versão revista, Brasília.
12. CARDOSO FA, et al. Uma análise dos PCN Orientação Sexual dezoito anos depois. *Cadernos de Pesquisa: pensamento educacional*, 2016; 11(28):211-225.
13. CARVALHO, LS; MARTINS, AFP. Formação de professores de ciências a partir da perspectiva do desenvolvimento profissional. *Revista Pesquisa e Debate em Educação*, 2018; 08 (02): 216-242.

14. CAMPOS LML. Gênero e diversidade sexual na escola: a urgência da reconstrução de sentidos e de práticas. *Ciência & Educação (Bauru)*, 2015; 21(4): I – IV.
15. CURY, CRJ, et al. Base Nacional Comum Curricular: dilemas e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2018.144p.
16. European Expert Group on Sexuality Education. Sexuality education – what is it?. *Sex Education*, 2016; 16(4): 427-431.
17. FREITAS M, et al. Curso de formação de professores (as) por meio do programa educação sexual em debate na Rádio UDESC FM 100.1 Florianópolis: algumas reflexões sobre os caminhos percorridos. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 2017; 12(2): 1130-1141.
18. GAVA T, VILLELA W. Educação em Sexualidade: desafios políticos e práticos para a escolar. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, 2016; 24: 157-171.
19. GROFF AR et al. A educação sexual e a formação de professores/as um convite ao dissenso. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 2015; 10: 1431-1444.
20. HELMER J, et al. **Sexual Health for Young People: Making Sexuality Education a Priority. *Sex Education: Sexuality, Society and Learning*, 2015; 15(2):158-171.**
21. HERNANDES MS. O silenciamento da discussão de gênero e sexualidade nas escolas: a inconstitucionalidade da omissão. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gênero e Diversidade na Escola) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016; 61p.
22. LÓPEZ CR. Evolución y desarrollo actual de los Temas Transversales: posibilidades y limites. *Foro de Educación*, 2015; 13(18): 143-160.
23. MAIO ER, et al. Formação em gênero e educação para a sexualidade: considerações acerca do papel da escola. *Revista Nupem*, 2018; 10(20): 51-62.
24. MALTA DC, et al. Saúde sexual dos adolescentes segundo a Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. *Revista Brasileira Epidemiol*, 2011; 14(1): 147-156.
25. MONTEIRO SA, RIBEIRO P. Linguagem, comunicação e educação sexual integradas aos direitos humanos e à cidadania na escola. *Revista de Educação do Vale do São Francisco*, 2019; 8(17):1-20.
26. MODESTO MA. BNCC, transversalidade, meio ambiente e ensino de história: elementos para um diálogo entre história e a pedagogia. *Boletim historiar*, 2018; 05(3): 14-28.
27. MOURA AM, et al. Possíveis contribuições da psicologia para a educação sexual em contexto escolar. *Revista Psicologia Argumento*, 2011; 29(67): 437-446.
28. MOREIRA BLR, FOLMER V. Percepções de professores de ciências e educação física acerca da educação sexual na escola. *Experiências em Ensino de Ciências*, 2015; 10(3):18-30.
29. NICOLINO AS, PARAÍSO MA. Escolarização da sexualidade: o silêncio como prática pedagógica da Educação Física. *Revista Movimento*, 2018; 24(1):93-106.
30. PINO AMO. Diversidade sexual e educação: uma relação de desafios e possibilidades. Natal: IFRN, 2017. 192.
31. SANTOS MKLF, et al. Estratégias de educação sexual a partir da percepção de estudantes de uma escola pública. *Arq Med Hosp Fac Cienc Med Santa Casa São Paulo*. 2018; 63(2):90-5.
32. SARMENTO SS, et al. Estratégias metodológicas nas abordagens sobre IST no ensino fundamental. *REVASF*, 2018; 8(7):83-99.

33. SEVERINO AJ. Metodologia do Trabalho Científico. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.
34. SOARES RC, ROCHA JC. Escola e comunidade: saberes e práticas na construção da cidadania. Revista Educação e Ciências Sociais, 2018;1(.1):08-19.
35. SHAW GSL, et al. Uma revisão sobre a interdisciplinaridade no ensino e a formação de professores. Revista Ciências & Ideias, 2017; 8(1):202-230.
36. VIANNA C. Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: um diálogo com a produção acadêmica. Pro-Posições, 2012; 23(2):127-143.
37. VIÇOSA CSCL et al. Desafio da formação continuada em abordagens acerca do meio ambiente em uma perspectiva interdisciplinar. Revista Interdisciplinaridade, 2018; 12:83-101.
38. ZERBINATI JP, BRUNS MAT. Sexualidade e educação: revisão sistemática da literatura científica nacional. Travessias, 2017; 11(1):76-92.
39. ZOMPERO AF, et al. A temática sexualidade nas propostas Curriculares no Brasil. Revista Ciências & Ideias, 2018; 9(1):101-114.

5.2 Artigo 2 – O SILÊNCIO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA FRENTE AO DESAFIO DA SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Este artigo contemplou o objetivo específico 1 e foi publicado pela Revista Ensino, saúde e ambiente, v.12 (2), pp. 31-49, ago. 2019. Esse referido periódico foi avaliado com Qualis (CAPES) A2 na área de Ensino, referente à avaliação ocorrida no período de 2013 a 2016. O texto está disponível em: <http://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/article/view/21625>.

Este artigo apresenta resultados referentes à prática dos professores quanto à educação sexual e como é realizada. A pesquisa foi realizada no início do estudo e permitiu conhecer como ocorria a abordagem de educação para a sexualidade pelos professores no contexto escolar.

Ensino, Saúde e Ambiente - V.12 (2), pp. 31-49, Ago. 2019

ENSINO, SAÚDE E AMBIENTE

O Silêncio da Família e da Escola Frente ao Desafio da Sexualidade na Adolescência

The Silence of Family and School at the Challenge of Sexuality in Adolescence

Luciana Uchôa Barbosa¹; Cátia Silene Carrazoni Lopes Viçosa²; Bernardina Santos Araújo de Sousa³; Vanderlei Folmer⁴

O Silêncio da Família e da Escola Frente ao Desafio da Sexualidade na Adolescência

THE SILENCE OF FAMILY AND SCHOOL AT THE CHALLENGE OF SEXUALITY IN ADOLESCENCE

Luciana Uchôa Barbosa¹; Cátia Silene Carrazoni Lopes Viçosa²; Bernardina Santos Araújo de Sousa³; Vanderlei Folmer⁴

1 Doutoranda em Educação em Ciências, Instituto Federal de Pernambuco, Belo Jardim, Pernambuco, Brasil
luciana.uchoa@belojardim.ifpe.edu.br /ORCID 0000-0002-3351-2075

2 Doutoranda em Educação em Ciências, Universidade Federal do Pampa, Uruguaiana, Rio Grande do Sul, Brasil
catialopes00@hotmail.com / ORCID 0000-0002-690

3 Doutora em Educação, Instituto Federal de Pernambuco, Belo Jardim, Pernambuco, Brasil
bernardina.araujo@belojardim.ifpe.edu.br, /ORCID 0000-0002-8719-1588

4 Doutor em Ciências Biológicas, Universidade Federal do Pampa, Uruguaiana, Rio Grande do Sul, Brasil
vanderleifolmer@unipampa.edu.br, / ORCID 0000-0001-6940-9080

Recebido em 07/05/2018. Publicado em agosto/2019

RESUMO

Este trabalho objetivou pesquisar a concepção de educandos dos anos finais (6º ao 9º) do ensino Fundamental, sobre sexualidade, a abordagem de pais ou responsáveis e a escola sobre essa questão, buscando identificar a principal fonte de informação sobre essas discussões. Assim como, identificar o desenvolvimento da educação sexual na escola. A pesquisa caracteriza-se por ser qualitativa, como instrumentos de coleta de dados utilizou-se questionários com questões fechadas e abertas e a análise dos dados foi utilizada a Análise de Conteúdo de Bardin. Os resultados indicaram que a maioria das concepções sobre o que é sexualidade não condiz com o conceito científico do termo, relacionando – o ao ato sexual, infecções sexualmente transmissíveis e afetividade. Apontaram também que pais e responsáveis abordam essa questão de maneira tímida e com tabus e que as informações atuais que possuem sobre essa questão advêm de diversas fontes. Conclui-se assim, que o tema sexualidade, apesar ser amplamente discutido na academia, no espaço familiar, na educação básica e na sociedade como um todo é incipiente e distorcido. Desta forma, percebeu-se uma abordagem fragilizada referente à sexualidade, direcionada para os aspectos preventivos e biologizados, perpetuando o silêncio das discussões acerca da sexualidade na adolescência. Sendo necessário ampliar as discussões sobre o conceito de sexualidade, na promoção da saúde e prevenção dos riscos e vulnerabilidades inerentes à adolescência.

Palavras-chave: Sexualidade. Adolescente. Professor. Família.

ABSTRACT

This work aimed to investigate the conception of students from the final years (6th to 9th) of Elementary education, about sexuality, the approach of parents or guardians and the school about this issue, seeking to identify the main source of information about these discussions. As well as, identify the development of sex education in school. The research is characterized by being qualitative, as a data collection instrument was used questionnaires with closed and open questions and the data analysis was used the Bardin Content Analysis. The results indicated that most conceptions about what sexuality does not fit the scientific concept of the term, relating it to the sexual act, sexually transmitted infections and affectivity. They also pointed out that parents and guardians approach this issue in a timid and taboo manner and that the current information they have on this issue comes from a variety of sources. We conclude that the topic sexuality, although widely discussed in academia, family space, basic education and society as a whole are incipient and distorted. In this way, a fragilized approach regarding sexuality, directed to the preventive and biological aspects, was perceived, perpetuating the silence of the discussions about the sexuality in adolescence. It is necessary to broaden the discussions on the concept of sexuality, in the promotion of health and prevention of the risks and vulnerabilities inherent to adolescence.

Keywords: Sexuality. Teenager. Teacher. Family.

INTRODUÇÃO

Discussões acerca da sexualidade são de extrema relevância, pois a insegurança dos adolescentes quanto a esse tema, associada à falta de informação, ainda prevalece, até mesmo, nos dias atuais. Diante dessa constatação, torna-se mister assumir compromissos educativos com a supracitada pauta, ou seja, torna-se urgente e necessário possibilitar ou fortalecer uma aproximação entre adolescentes e adultos de referência (professores/responsáveis e profissionais da saúde) a fim de reduzir as vulnerabilidades às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), à gravidez não planejada, ao aborto inseguro, pois, é no decurso dessa trajetória que o adolescente passa por mudanças e enfrentamentos sociais, que poderão repercutir em sua vida, dependendo do contexto em que esteja inserido.

A urgente necessidade em favorecer a citada aproximação entre adolescentes e adultos de referência no trato com o tema, sexualidade, ocorre em virtude de que a adolescência, por representar uma fase de transição e fortes conflitos, entre a infância e a vida adulta, caracteriza-se como sendo fortemente marcada por intensas mudanças de natureza biopsicossocial.

Conforme Moreira e Folmer (2011), tais mudanças podem desencadear profundas tensões e inseguranças para os adolescentes, porque é nesse ínterim que esses indivíduos se apresentam necessitados de que os adultos possam entender as questões que permeiam essa

transição e enfim, acolhê-los e ouvi-los. A citação abaixo apresentada corrobora com essa discussão ao asseverar que:

A adolescência constitui-se em uma fase singular da vida, que está conectada à experiências da infância e às potencialidades inerentes ao indivíduo adulto, o que a caracteriza como um período de significativas transformações. Essa transitoriedade apoia-se na proposição de que a maior parte das experiências dos adolescentes esteja ligada à preparação para o ingresso na vida adulta (RESSEL *et al.*, 2011, p.246).

Cabe ressaltar que dentre as modificações apresentadas na adolescência, destacam-se aquelas relacionadas à sexualidade. Assim, para Poersch *et al.* (2015), a adolescência é uma fase que envolve mudanças biopsicossociais marcadas por conflitos com a própria imagem corporal, incluindo também a sexualidade.

Logo, a sexualidade é um componente intrínseco à pessoa, superando as fronteiras do biológico, revelando-se, também, como um fenômeno psicológico, cultural e social, influenciado pelas crenças, valores pessoais, familiares, normas morais e tabus da sociedade (NOTHAFT *et al.*, 2014). Para Gonçalves *et al.* (2013) a educação sexual em um primeiro momento é de responsabilidade da família, devendo ter continuidade no espaço escolar, porém existe uma tendência de recuo de pais ou responsáveis diante da responsabilidade de educar sexualmente os/as adolescentes que estão sob sua tutela. Essa tendência pode estar relacionada ao fato de acreditarem que esses indivíduos não têm idade para falarem sobre o tema.

Diante desse contexto, Gonçalves *et al.* (2013) colaboram com a presente discussão ao apontarem que se faz necessário que os adultos reconheçam que, independentemente, da idade do/da adolescente, a sexualidade é uma dimensão inerente à vida humana, por isso, perpassa a trajetória de todo ser humano. Desse modo, as dúvidas dessa população necessitam ser esclarecidas, assumidas e encaradas com responsabilidade, discutidas de maneira objetiva, orientando-a para que possa vivenciar a sua sexualidade de forma digna, responsável e segura.

Em Maciel *et al.* (2014), encontra-se sobre a proposta de uma educação sexual, a seguinte consideração:

Conhecer a realidade vivenciada e a percepção dos adolescentes sobre sua sexualidade deve ser o primeiro passo na elaboração de uma programação de ações educativas, problematizadoras e voltadas para o autocuidado corroborando uma proposta emancipatória, criativa e humanizada, correspondente à educação progressista, que rompe com a formação voltada para o modelo de assistência biomédico e autoritário (MACIEL *et al.*, 2014, p. 67).

Quanto ao contexto escolar, houve um aumento na demanda por trabalhos na área da sexualidade, motivada pelo novo perfil sexual dos jovens e adolescentes, que têm se desenhado noutra perspectiva, marcada pelo início da vida sexual, que tem ocorrido cada vez mais precocemente, sem que ocorra a devida orientação. Consequentemente, esse fato tem

ocasionado um notável crescimento no número de adolescentes que enfrentam uma gravidez não planejada, bem como, os riscos da contaminação pelo HIV e outras Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs).

Na Europa, a educação sexual é contemplada nos currículos das escolas há mais de meio século (EUROPEAN EXPERT GROUP ON SEXUALITY EDUCATION, 2015). De acordo com Helmer *et al.* (2015), a Finlândia e a Holanda são conhecidas pelos consistentes programas de educação em sexualidade, tratados pela cultura escolar, como campo de conhecimento. Esses países costumam apresentar baixas taxas de DSTs e gravidez na adolescência.

Diante do exposto, logo, percebe-se que a implementação da Educação Sexual já na adolescência, faz-se necessária a fim de promover atitudes e relacionamentos sexuais saudáveis, considerando que a mesma deverá compor um projeto de educação integral do indivíduo.

No Brasil, em termos de política curricular, a questão é tratada, timidamente, nos temas transversais, sob a denominação de Orientação Sexual. Entretanto, em pesquisa realizada por Lara *et al.* (2015), é notável a grande dificuldade que os professores têm em trabalhar, em seus conteúdos, questões relacionadas aos temas transversais, a interdisciplinaridade, a discussão sobre temas do cotidiano e de interesse dos alunos.

Na concepção de Savegnago e Arpino (2014) o tema sexualidade no espaço escolar assume uma considerável relevância no cenário contemporâneo:

Existe uma preocupação dos pais com os filhos perante os problemas da sociedade atual, mas eles não se sentem preparados para debater e conversar a respeito de questões relacionadas à sexualidade por considerá-las delicadas – o que a distância dos filhos adolescentes. Muitos acreditam que os professores estão mais preparados do que eles para trabalhar o tema da sexualidade com os adolescentes, e por isso delegam à escola essa tarefa (SAVEGNAGO e ARPINI, 2014, p. 928).

Corroborando, Martins *et al.* (2011), infere que no espaço escolar as práticas educativas favorecem reflexões e discussões que ampliam o campo de conhecimento ao abordar questões do seu cotidiano, entre elas, a sexualidade e as vulnerabilidades, geralmente, apresentadas nessa fase de vida, como por exemplo, a gravidez não planejada e o risco de contrair uma Infecção Sexualmente Transmissível. Nesse sentido, abordar a sexualidade como parte inseparável do sujeito, principalmente dos adolescentes, que estão em uma fase de curiosidade e descobertas, é permitir a esses sujeitos a oportunidade de entenderem e elaborarem suas vontades e desejos. Desta maneira, possibilitando, conforme Ferreira *et al.* (2014) a formação de cidadãos mais críticos e responsáveis consigo mesmos e com os outros.

Diante de tal contexto, o presente artigo é um recorte de uma pesquisa mais ampla, tecida no mestrado e doutorado, tendo por objetivo apresentar a concepção de adolescentes, vinculados à segunda etapa ou anos finais (6º ao 9º) do ensino fundamental, sobre sexualidade, contemplando, também, a abordagem de pais ou responsáveis e da escola sobre essa questão, identificar a principal fonte de informação sobre essas discussões, bem como verificar como são desenvolvidas as práticas docentes em educação sexual nas escolas pesquisadas.

METODOLOGIA

Este estudo caracterizou-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, envolvendo a observação participante, foi realizada em duas cidades interioranas, localizadas nos estados de Pernambuco e Rio Grande do Sul. Utilizou-se como ferramenta de coletas de dados o questionário, sendo um estruturado para os escolares e outro para os professores. Contemplaram perguntas abertas e fechadas, foram aplicados após a assinatura do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido – TCLE, pelos professores e pais; o Termo de Assentimento, pelos/as adolescentes.

Destaca-se que quarenta e dois TCLEs foram entregues aos pais ou responsáveis, retornaram trinta e nove, devidamente assinados, autorizando a participação dos menores de idade na pesquisa. Sobre os três não autorizados, dois destes pais não autorizaram, alegando que seus filhos não tinham idade para falar sobre essa temática; o outro, faltou à escola no dia da aplicação dos questionários e entrega do termo autorizativo. Em relação aos docentes, participaram do estudo vinte e dois professores, vinculados a diferentes áreas do conhecimento. Esta pesquisa atendeu à Resolução nº 466/12 da Comissão de Ética do Conselho

Nacional de Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos e foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Autarquia Educacional do Belo Jardim -AEB, para avaliação de sua viabilidade, tendo sido obtida aprovação por meio do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 30974514.6.000.5189 e Parecer de aprovação: 828.470 (09/10/2014). As questões contempladas no instrumento de coletas de dados, elaborado para os escolares, foram estruturadas conforme demonstração no quadro abaixo:

Quadro 01: Questionário para os educandos

Questão	Resposta
O que você entende por sexualidade?	
Seus pais ou responsáveis conversam com você sobre sexualidade?	<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não
As informações que você sabe sobre sexualidade hoje, você aprendeu?	<input type="checkbox"/> Com pais ou responsáveis <input type="checkbox"/> Com seus amigos/as <input type="checkbox"/> Na escola durante aula de diferentes disciplinas <input type="checkbox"/> Na igreja <input type="checkbox"/> Outros _____

Fonte: Elaborado pelos autores (2018)

Já as questões presentes nos questionários dos docentes foram estruturadas conforme quadro abaixo demonstrado:

Quadro 02: Questionário para os professores

Questão	Resposta
Na escola onde você leciona é desenvolvida alguma atividade de educação sexual com os estudantes? Caso sim: Quem desenvolve? Quais os temas abordados?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Você já trabalhou e/ou trabalha com o tema educação sexual na sala de aula? a) Como é desenvolvido o trabalho?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Você já participou de alguma formação para trabalhar a Educação Sexual na sala de aula?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não

Fonte: Elaborado pelos autores (2018)

Os dados obtidos foram analisados conforme a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin, considerando a pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2011). Para uma melhor compreensão dos resultados obtidos nesta pesquisa, a discussão teórica está dividida em quatro tópicos, adotando a seguinte ordem: Concepção sobre sexualidade; Diálogo sobre sexualidade no contexto familiar;

Sexualidade no contexto escolar e finaliza com Abordagem sobre sexualidade no contexto escolar.

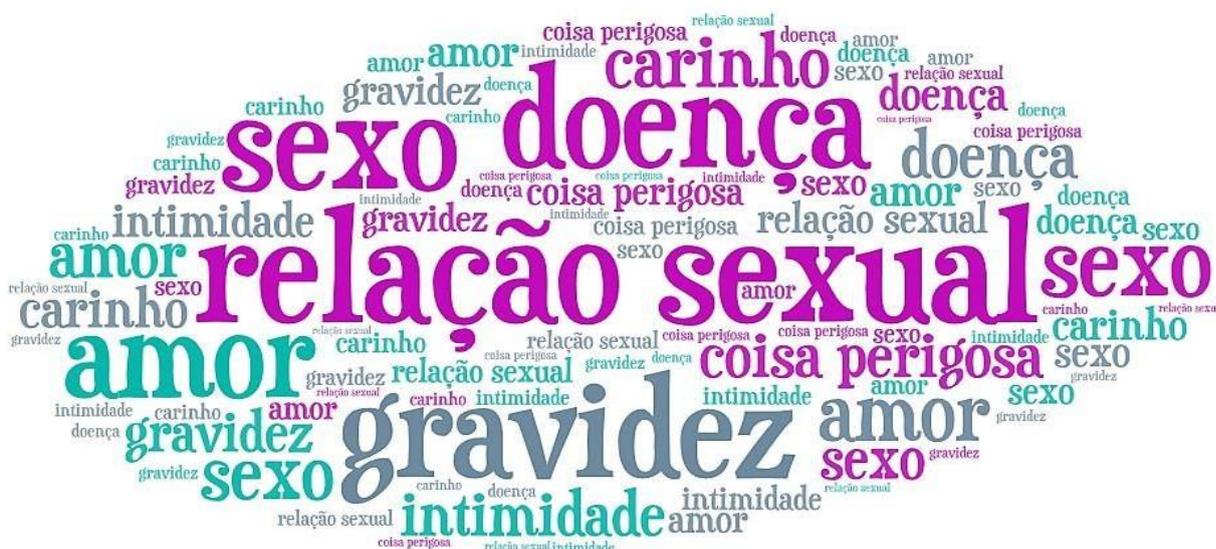
A análise dos questionamentos acerca da concepção sobre sexualidade, quem desenvolve a atividade de educação sexual na escola e quais os temas abordados foram apresentados em forma de nuvem de palavras, geradas através do *software Wordart*¹, que tem a finalidade de buscar as palavras com maior incidência, apresentando-se com mais destaque na nuvem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO CONCEPÇÃO SOBRE SEXUALIDADE

Ao analisarmos as respostas dos adolescentes pesquisados, pode-se evidenciar que a maioria relaciona a sexualidade, simplesmente, com o ato de fazer sexo, e também com gravidez e doenças. Nesse esforço, foi-nos possível constatar que é indispensável a presença de um adulto de referência para acolher as principais dúvidas dos adolescentes sobre sexualidade, tratá-las de modo a integralizá-las às outras dimensões do sujeito, numa perspectiva holística, ultrapassando os aspectos biológicos e reprodutivos e alcançando as dimensões, sociais, culturais e psicológicas que envolvem a existência desses sujeitos.

A maioria das concepções sobre o que é sexualidade, apresentadas por alguns participantes da pesquisa, não condizem com conceito científico do termo. Como demonstrado na nuvem de palavras abaixo apresentada, traduzem diferentes concepções, entre as principais, citam-se: relação sexual, gravidez, coisa perigosa e doenças.

Figura 01: Nuvens de palavras associada às concepções dos adolescentes acerca da sexualidade



Fonte: Elaborado pelos autores (2018)

Conforme Poersch et al. (2015) esta estreita relação do conceito de sexualidade apenas ao ato sexual e à reprodução humana é comum entre os adolescentes. Porém, os autores enfatizam que a sexualidade vai além do corpo e dos aspectos reprodutivos, pois envolve também valores, sentimentos, afeto. Nessa perspectiva, segundo Figueiró (2013), é essencial o adolescente adquirir informações acerca de sua sexualidade, ao longo do seu desenvolvimento, certamente, tal apropriação, traria consciência sobre essa relevante dimensão de sua vida, do seu próprio corpo, vinculando-se a uma perspectiva integradora de sujeito consciente dos seus desejos e responsabilidades, despertando para uma vivência prazerosa da sua sexualidade, livre dos tabus e culpas que continuam a envolver suas vidas.

Ainda neste contexto, Gonzalez *et al.* (2015), reiteram que a educação sexual proporciona às crianças e jovens conhecimentos, habilidades e valores que permitem assumirem comportamento mais saudáveis e uma vida sexual e social com mais responsabilidade.

A afetividade é outra concepção presente nas respostas dos alunos, sendo, deste modo, pertinente promover discussões acerca deste tema, esclarecendo a diferença entre sexualidade e afetividade. Na perspectiva de Heilborn (2012), destaca-se que:

Afetividade e sexualidade, enquanto dimensões da pessoa, envolvem complexos processos de aprendizagem sociocultural e se atualizam cotidianamente através das formas sociais culturalmente convencionadas. O exercício da sexualidade pode encarnar a vontade de procriar, a satisfação do desejo, a demonstração de um estatuto social, ou um gesto que consolida uma relação afetiva. Estes diversos significados não são necessariamente excludentes, podendo haver um constante ajuste dos sujeitos em função do momento da trajetória biográfica (HEILBORN, 2012, p. 64).

Assim, compreende-se que os resultados obtidos demonstraram que é de entendimento comum, dos (as) adolescentes partícipes, a ideia de sexualidade restrita à relação sexual e reprodução, não havendo um conhecimento mais amplo do seu significado.

Diante das respostas dos participantes, aponta-se a necessidade de esclarecer o conceito amplo de sexualidade. Para Gonçalves *et al.* (2013) muitas pessoas confundem o conceito de sexualidade com o do sexo propriamente dito, a sexualidade não se restringe às práticas sexuais. A sexualidade transcende o aspecto meramente biológico e reprodutivo, manifesta-se também como um fenômeno psicológico e social. Conforme Cabral e Romeiro (2011), lamentavelmente, a sexualidade humana está restringida a meras receitas de sexo perfeito, ao orgasmo fantástico (fetichista), ignorando toda possibilidade estética, ética e amorosa que envolve a sexualidade.

Apesar do tema sexualidade ter ganhado visibilidade a partir dos estudos de Freud, no início do século XX, e Michel Foucault, na década de 1980, predomina uma abordagem ainda voltada para características normativas (COSTA e COELHO, 2011). Para Foucault

(1988) sexualidade é um dispositivo histórico através do qual age uma rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências estão imbricados segundo estratégias de saber e poder.

Percebeu-se na fala de alguns poucos alunos, uma noção razoável sobre a questão abordada, demonstrando que esses compreendem que a sexualidade perpassa pelo campo da descoberta do corpo biológico e social. Tal resultado dialoga com Carvalho (2013) quando este afirma que, para os adolescentes, a sexualidade se traduz em campo de descobertas, experimentações e vivência da liberdade, como também de construção de capacidade para a tomada de decisões, de escolha, de responsabilidades e de afirmação de identidades, tanto pessoais como políticas.

Na visão de Silva (2013), durante a adolescência, a sexualidade tem significado especial, visto que o indivíduo inicia a consolidação da sua identidade sexual e atinge a capacidade reprodutiva. Logo, ressalta-se que é indispensável compreender as concepções sobre sexualidade dos/as adolescentes, pois, tal compreensão irá contribuir para minimizar problemas no que tange às dimensões pessoal e social.

Salienta-se, também, que alguns participantes não souberam responder a questão por não se sentirem preparados, justificando não ter interesse pelo tema ou por possuir pouca idade para opinar. Assim, é pertinente conhecer a dinâmica da sexualidade no contexto familiar e escola através da concepção dos adolescentes para, enfim, a partir desse conhecimento elaborar políticas e estratégias de atuação.

DIÁLOGO SOBRE SEXUALIDADE NO CONTEXTO FAMILIAR

Quanto à participação dos pais no processo de construção do entendimento e vivência da sexualidade, essa, apresenta-se de maneira tímida, cercada de mistérios e tabus. Os resultados abaixo apresentados são relacionados à existência de conversas ou diálogos sobre sexualidade, envolvendo pais ou responsáveis e adolescentes:

Quadro 03: Resultado questão 02

Seus pais ou responsáveis conversam com você sobre sexualidade?	Respostas %
Sim	50%
Não	47,37%
Às vezes	2,63%

Fonte: Elaborado pelos autores (2018)

Sobre essa abordagem Rocha e França (2013) inferem que os pais têm receio em dialogar com seus filhos sobre sexualidade por medo e falta de informações sobre o assunto. Além de pensarem que ao abordar o tema sexualidade, estarão incentivando, precocemente, seus filhos à prática sexual.

É provável que a forma como os pais foram educados sexualmente, e a falta de preparo sejam fatores impeditivos para a abordagem do tema sexualidade no contexto familiar, perpetuando-se, desse modo, a deseducação sexual. Pode -se inferir, ainda, que há uma influência de elementos culturais no contexto familiar, levando a afirmar que o diálogo entre os pais e a filha muitas vezes é limitado. Na visão de Maia *et al.* (2016):

Isso talvez demonstre que os responsáveis deixam de conversar sobre sexualidade com seus filhos, não por acharem desnecessário, mas sim por não saberem como abordar o tema de maneira natural e qual o momento em que se deve iniciar o assunto. Muitos acham que é necessário esperar o filho (a) vir com questionamentos primeiro para que o assunto seja abordado (MAIA *et al.*, 2016, p. 74).

Um dos princípios básicos seria os pais ou responsáveis compreenderem melhor a fase de transição que envolve a adolescência, identificando a relevância do papel que devem desempenhar na relação com o adolescente, tentando auxiliá-lo a compreender melhor as mudanças demandadas por essa etapa da sua vida, incluindo-se aí o conhecimento da própria sexualidade.

A fuga a essa responsabilidade que deveria, a princípio, ser assumida em casa, pela família, bem como a ausência de compromisso curricular da escola com essa temática, acarretam no adolescente, a necessidade de recorrer aos seus pares, internet ou a mídia, buscando respostas às suas dúvidas e curiosidades, tendo o risco de acesso às nuvens de informações distorcidas, vulgarizadas, permeadas de tabus. Moreira e Folmer (2015), reiteram que os adultos têm um papel fundamental no acolhimento das dúvidas e/ou curiosidades dos adolescentes, contribuindo para potencializar as experiências e minimizar os riscos nesta fase da vida.

E complementando, Rogers *et al.* (2015), afirmam que a interação e o diálogo entre pais e filhos proporcionam confianças para ambos, especialmente quando abordam questões delicadas e comportamentais como o fenômeno da sexualidade. Nesse sentido, a influência familiar tem um impacto direto na compreensão e construção da sexualidade do adolescente, e que o conhecimento inseguro e os comportamentos sexuais, não orientados, podem levar à vulnerabilidade, tais como: às Doenças Sexualmente Transmissíveis, à Síndrome de Imunodeficiência Adquirida e à gravidez precoce (QUEIRÓS *et al.*, 2016, p. 5120-5125).

SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

O Quadro apresentado revela que apesar da necessidade premente de uma educação sexual no contexto escolar, e mesmo sendo, este, um consenso entre os estudiosos da área, observou-se nesta pesquisa que a escola não tem contribuído, de modo efetivo, para a construção do conhecimento sobre sexualidade e seus desdobramentos, conforme apontado no quadro abaixo:

Quadro 04: Resultado questão 03

As informações que você sabe sobre sexualidade hoje, você aprendeu?	Respostas (%)
Com pais ou responsáveis	18,43%
Com seus/suas amigos/as	18,43%
Na escola durante aula de diferentes disciplinas	5,26%
Na igreja	2,63%
Outros	10,52%
Múltiplas escolhas	44,73%

Fonte: Elaborado pelos autores (2018)

Observa-se que do total das respostas que indicaram mais de um item no questionamento, acima apontado como múltipla escolha, somente 5,26% indicaram a escola, como fonte de informação, junto às demais opções apresentadas.

Brancaleoni e Oliveira (2016) ao afirmarem que a escola é um lugar de informação e formação, no qual estão presentes todas as áreas do conhecimento, reitera a importância e necessidade da educação sexual no contexto escolar, contemplada na pauta do currículo, abordada de maneira plena, considerando os aspectos biopsicossociais.

Entretanto, mesmo a escola sendo um espaço de saber legitimado socialmente, para tratar a questão da sexualidade, esta instituição apresenta dificuldades em lidar com o tema (BARROS E COLAÇO, 2013). Haja vista, ser esse tema, ainda tratado como tabu pela maioria das famílias, tornando delicada a sua abordagem em sala de aula, para Moreira e Folmer (2011), afirmam que trabalhar o tema sexualidade na escola é um grande desafio para os professores, requer coragem e conhecimento técnico para abordá-lo.

Nesse sentido, a fim de minimizar essas dificuldades, torna-se fundamental trabalhar desde a formação inicial dos futuros educadores, propostas interdisciplinares que utilizem temas transversais de relevância e urgência social (LARA *et al.*, 2015).

Salles (2011) também aponta que a escola precisa ser vista como um espaço sexuado, e que a educação sexual seja tirada da marginalidade e colocada nas discussões curriculares. Nesta perspectiva, podemos apontar como aliada a pedagogia de Paulo Freire (1987) que propõe um ensino baseado no diálogo, na liberdade e no exercício de busca do conhecimento, de forma participativa e transformadora, uma relação horizontal e de simpatia entre educando e educador.

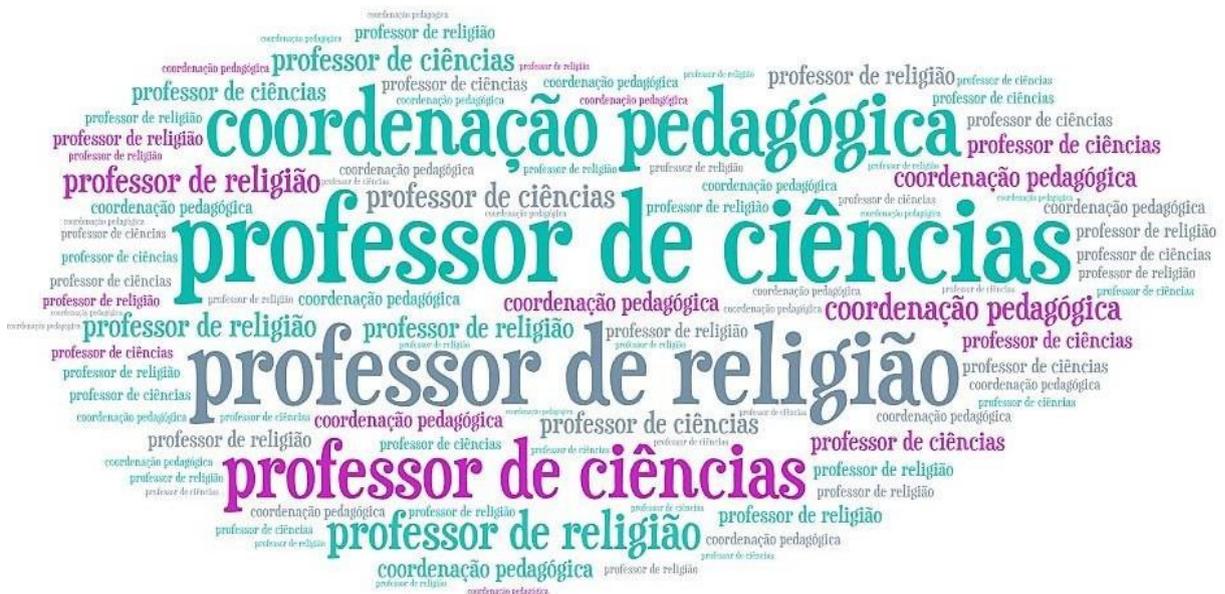
Destarte, a educação sexual no espaço escolar e familiar vem se apresentando como uma intervenção necessária, uma vez que contribui para a construção da personalidade dos indivíduos e oportuniza questionamentos, reflexões e discussões que resgatam a marca humana da sexualidade: amor, afeto, favorecendo a qualidade nas relações sexuais e sociais.

ABORDAGEM SOBRE SEXUALIDADE NA ESCOLA

Em relação às respostas dos professores, quando indagados se na escola onde lecionam é desenvolvida alguma atividade de educação sexual com os estudantes, dos vinte e dois professores, dez responderam que sim, onze responderam que não, e um escreveu que está há pouco tempo na escola, então não sabe responder. Pelo resultado encontrado, percebe-se que a educação sexual na escola pesquisada não está consolidada e não envolve todos os docentes. Por outro lado, conforme Moreira e Folmer (2015), a educação sexual é necessária na escola porque tem como objetivo possibilitar, além de conhecimento e discussões sobre sexualidade, proporcionando uma vida com mais prazer e qualidade.

Quanto ao questionamento de quem desenvolve o tema educação sexual na escola em que eles trabalham, o professor de Ciências foi apontado como o maior protagonista desta prática docente, conforme figura 02 abaixo exposta. Esta constatação, conforme Furlani (2011), pode ser atribuída à historicidade da abordagem na qual a educação sexual na escola, muitas vezes exclusivamente, esteve presente nas aulas de Ciências e Biologia. Dessa forma Poersch *et al.* (2015), enfatiza que os assuntos sobre sexualidade devem ser trabalhados na sala de aula de maneira contínua e não somente em ações pontuais.

Figura 02: Associação a quem desenvolve educação sexual na escola



Fonte: Elaborado pelos autores (2018)

Logo, concordamos com Brancaloni e Oliveira (2016) ao afirmarem que a escola é um lugar de informação e formação, no qual estão presentes todas as áreas do conhecimento. Na mesma direção, Queiroz *et al.* (2016) enfatiza que é necessário um diálogo feito por todos os professores independente da disciplina, baseado na transversalidade dos conteúdos.

Analisando quais os assuntos são abordados quando se trabalha educação sexual na escola, fica evidenciado, pelas respostas dos professores e professoras na figura 03, que os assuntos são restritos às questões em torno da gravidez na adolescência e às DSTs.

Nuvem de Palavras 03: Assuntos associados aos temas abordados em educação sexual



Fonte: elaborado pelos autores, 2018

Sobre essa inferência, Sanchez (2012) afirma:

La escuela debe ofrecer una información sistemática sobre todos los temas fundamentales de sexualidad (anatomía, fisiología sexual y de la reproducción, afectos sexuales y sociales: deseo, atracción, enamoramiento, apego, amistad y sistema de cuidados), anticoncepción, etc (SANCHEZ, 2012, p.24-34).

Diante dos estudos descritos inferimos que o docente deve contribuir para a construção de uma expressão da sexualidade que valorize a promoção de saúde, o conhecimento das medidas preventivas e a valorização do sujeito adolescente por meio de ações que sejam fundamentais para a construção de uma autoestima saudável e equilibrada. Para tanto, esses profissionais devem ter uma visão crítica e aberta na sua ação como educadores de gerações que deverão se construir mais saudáveis, autônomas e conscientes das questões que envolvem as relações de gênero e sexualidade, assim Lanes *et al.* (2014) afirmam que:

Precisamos trazer os professores para uma educação sexual emancipatória, fazendo-os refletir sobre os costumes repetidos acriticamente em nossa sociedade, questionando-os/as se os tabus, preconceitos e medos servem ainda para a realidade em que vivemos, tentando levar estes/as professores/as a falarem com naturalidade sobre a temática sexualidade (LANES *et al.*, 2014).

No intuito de buscar novos referenciais, além da América do Sul, sobre discussões referentes à temática discutida, apresentamos a conclusão de estudo realizado em Território do Norte, Austrália Ocidental e na Austrália do Sul que teve como sujeitos de pesquisas jovens estudantes. Os dados conforme Helmer *et al.* (2015) apresentam indicativa que os jovens percebem que precisam de mais conhecimento para ter relacionamentos saudáveis.

Os participantes apontam que as formas atuais de educação em sexualidade são muito clínicas, didáticas e desinteressantes, e estão ausentes no conteúdo relevante. Os jovens solicitaram mais informações sobre relacionamentos, primeiras experiências sexuais e negociação do uso de preservativos. Essas solicitações indicam que os jovens percebem que precisam de mais conhecimento para ter relacionamentos saudáveis, o que entra em conflito com a crença popular de que fornecer a jovens informações honestas e abertas sobre sexo encoraja-os a fazer sexo ou aumentar o risco sexual. Tornar a educação sexual mais prioritária e ouvir as necessidades dos jovens pode ser um passo positivo para melhorar a saúde sexual e o bem-estar. (HELMER *et al.*, 2015).

Quanto à questão se os professores trabalham ou já trabalharam a educação sexual, onze responderam que não trabalham, nove trabalham e dois responderam que já trabalharam essas questões com o Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Quanto ao método que utilizaram, os professores elencaram as palestras, filmes e livros da própria disciplina. Assim, podemos

inferir que a transmissão de conhecimento tem sido a metodologia mais utilizada, sendo os estudantes meros receptores de informações, sem uma discussão e reflexão criativa.

Almeja-se que o fazer docente transcenda a mera transmissão/reprodução de informações aos estudantes, englobando a produção e o debate sobre conhecimentos científicos de modo que os mesmos façam sentido aos estudantes e professores (ORLANDI *et al.*, 2017). Nesse mesmo contexto, Freire (1987) infere que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção, portanto, é preciso refletir a nossa prática enquanto educadores. Logo, a educação sexual deve utilizar uma estratégia de ensino participativa que envolva os adolescentes no pensamento crítico sobre sua sexualidade.

Com base no exposto, percebe-se que os professores não estão preparados para abordarem temas relacionados à educação sexual. Esta inferência ganha força ao analisar que dos vinte e dois professores participantes deste estudo, vinte e um responderam que não receberam formação para trabalhar a Educação Sexual na sala de aula.

O padrão de resposta observado não se restringe apenas aos professores e professoras desta pesquisa. O resultado da pesquisa realizada por Gesser *et al.* (2015) com o objetivo de identificar as concepções de sexualidade de docentes que atuam na rede de educação básica, identificaram que as professoras e os professores participantes da pesquisa, na sua maioria, não tiveram acesso à formação inicial e nem à formação continuada relacionada às temáticas gênero e sexualidade.

Logo, concordamos com Santos *et al.* (2016), ao ressaltar que a escola deve investir na formação continuada dos seus educadores, a fim de aprimorar a sua qualificação. Assim como é necessário investir na formação iniciada e continuada com vistas à formação de educadores sexuais que atuem na linha da abordagem emancipatória (QUIRINO e ROCHA, 2012).

Sobre essa inferência, Zerbinati e Bruns (2017) ressaltam o papel do profissional qualificado e motivado no ensino da sexualidade, podendo contribuir na organização das relações e discursividades humanas para que a educação sexual se fortaleça enquanto disciplina multidisciplinar, científica e popular.

Diante do exposto, ressaltamos que a escola deve estar preparada para fornecer informações cientificamente precisas, realistas e sem julgamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o tema sexualidade já tenha sido amplamente discutido na academia, o espaço nas discussões familiares, na educação básica e na sociedade como um todo é incipiente e distorcido. Os resultados demonstraram que a abordagem ocorre de maneira frágil, direcionada para os aspectos preventivos e biologizados e certo receio pelos adultos de referência (pais, responsáveis, professoras e professores e profissionais de saúde), perpetuando o silêncio das discussões acerca da sexualidade na adolescência.

Neste sentido, faz-se mister avançar nas discussões, o conceito amplo de sexualidade e suas influências culturais, assim como as questões dos direitos humanos, sem nos distanciarmos das questões de promoção da saúde e prevenção dos riscos e vulnerabilidades inerentes à adolescência. Logo, entendemos que os pais, professores e profissionais de saúde devem possibilitar aos adolescentes uma educação sexual baseada no diálogo aberto, promovendo um ambiente seguro e acolhedor.

Considerando a relevância desta temática e, sobretudo, as carências encontradas neste estudo, pretende-se continuar contribuindo com os trabalhos desenvolvendo novas pesquisas, inserindo como sujeitos os adultos de referência. Especificamente, nossa proposta é realizar atividades que envolvam em um mesmo ambiente, os adultos de referência para a discussão e reflexão de como e quando devemos abordar educação em sexualidade com adolescentes. Assim como, realizar pesquisas para analisar os Planos Nacional e Estaduais de Educação propondo caminhos e avaliando as formas que os Estados (Pernambuco e Rio Grande do Sul) estão trabalhando as questões de sexualidade na Educação Básica, inclusive, as concepções dos adultos de referência e a influência na educação em sexualidade.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARROS, J. P. P.; COLAÇO, V. F. R. Meu prazer agora é risco: sentidos sobre sexualidade entre jovens de um grupo sobre saúde. *Fractal*, **Revista de Psicologia**, v. 25, n. 1, p. 59-80, 2013.

BRANCALEONI, A. P. L.; OLIVEIRA, R. R. Educação sexual na promoção do respeito à diversidade sexual e de gênero. **ELO Diálogos em Extensão**, v.5, n. 2, p. 57-62, 2016.

CABRAL, R. V.; ROMEIRO, A. E. Sobre a sexualidade controlada: poder e repressão sexual em Michel Foucault. **Revista Educação**, vol. 1, n. 1, p. 87-106, 2011.

CARVALHO, A. O. Adolescentes no contexto de uma comunidade: perspectivas para o cuidado de enfermagem. 2013, 112p. Dissertação de Mestrado: UFPI, Teresina/PI. Disponível em <http://leg.ufpi.br/mestenfermagem/index/pagina/id/6308>. Acesso em novembro de 2017.

COSTA, L. H. R.; ALMEIDA, E. C. Nursing and sexuality: Integrative review of papers published by the Latin-American Journal of Nursing and Brazilian Journal of Nursing. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 19, n. 3, p. 631-639, 2011.

FERREIRA, G.; ARAÚJO, C. W.; OLIVEIRA, K. A. Gênero, sexualidade e orientação sexual em Senhor do Bonfim /BA. **Revista Extendere**, vol. 02, n. 01, p. 166-176, 2014.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual no dia a dia**. Londrina: EDUEL, 2013. FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 19. ed. Tradução de: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GESSER, M.; OLTRAMARI, L. C.; PANISSON, G. Docência e concepções de sexualidade na educação básica. **Revista Psicologia e Sociedade**, v.27, n.3, p. 558-568, 2015.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Revista Holos**, vol. 29, n. 05, p. 251-263, 2013.

GONZALEZ, A. E.; MOLINA, G. T.; LUTTGES, D. C. Características e la educación sexual escolar recibida y su asociación con la edad de inicio sexual y uso de anticonceptivos en adolescentes chilenas sexualmente activas. **Revista Chilena de Obstrecia Gynecologica**, v. 80, n. 1, p. 24-32, 2015.

HEILBORN, M. L. Por uma agenda positiva dos direitos sexuais da adolescência. **Revista Psicologia Clínica**, v. 24, n.1, p. 57-68, 2012.

HELMER, J.; SENIOR, K.; DAVISON, B.; VODIC, A. Improving Sexual Health for Young People: Making Sexuality Education a Priority. **Sex Education: Sexuality, Society and Learning**, v.15 n.2 p.158-171, 2015

MAIA, T. Q.; SOARES, L. O.; VALLE, P. A. S. S; MEDEIROS, V. M. G. Educação para sexualidade de adolescentes: experiência de graduandas. **Nexus- Revista de Extensão do IFAM**, v. 02, n. 02, p. 71- 78, 2016.

MACIEL, J. A. C.; ROCHA, S.; ALVES, J. G.; CARVALHO, Q. M.; BARBOSA, F. B.; TEIXEIRA, A. M. Sexualidade na adolescência: dialogando e construindo saberes através do pet saúde/redes de atenção no município de Sobral – Ceará. **Sanare-Revista de Políticas Públicas**, v. 13, n. 01, p. 64-68, 2014.

MARTINS, C. G.; FERREIRA, L. O.; SANTOS, P. M.; LOPES SOBRINHO, M.; WEISS, M. C.; SOUZA, S. S. Oficina sobre sexualidade na adolescência: uma experiência da equipe saúde da família com adolescentes do ensino médio. **Revista Mineira de Enfermagem**, v.15, n. 4, p. 573 – 578, 2011.

MOREIRA, B. R.; FOLMER, V. Educação Sexual na Escola: construção e aplicação de material de apoio. **Revista Experiência em Ensino de Ciências**, v. 6, p.151- 160, 2011.

MOREIRA, B. R.; FOLMER, V. Percepções de professores de ciências e educação física acerca da educação sexual na escola. **Revista Experiência em Ensino de Ciências**, v.10, n. 3, p.18-20, 2015.

NOTHAFT, S.; ZANATTA, E.; BRUMM, M. L.; GALLI, K.; ERDTMANN, B.; BUSS, E.; SILVA, P. Sexualidade do adolescente no discurso de educadores: possibilidades para práticas educativas. **Revista Mineira de Enfermagem**, v.18. n. 02, p. 284-289, 2014.

POERSCH, K. M.; KLIEMANN, B. C. K.; LIMA, B. G. T. Reflexões sobre o trabalho com sexualidade no Ensino Fundamental: desafios e possibilidades. **Revista Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 8, n.02, p. 37- 49, 2015.

RESSEL, L.; JUNGES, C. SEHNEM, G.; SANFELICE, C. A influência da família na vivência da sexualidade. **Escola Anna Nery**, v.15, n. 02, p. 245- 250, 2011.

ROCHA, M. B.; FRANÇA, G. A. Gênero e sexualidade: como os licenciandos em Ciências Biológicas concebem esses temas? **Revista Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 06, n 01, 2013.

ROGERS, A.; HA, T.; STORMSHAK, E.; DISHION, T. Quality of parent–adolescent conversations about sex and adolescent sexual behavior: an observational study. **J Adolesc Health**. v.57, n 02, p. 174-178,2015. Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2015.04.010>. Acessado em fevereiro de 2018.

SANCHEZ, L. 2012. Educación sexual em la familia y la escuela. **Revista Elo do Centro de Formação Francisco de Holanda: A educação Sexual na escola**, v. 19, n. 19, 2012. Disponível em <https://www.cffh.pt/>. Acessado em abril de 2017.

SAVEGNAGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. Conversando sobre sexualidade na família: olhares de meninas de grupos populares. **Caderno de Pesquisas**, v. 43, n. 150, p. 924- 947, 2014.

SILVA, V. M. Percepções de adolescentes escolares sobre a iniciação sexual. 2013. Dissertação Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE. Disponível em <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/13404>. Acessado em dezembro de 2015.

QUEIROZ, A.; SOUSA, A.; FEITOSA, J.; ALVES, R.; NERY, I.; MOURA, M. Educação sexual para adolescentes por docentes de um centro de educação comunitária. **Revista Online de Pesquisa Cuidado é Fundamental**, v. 8, n. 4, p. 5120-5125, 2016.

ZERBINATI, J. P.; BRUNS, M. A. T. Sexualidade e educação: revisão sistemática da literatura científica nacional. **Revista Travessias**, Cascavel, v. 11, n.1, p. 76-92, 2017.

AUTOR 1

LUCIANA UCHÔA BARBOSA

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde – UFRGS. Mestra em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde - UFRGS. Possui graduação em Enfermagem pela Fundação de Ensino Superior de Olinda União de Escolas Superiores da FUNESO. Especialização em Educação Profissional na área de Enfermagem e Especialização em Saúde Pública. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - Campus Belo Jardim. Coordenadora do curso Técnico de Enfermagem do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco - Campus Belo Jardim. Membro do Núcleo de Estudos sobre Gênero e Diversidade. Tem experiência na área de Enfermagem e Educação, com ênfase em: Atenção Básica, Saúde Pública, atuando principalmente nos seguintes temas: Saúde da Mulher; Saúde da Criança e Adolescente; Educação em Saúde; Programa Nacional de Imunização; Programa de Hipertensão e Diabetes.

Participação na elaboração do estudo apresentado: Levantamento bibliográfico, submissão da pesquisa ao Plataforma Brasil, coleta dos dados, organização, análise e discussões dos resultados.

AUTOR 2

CÁTIA SILENE CARRAZONI LOPES VIÇOSA

Doutoranda em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde- Unipampa; Mestra em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde - UFSM; Especialista em Educação Especial e Inclusiva - FAEL; Graduada em Ciências da Natureza Licenciatura, Unipampa/Campus Uruguaiana. Participa do Grupo de Pesquisa e Estudos em Nutrição, Saúde e Qualidade de Vida (Gensq). Possui interesse na área do estudo da Interdisciplinaridade, Transversalidade, Integração e Contextualização dos Saberes no contexto escolar, nas áreas de Educação Ambiental, Educação Patrimonial e Educação Inclusiva.

Participação na elaboração do estudo apresentado: Levantamento bibliográfico, coleta dos dados, organização, análise e discussões dos resultados.

AUTOR 3

BERNARDINA SANTOS ARAÚJO DE SOUSA

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba; Mestra em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco; Especialista em História do Brasil; Especialista em Sociologia; Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru; Docente do Instituto Federal de Pernambuco, professora do curso de Licenciatura em Música do Campus Belo Jardim; vice coordenadora Local do Mestrado Profissional em Educação Profissional do IFPE (ProfEPT); Membro do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Licenciatura em Música e do Núcleo de Estudos sobre Gênero e Diversidade. Pesquisadora na área de Currículo e Cultura; Práticas Pedagógicas em Espaços educacionais Formais e não formais; Relações de Gênero e Educação; Inclusão e Diversidade em espaços formais e não formais de ensino em EPT. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Práticas Culturais, Música e Sociedade.

Participação na elaboração do estudo apresentado: Levantamento Bibliográfico, análise e discussões dos resultados.

AUTOR 4

VANDERLEI FOLMER

Pós-doutorado em Bioquímica Toxicológica (Universidade de Lisboa-Portugal); Doutor em Ciências Biológicas (Bioquímica Toxicológica) pela Universidade Federal de Santa Maria; Mestre em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade Paulista; Graduado em Fisioterapia pela Universidade Federal de Santa Maria; Docente da Universidade Federal do Pampa - Campus Uruguaiana. Coordenador do Grupo de Pesquisa e Estudos em Nutrição, Saúde e Qualidade de Vida (Gensq). Tem experiência nas áreas de Educação em Ciências e Bioquímica, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação em Saúde, Interdisciplinaridade no Ensino de Ciências, Bioquímica de Produtos Naturais e Diabetes mellitus.

Participação na elaboração do estudo apresentado: Levantamento Bibliográfico, análise e discussões dos resultados e revisão da escrita.

5.3 Artigo 3 – FACILIDADES E DIFICULDADES DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

O artigo 3 contemplou o objetivo 3 e foi publicado pela Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco – REVASF, vol. 9, n.19, p. 221-243, maio/junho/julho/agosto, 2019. Esse referido periódico foi avaliado com Qualis (CAPES) B1 na área de Ensino, referente à avaliação ocorrida no período de 2013 a 2016. O texto está disponível em: <<http://periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/515>>.

Este artigo buscou identificar as facilidades e dificuldades da educação sexual na escola a partir da percepção dos professores da educação básica. Os dados do artigo foram importantes porque fortaleceram a importância da realização do desenvolvimento profissional docente. Os pais são apontados, pelos professores, como um dos principais fatores que dificultam o desenvolvimento da educação sexual na escola, assim como a falta de preparo dos docentes.



e-ISSN: 2177-8183

FACILIDADES E DIFICULDADES DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

O artigo 2 contemplou o objetivo 2 e foi publicado pela Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco – REVASF, vol. 9, n.19, p. 221-243, maio/junho/julho/agosto, 2019. Esse referido periódico foi avaliado com Qualis (CAPES) B1 na área de Ensino, referente à avaliação ocorrida no período de 2013 a 2016. O texto está disponível em: <<http://periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/515>>.

Este artigo buscou identificar as facilidades e dificuldades da educação sexual na escola a partir da percepção dos professores da educação básica. Os dados do artigo foram importantes porque fortaleceram a importância da realização do desenvolvimento profissional docente. Os pais são apontados, pelos professores, como um dos principais fatores que dificultam o desenvolvimento da educação sexual na escola, assim como a falta de preparo dos docentes.

**FACILIDADES E DIFICULDADES DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA:
PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**FACILITIES AND DIFFICULTIES OF SEXUAL EDUCATION IN SCHOOL:
PERCEPTIONS OF TEACHERS OF BASIC EDUCATION**

**FACILIDADES Y DIFICULTADES DE LA EDUCACIÓN SEXUAL EN LA
ESCUELA: PERCEPCIONES DE PROFESORES DE LA EDUCACIÓN BÁSICA**

Luciana Uchôa Barbosa

luciana.uchoa@belojardim.ifpe.edu.br

Doutoranda em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (UFRGS)

Docente do IFPE

Vanderlei Folmer

vandfolmer@gmail.com

Doutor em Ciências Biológicas (UFSM)

Docente da UNIPAMPA

RESUMO

Esta pesquisa identifica as facilidades e dificuldades da educação sexual na escola a partir da percepção dos professores da educação básica. A pesquisa caracterizou-se como estudo descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa, desenvolvida com professores atuantes nos anos finais (6º ao 9º ano) do ensino fundamental, utilizando questionário com perguntas abertas relacionadas à educação sexual e a prática docente. Os resultados apontaram que o tema educação sexual é muito atrativo aos escolares, o interesse no assunto decorre da curiosidade e dúvidas, que facilitam a prática docente. Porém, os pais são apontados, pelos professores, como um dos principais fatores que dificultam o desenvolvimento da educação sexual na escola, assim como a falta de preparo dos docentes. Logo, é urgente e necessário que a escola possibilite um espaço para que, junto aos familiares dos estudantes, possam discutir e refletir a importância da educação sexual, minimizando vulnerabilidades relacionadas à gravidez não planejada, ao aborto inseguro e às Infecções Sexualmente Transmissíveis. Destacamos também a importância e necessidade que os cursos de formação docente incluam nos seus currículos os estudos dos temas relacionados à sexualidade e educação sexual.

Palavras – chave: Educação sexual. Sexualidade. Escola.

ABSTRACT

This research identifies the facilities and difficulties of the sexual education in the school from the perception of the teachers of the basic education. The research was characterized as a descriptive and exploratory study, with a qualitative approach, developed with teachers in the final years (6th to 9th grade) of elementary school, using a questionnaire with open questions related to sexual education and teaching practice. The results pointed out that the subject of sexual education is very attractive to schoolchildren, the interest in the subject stems from the curiosity and doubts that facilitate the teaching practice. However, parents are pointed out by teachers as one of the main factors that hinder the development of sexual education in school, as well as the lack of preparation of teachers. Therefore, it is urgent and necessary for the school to provide a space for students to discuss and reflect on the importance of sexual education, minimizing vulnerabilities related to unplanned pregnancy, unsafe abortion and Sexually Transmitted Infections. We also emphasize the importance and necessity that the teacher training courses include in their curricula the studies of themes related to sexuality and sexual education.

Key words: Sexual education. Sexuality. School.

RESUMEN

Esta investigación identifica las facilidades y dificultades de la educación sexual en la escuela a partir de la percepción de los docentes de la educación básica. La investigación se caracterizó como un estudio descriptivo y exploratorio, con un enfoque cualitativo, desarrollado con maestros en los últimos años (6° a 9° grado) de la escuela primaria, utilizando un cuestionario con preguntas abiertas relacionadas con la educación sexual y la práctica docente. Los resultados señalaron que el tema de la educación sexual es muy atractivo para los escolares, el interés en el tema se debe a la curiosidad y las dudas que facilitan la práctica docente. Sin embargo, los maestros señalan a los padres como uno de los principales factores que dificultan el desarrollo de la educación sexual en la escuela, así como la falta de preparación de los maestros. Por lo tanto, es urgente y necesario que la escuela proporcione un espacio para que los estudiantes discutan y reflexionen sobre la importancia de la educación sexual, minimizando las vulnerabilidades relacionadas con el embarazo no planificado, el aborto inseguro y las infecciones de transmisión sexual. También enfatizamos la importancia y la necesidad de que los cursos de capacitación de maestros incluyan en sus planes de estudio los estudios de temas relacionados con la sexualidad y la educación sexual.

Palabras clave: Educación sexual. La sexualidad. Escuela.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, houve aumento de demanda por trabalhos na área da sexualidade no contexto escolar. Tal aumento vem sendo motivado por novo perfil sexual de jovens e adolescentes, que de acordo com Borges, Fujimori, Kuschnir, Chofakian, Moraes, Azevedo, Santos e Vasconcelos (2016) tem se desenhado em outra perspectiva, marcada pelo início da vida sexual cada vez mais precoce, sem a devida orientação. Para Silva, Lourdes, Barroso e

Guedes (2015) esse fato tem ocasionado um notável crescimento no número de adolescentes que enfrentam uma gravidez não planejada, bem como riscos de contaminação por Infecções Sexualmente Transmissíveis - ISTs.

Apesar da importância e necessidade de discutir questões relacionadas à sexualidade no contexto escolar, o tema ainda é enfrentado como um desafio pelos docentes. De acordo com Barcelos e Jacobucci (2011), a dificuldade que os professores apresentam está relacionada à forma como esses profissionais encaram a temática, pois ainda é vista como tabu. Para as autoras, outra situação que merece destaque está associada à influência religiosa e familiar, que muitas vezes conflitam com a atual realidade. Além dos fatores apontados pelos autores supracitados, Moreira e Folmer (2011) corroboram inferindo que a falta de preparo dos profissionais da educação também é um dos fatores determinantes aos desafios do ensino de sexualidade nas escolas.

Diante do exposto, ressalta-se a importância de formação inicial e continuada, para os profissionais da educação, acerca de questões de sexualidade e educação sexual, a fim de contribuir para a formação de cidadãos livres de preconceitos e pautados no respeito a si mesmo e ao outro enquanto sujeitos de direitos. De acordo com Lanes, Copetti, Lara, Lanes, Puntel e Folmer (2014), os professores precisam rever suas práticas pedagógicas a fim de não reproduzirem em sala de aula atitudes de julgamento, preconceito e tabus.

Considerando a relevância do tema e a missão da escola em promover o conhecimento baseado na inclusão, respeito e cidadania sob o viés da ciência, esta pesquisa teve como objetivo identificar as facilidades e dificuldades da educação sexual na escola na percepção de professores da educação básica. Tal identificação se destina a subsidiar a iniciativa dos profissionais da educação para que possam avançar em uma prática de educação sexual emancipatória.

Este estudo é um recorte de uma pesquisa de doutorado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: química da vida e saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

IMPORTÂNCIA E FINALIDADE DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO ESCOLAR

Para compreender melhor a importância da educação sexual na escola, antes é necessário realçar o conceito e as finalidades da educação sexual. De acordo com Nogueira, Zocca, Muzzeti e Ribeiro (2016), educação sexual é um conjunto de informações direcionadas às questões da sexualidade e suas nuances como o corpo, relacionamento sexual, sentimentos,

assim como, oportunizar a discussão sobre valores, mitos e tabus que estão ligadas ao sexo. Os autores também enfatizam que as informações apresentadas durante a educação sexual são direitos de todas as pessoas.

Corroborando com o exposto, a Unesco (2018) ressalta que:

Educação em sexualidade desempenha um papel central na preparação de jovens para uma vida segura, produtiva e satisfatória em um mundo onde HIV e AIDS, infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), gravidez indesejada, violência baseada em gênero (VBG) e a desigualdade de gênero ainda representa sérios riscos ao seu bem-estar e, compreende e assegura a proteção de seus direitos ao longo de suas vidas (UNESCO,2018, p.12).

Em pesquisa realizada no Chile, por González, Molina e Luttes (2015), com objetivo de analisar a idade da iniciação sexual e o uso de métodos contraceptivos em adolescentes que tiveram acesso à educação sexual na escola, os resultados apontam que houve iniciação sexual tardia entre jovens, e que dos 92,8% de adolescentes que tinham conhecimento sobre métodos contraceptivos, apenas 1% deles haviam engravidado, fortalecendo a importância do acesso à informação acerca de questões que envolvem sexualidade.

Nessa perspectiva, entendemos que a educação sexual no contexto escolar é necessária, para a formação da sexualidade de crianças e jovens, pois visa fortalecer sua capacidade de fazer escolhas seguras, saudáveis e conscientes e, sobretudo, fortalecer atitudes respeitadas em relação aos relacionamentos. A citação abaixo apresentada corrobora com essa discussão ao asseverar que:

A escola e os educadores têm papel fundamental, podendo contribuir positivamente para uma educação integral, social e culturalmente libertadora, na qual, o conhecimento ultrapasse a técnica e o conteúdo dos currículos das disciplinas, tornando claras as relações entre o saber e a vida cotidiana (VIEIRA; MELO; FREIRE; CRUZ; COÊLHO; RIBAMAR; SILVA; SOARES; COSTA, 2017, p. 15).

Moreira e Folmer (2015) reforçam que a educação sexual deve ter início em casa, com orientações de pais ou outros responsáveis e complementada na escola, com uma abordagem clara e sem senso de julgamento e tabus. Para os autores, a educação sexual não tem o objetivo de encorajar as crianças e jovens a fazerem sexo, mas sim, garantir informações adequadas e corretas para que possam construir sua sexualidade sem medos e dúvidas.

Além dos motivos elencados para a importância da educação sexual, tais como prevenção de gravidez não planejada e de ISTs, desenvolvimento da capacidade de desenvolver atitudes éticas e respeitadas quanto às diferenças, destaca-se também o combate à violência sexual, principalmente em crianças e adolescentes. Sabe-se que a maioria dos casos de abuso sexual ocorre de maneira intrafamiliar, o que torna a situação com pouca visibilidade, “[...] isso

se dá porque grande parte dos agressores são pessoas próximas que inspiram confiança nas crianças e adolescentes, o que também dificulta a efetivação da denúncia” (SILVEIRA; PEREIRA,2017).

Diante desse contexto, cabe destacar que além de instituições de saúde e religiosas, a escola também tem o dever de proteger as crianças e adolescentes que sofrem situações abusivas. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA):

Art.56 Os dirigentes de estabelecimentos de ensino fundamental comunicarão ao Conselho Tutelar os casos de: I - maus-tratos envolvendo seus alunos [...] Art. 245. Deixar o médico, professor ou responsável [...] de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente: [...] multa de três a vinte salários de referência (BRASIL,1990).

Outro aspecto necessário nas discussões da educação sexual está relacionado com as questões de gênero e diversidade. Pois, o resultado de ignorar a importância da sexualidade para todo contexto humano, inclusive educacional, coloca o Brasil entre um dos países mais violentos do mundo, no que tange à violência sexual e de gênero (ZERBINATI; BRUNS,2018).

A ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO SEXUAL NOS DOCUMENTOS NORTEADORES: AVANÇOS E RETROCESSOS

No entanto, a educação sexual ganhou maior visibilidade a partir do ano de 1996 a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), elencada como tema transversal “Orientação Sexual”. Conforme esse documento, a orientação sexual deveria ser abordada numa perspectiva biológica e cultural, de maneira sistematizada e organizada. Embora tenha sido objetivo dos PCN “[...] promover reflexões e discussões de técnicos, professores, equipes pedagógicas, bem como de pais e responsáveis com a finalidade de sistematizar a ação pedagógica da escola no trato de questões da sexualidade” (BRASIL, 1998), podemos observar que poucas escolas implementaram de fato a proposta.

Pesquisa realizada por Furlanetto, Lauermann, Costa e Marini (2018) sobre a educação sexual em escolas brasileiras apontou que, após vinte anos dos PCN, ainda não há qualquer registro de trabalho que apresente uma prática de educação sexual semelhante ao que está sendo proposto no referido documento, principalmente no que diz respeito à transversalidade. Este resultado pode estar associado à falta de acesso dos professores ao documento e, provavelmente, à ausência de formação continuada. É preciso reconhecer que “[...] ainda são muitas as barreiras que impedem a consolidação das práticas previstas nos PCN,

as quais precisam ser reconhecidas e superadas” (FURLANETTO; LAUERMANN; COSTA; MARINI, 2018).

Em 2001, um importante documento para a área da Educação tornou-se pauta de relevantes discussões: o Plano Nacional de Educação (PNE/Lei 10.172/2001), documento que determinou diretrizes, metas e estratégias para a política educacional que vigorou até o ano de 2010. No âmbito das questões de sexualidade, nos objetivos e metas para os cursos de formação docente, no referido documento, incluíam-se nas diretrizes curriculares, estudos dos assuntos relacionados às problemáticas tratadas nos PCN como temas transversais, especialmente no que se referem às abordagens de gênero, educação sexual, ética, saúde e temas locais.

No entanto, de forma lamentável, ressaltamos que na edição do PNE de 2014 – 2024 houve uma supressão para as questões da sexualidade. O referido documento limitou-se a um objetivo superficial de superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação (BRASIL 2014). Dando continuidade sobre a inclusão do tema educação sexual, não está sendo diferente na versão atualizada da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Observa-se que na proposta da BNCC, a temática educação sexual foi reduzida à disciplina de Ciências, indicando ênfase no estudo da reprodução humana e de Infecções Sexualmente Transmissíveis, além de ser contemplada apenas no oitavo ano do ensino fundamental (BRASIL,2017).

Ainda sobre a BNCC, documento que norteará os currículos das escolas brasileiras, este foi elaborado no auge do conservadorismo representado no Congresso Nacional, que defendiam a exclusão de temáticas de gênero, orientação sexual e diversidade nas propostas curriculares da educação do Brasil, em nome da preservação da moral e dos bons costumes, deturpando objetivos de ensino desses temas. Pesquisa realizada por Silva e Arantes (2017), que teve como objetivo compreender como a BNCC aborda as questões de gênero e orientação sexual no currículo, remeteu ao questionamento do porquê na segunda versão da BNCC ter sido apontado o interesse em manter os temas gênero e orientação sexual. Porém, ao ser apresentada a terceira versão do BNCC, os referidos temas foram suprimidos.

Sem a presença dos termos diversidade sexual, gênero e educação sexual nos documentos oficiais das políticas públicas de educação, Lorenzi (2017) acredita que a prática docente nas questões da sexualidade fica comprometida. É preciso avançar e não retroceder, pois precisamos pensar em quais consequências a ausência desses temas irão trazer para dentro das escolas e extramuros delas. Que tipo de cidadãos queremos formar para a sociedade? No entanto, Santos, Pereira e Soares (2018) nos convidam a mantermos firmes e não desistirmos em abordar os temas gênero e orientação sexual, embora tenham sido retirados dos documentos

oficinas da educação, precisamos lembrar que são temas que estão presentes no cotidiano dos estudantes e que precisam ser acolhidos.

Diferente do Brasil, em países da Europa a educação sexual já existe nos currículos das escolas há mais de meio século (EUROPEAN EXPERT GROUP ON SEXUALITY EDUCATION, 2016). De acordo com Helmer, Senior, Davison e Vodice, (2015), a Finlândia e a Holanda são conhecidos por seus programas de educação em sexualidade no currículo escolar, apresentando declínio nas taxas de ISTs e gravidez na adolescência. A proposta envolvida nesses programas é desenvolver e fortalecer as capacidades de crianças e adolescentes fazerem escolhas conscientes, saudáveis e, sobretudo respeitadas em seus relacionamentos. Além disso, essas propostas buscam possibilitar que jovens assumam responsabilidades com relação à saúde e bem-estar sexual.

Portugal também avançou em questões de educação sexual nas políticas públicas de educação. Em agosto de 2009, o governo de Portugal aprovou a Lei n.º 60/2009, que estabelece a aplicação da educação sexual nas instituições do ensino básico e do ensino secundário, tanto na rede pública como privada, sendo a educação sexual objeto de inclusão obrigatória nos projetos educativos.

São algumas das finalidades da referida lei:

O desenvolvimento de competências nos jovens que permitam escolhas informadas e seguras no campo da sexualidade; A redução de consequências negativas dos comportamentos sexuais de risco, tais como a gravidez não desejada e as infecções sexualmente transmissíveis (Lei n.º 60/2009).

Diante do exposto, observa - se que ao longo da história da educação sexual, no século XX, ocorreram consideráveis conquistas e notáveis recuos que implicam efetivamente nos direitos fundamentais do cidadão e na democracia brasileira. E entre um documento e outro, a sexualidade perdeu seu caráter educativo, no sentido mais amplo, ficando restrita aos aspectos biológicos, através das aulas de ciências, deixando de ser interdisciplinar para ser disciplinar. (BARBOSA; VIÇOSA; FOLMER, 2019).

METODOLOGIA

A pesquisa caracterizou-se como estudo descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa, que buscou identificar dificuldades e possibilidades para o trabalho de educação sexual no contexto escolar. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola de ensino fundamental da rede pública de um município no interior de Pernambuco e teve como participantes

professores que lecionam para adolescentes nos anos finais (6º ao 9º ano) do ensino fundamental.

A coleta de dados foi realizada no ambiente de trabalho dos professores, por meio de um questionário autoaplicável, contendo perguntas abertas relacionadas à educação sexual e prática docente. Para validação do questionário, foi realizado teste piloto com dois docentes de outra instituição de ensino.

Esta pesquisa atendeu à Resolução nº 466/12 da Comissão de Ética do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos e foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Autarquia Educacional do Belo Jardim -AEB, para avaliação de sua viabilidade, tendo sido obtida aprovação por meio do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 80815917.3.0000.5189 e Parecer de aprovação: 442.434 (15/12/2017).

Em seguida a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, realizou-se o encontro com os professores e professoras para esclarecimentos sobre os procedimentos utilizados nesta pesquisa, assim como seus objetivos, benefícios e riscos, sendo garantido de sigilo das informações por parte dos pesquisadores.

Após concordarem em participar da pesquisa, os professores participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. O questionário foi aplicado com os mesmos em uma sala de aula da escola, cedida pela direção, em horário pré-agendado com a coordenação pedagógica.

Para o tratamento dos dados obtidos nesta pesquisa, utilizou-se a análise de conteúdos de Bardin (2011). Destacam-se desta técnica as seguintes etapas: 1) pré-análise, que compreende a leitura exhaustiva 2) exploração do material, que consiste na organização dos dados em categorias e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação, em que as informações são analisadas e emergem interpretações inferenciais, críticas e reflexões.

Além disso, a análise de respostas dos professores ao questionamento acerca das dificuldades e facilidades em lidar com educação sexual nas escolas, foram importados para o programa de análise de dados qualitativos de licença livre N-vivo¹, a fim de facilitar a análise qualitativa para a construção da nuvem de palavras, que foram formatadas a partir da análise de frequência com sinônimos, considerando as palavras mais frequentes.

Após a análise, os dados foram expostos através de nuvens de palavras, bem como de trechos das falas dos participantes, que foram importantes para a compreensão do objeto de estudo, assegurando o sigilo e anonimato dos participantes, sendo estes classificados, para fins

de organização dos dados de pesquisa, através de numeração arábica (professor 1, professor 2, etc.).

RESULTADOS

Participaram dessa pesquisa vinte e um professores, sendo dezesseis do sexo feminino e cinco do sexo masculino, de faixa etária entre 28 e 53 anos, integrantes do quadro docente da referida escola. Quanto ao tempo de formação profissional, variou entre 1 e 38 anos de formados. Relacionada à atuação desses profissionais na escola, participaram da pesquisa professores das disciplinas de História, Matemática, Português Geografia, Ciências e Ensino Religioso.

Os resultados a seguir advindos do questionário estão organizados em duas categorias temáticas: (1) facilidades encontradas para desenvolver a educação sexual na sala de aula e as (2) dificuldades enfrentadas para desenvolver a educação sexual na sala de aula.

Facilidades encontradas para desenvolver a educação sexual na sala de aula

Os professores apontaram que a facilidade para a educação sexual consiste na conquista da atenção do aluno, por se tratar de um tema muito atrativo aos adolescentes, e que eles demonstram interesse no assunto, como consta nas falas apresentadas a seguir:

“Temática em que os educandos têm prazer em ouvir, escutar e entender” (professor 1).

“O assunto é muito atrativo para os adolescentes, eles gostam, por isso a facilidade” (Professor 4).

A curiosidade dos adolescentes pelo tema também foi citada pelos professores e professoras como fator que facilita a abordagem da educação sexual na sala de aula, de forma que existe a procura pela temática, a partir de dúvidas e questionamentos.

“A curiosidade dos alunos. Hoje os jovens têm uma mente muito aberta” (Professor 20).

“O interesse dos alunos para o tema, torna mais fácil, pois a curiosidade desperta para a aprendizagem” (Professor 18).

Dificuldades enfrentadas para desenvolver a educação sexual na sala de aula.

Na percepção dos professores, os pais são apontados como um dos principais fatores que dificultam o desenvolvimento da educação sexual na escola. As respostas destacadas a seguir colaboram com essa inferência:

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Analisando os dados produzidos a partir das respostas dos professores e professoras, em relação às facilidades (Figura 1), podemos inferir que o interesse que os adolescentes escolares têm pelo tema está associado às modificações corporais que se apresentam na adolescência, acarretando em muitas dúvidas e curiosidades durante o processo da sexualidade. Nesta perspectiva Moreira, Rocha, Puntel e Folmer corroboram, destacando que:

É na adolescência que as questões relacionadas à sexualidade surgem intensamente em função da identidade sexual e da orientação sexual, pois o adolescente está procurando se descobrir e, conseqüentemente, muitas dúvidas e curiosidades surgem naturalmente em decorrência às fases da vida não vivida (MOREIRA; ROCHA; PUNTEL; FOLMER, 2011, P.68).

Cabe destacar que tornar-se adolescente é um processo que vai além das mudanças físicas, “[...] mas também está ligado com o desenvolvimento psíquico que auxiliará na formação da identidade do sujeito” (PAULA,2018 p.15). Conforme a percepção dos professores, há indícios de que os adolescentes almejam e necessitam de um espaço de escuta dentro da escola, para que suas dúvidas e curiosidades sejam acolhidas e sanadas da melhor maneira possível, sem mito ou inverdades.

Logo, concordamos com Vieira, Melo, Freire, Cruz, Coêlho, Ribamar, Silva, Soares e Costa (2017) que a escola deve oferecer uma educação ampla, que contemple, além dos conteúdos das disciplinas, as questões sociais e culturais e que correspondam às demandas dos adolescentes escolares. Corroborando com a citação anterior, Sarmento, Rocha, Lira, Costa, Santos e Barbosa (2018) reiteram que:

É necessário que os docentes ultrapassem as várias limitações para incluir temas como IST e educação sexual dentro do contexto escolar de forma leve, visando educar para prevenir através de um ensino baseado no diálogo e na construção de uma relação de confiança entre professor e aluno (SARMENTO; ROCHA; LIRA; COSTA; SANTOS; BARBOSA,2018).

Ao analisarmos as respostas dos professores pesquisados em relação às dificuldades (Figura 1), percebeu-se que alguns pais ainda têm receio que seus filhos e filhas conversem ou tenham acesso às informações relacionadas à sexualidade, por acreditarem que os filhos ainda não têm idade para este assunto. Nesta perspectiva, Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013) discutem que é necessário que os adultos de referência (pais ou responsáveis, professores e profissionais da saúde) compreendam que a sexualidade é um processo inerente a todos os seres humanos e que está presente em todas as etapas da vida. Logo, compreende-se que não existe

idade para falar sobre sexualidade, mas devemos utilizar abordagens diferentes, porém de forma honesta e tranquila.

Durante a abordagem acerca do tema sexualidade, os profissionais da educação precisam compreender e respeitar as diferentes crenças e valores arraigados nas famílias. Pois, não compete aos professores julgar como certa ou errada a educação que cada família oferece, e sim, possibilitar discussões considerando a realidade de cada adolescente escolar. O papel da escola é abrir espaço para que a pluralidade de concepções, valores e crenças sobre sexualidade possa se expressar (BRASIL, 1998 p 305).

Por outro lado, sabemos que educar sexualmente os adolescentes não é tarefa fácil e requer uma ação coletiva dos adultos de referência. Deste modo, concordamos com Caldeira e Lopes (2017) ao mencionarem que é necessário que pais, professores, técnicos de saúde, demais profissionais unam esforços e atuem num processo de interação constante, formando e informando os adolescentes, permitindo-lhes a possibilidade de escolhas assertivas.

Nesse sentido, é possível inferir que para amenizar a resistência de alguns pais quanto à abordagem da educação sexual na escola, é necessário envolvê-los em discussões junto à escola, fazendo-os compreender a importância do tema. No entanto, para que ocorra uma educação sexual emancipatória, inclusiva e que respeite as diferenças, Quirino e Rocha (2013) inferem que é preciso romper paradigmas e tabus existentes na sociedade que ainda é, predominantemente, machista e patriarcal.

Observou-se, nas repostas dos professores e professoras, que a educação sexual ainda é vista como um tabu, sendo até um tema polêmico que causa vergonha, tornando-se desafiante à prática docente. Esses comportamentos se justificam, segundo Oliveira, Resende e Gonçalves (2018), porque o tema sexualidade sofre forte influência cultural e está atrelado a mitos, preconceitos e concepções distorcidas.

Diante disto, acredita-se que a escola é terreno fértil para a desconstrução de concepções simplistas em relação à educação sexual. Sobre essa inferência, Kurpel, Gagliotto, Couss afirmam que:

É na escola, que o professor pode desenvolver ações que visem desmistificar tabus quebrando paradigmas e trazendo novas perspectivas e formas de pensamento que através de reflexões podem auxiliar na desconstrução e ressignificação das novas ideias (KURPEL; GAGLIOTTO; COUSS, 2017, p.7).

Ainda sobre as dificuldades que os professores e professoras apontaram, foi indicada a falta de preparo dos mesmos para lidar com a temática educação sexual. De acordo com Moreira e Folmer (2015), para o docente desenvolver a educação sexual na escola de maneira segura é necessário que ele tenha conhecimento técnico-científico sobre esse tema.

É oportuno ressaltar, que o indicativo dessa falta de preparo dos docentes que foi relatado não se restringe apenas aos professores dessa pesquisa. Uma pesquisa realizada por Paes, Favorito, Gonçalves (2015), com o objetivo de verificar como a temática sexualidade tem sido trabalhada nas séries iniciais do ensino fundamental, identificou que os principais fatores que dificultam a educação sexual nas escolas estão relacionados ao preconceito presente no contexto familiar acerca da sexualidade, à falta de conhecimento e de formação para falar sobre a temática.

Destacamos, ainda, outra pesquisa realizada por Oliveira, Santana e Schunemann (2017) que investigou a formação docente e a percepção dos professores ao trabalharem a educação sexual com seus estudantes. Esse estudo apontou que os docentes participantes demonstraram ter pouca formação para desenvolverem projetos de educação sexual. Para os autores, essa falta de preparo termina acarretando pouco envolvimento ou estímulo dos docentes para desenvolverem o trabalho de educar sexualmente seus estudantes. Para que o programa de educação sexual alcance suas principais finalidades e propostas, é necessário que os professores se sintam seguros e conheçam seu papel como educadores e adultos de referência para os adolescentes (NOGUEIRA; ZOCCA; MUZZETI; RIBEIRO, 2016).

Não é necessário que os educadores sejam especialistas na área da educação sexual, porém é importante que conheçam seu conceito ancorado no embasamento científico para que possam reconhecer sua importância no ambiente escolar. Concordamos com Lara, Salgueiro, Puntel e Folmer (2015), ao inferirem que, para superar as dificuldades que os professores apresentam ao abordarem os temas transversais, principalmente os relacionados à sexualidade, se faz necessário que os referidos temas sejam trabalhados desde sua formação inicial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apontou que embora o tema educação sexual ainda seja revestido por tabu, vergonha e polêmica no contexto escolar, é atrativo e desperta interesse e curiosidade dos escolares. A referida evidência facilita e favorece a participação de escolares na construção do conhecimento para uma sexualidade emancipatória e desprovida de preconceitos e tabus.

No entanto, constatou-se que os professores participantes do estudo enfrentam barreiras que dificultam a efetivação da educação sexual na escola, pelo receio da desaprovação dos pais. Além disso, não se sentem preparados para o trabalho de educar sexualmente seus escolares. Diante do exposto, compreendemos que a inclusão da família na discussão da temática na escola e a formação docente são fatores primordiais para o enfrentamento das

dificuldades descritas durante a pesquisa, pois os professores terão mais segurança para desenvolverem a educação sexual na sala de aula.

Considerando a relevância desta temática e, sobretudo, as carências encontradas neste estudo, pretende-se articular e promover uma formação continuada aos professores pesquisados, com temas sobre sexualidade e educação sexual, a partir da metodologia da problematização, a fim de fortalecer a atuação dos professores para a prática em educação sexual no contexto escolar.

Assim, é imprescindível que a escola disponibilize um espaço para que os adultos de referência possam discutir e refletir a importância da educação sexual durante a adolescência, para minimizar as vulnerabilidades relacionadas à gravidez não planejada, ao aborto e às Infecções Sexualmente Transmissíveis, assim como também discussão acerca de demais questões como gênero, desejo, prazer, responsabilidade e ética. Além disso, é necessário e urgente que os cursos de formação docente incluam nos seus currículos o estudo de temas relacionados à sexualidade e educação sexual na escola.

REFERÊNCIA

BARBOSA, Luciana Uchôa; VIÇOSA, Cátia Silene Carrazoni Lopes; FOLMER, Vanderlei. A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 10, p. e772, 8 jul. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e772.2019>. Acesso em: 12 de jul.2019.

BARCELOS, Nora Ney Santos; JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de ciências e biologia. **Revista Eletrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 10, n.2, p. 334–45, 2011. Disponível em: <http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen10/ART6_VOL10_N2.pdf>. Acesso em: 17 out. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BORGES, Ana Luiza Vilela; FUJIMORI, Elizabeth; KUSCHNIR, Maria Cristina Caetano; CHOFKIAN, Christiane Borges do Nascimento; MORAES, Ana Júlia Pantoja de; AZEVEDO, George Dantas; SANTOS, Karine Ferreira dos; VASCONCELLOS, Mauricio Teixeira Leite de. ERICA: início da vida sexual e contracepção em adolescentes brasileiros. **Revista de Saúde Pública**, v. 50, n.15, p.1-11,2016. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rsp/v50s1/pt_0034-8910-rsp-S01518-87872016050006686.pdf. Acesso em 16 jul. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão revista, Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018_versaofinal.pdf>. Acesso em: 19 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Projetos Educacionais Especiais. **Diretrizes para uma política educacional em sexualidade**. Secretaria de Projetos Educacionais Especiais-Brasília: MEC/SEPESPE, 1994. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001753.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: orientação sexual**. Brasília: MEC /SEF; 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2018.

BRASIL. Plano Nacional de Educação - PNE. Plano Nacional de Educação 2014-2024 [recurso eletrônico]: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 86 p. – (Série legislação; n. 125). Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documentoreferencia.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2018.

BRASIL. Lei Federal 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 4 nov. 2018.

CALDEIRA, Ermelinda; LOPES, Manuel José. Educação sexual na escola contextos para a mudança. **Revista Ibero – Americana de saúde e envelhecimento** v.3, n.3, p.1147 – 1164, 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.uevora.pt/index.php/saudeenvelhecimento/article/view/192/374>>. Acesso em: 3 nov. 2018.

European Expert Group on Sexuality Education. Sexuality education – what is it?. **Sex Education** n.16 v.4, p. 427-431, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/14681811.2015.1100599>>. Acesso em: 18 out. 2018.

FURLANETTO, Milene Fontana; LAUERMANN, Franciele; COSTA, Cristofer Batista da; MARINI, Ângela Helena. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, n. 168 (Abr. - jun.), p. 550-571, 2018,. Disponível em: file:///C:/Users/Luciano/AppData/Local/Temp/Dialnet-EducacaoSexualEmEscolasBrasileiras-6502674-4.pdf . Acesso em: 2 nov. 2018.

GONÇALVES, Randys Caldeira; FALEIRO, José Henrique; MALAFAIA, Guilherme. **Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios**. **Revista Holos**, v. 29, n.5, 2013. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/784>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

GONZALEZ A, Electra; MOLINA G, Temístocles; LUTTGES, Carolina. Características de la educación sexual escolar recibida y su asociación con la edad de inicio sexual y uso de anticonceptivos en adolescentes chilenas sexualmente activas. **Rev. chil. obstet. ginecol.** Santiago, v. 80, n. 1, p. 24-32, 2015. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-75262015000100004&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 03 nov. 2018.

HELMER, Janet; SENIOR, Kate; DAVISON, Belinda; VODIC, Andrew. Improving Sexual Health for Young People: Making Sexuality Education a Priority. Sex Education: Sexuality, Society and Learning, v15 n2 p158-171 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/14681811.2015.1100599>. Acesso em: 10 abr. 2018.

KURPEL, Denise Fátima; GAGLIOTTO, Gisele Monteiro; COUSS, Luana Cristina Reis. Educação sexual na escola na desmistificação de tabus relacionados à travestilidade. In: Simpósio Internacional em Educação Sexual, 5, 2017, Maringá. **Anais**. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/> Acesso em: 18 set. 2018.

LANES, Karoline Goulart; COPETTI, Jaqueline; LARA, Simone; LANES, Dário Vinícius Cecon; PUNTEL, Robson Luiz; FOLMER Vanderlei. Estratégias de promoção da Saúde do escolar a partir da abordagem de temas geradores. **Experiências em Ensino de Ciências**. v.09,n.2, p. 154 – 169. 2014. Disponível em: http://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID248/v9_n2_a2014.pdf . Acesso em: 17 out. 2018.

LARA, Simone; SALGUIERO, Andréia Caroline Fernandes; PUNTEL, Robson; FOLMER Vanderlei. Trabalhando a interdisciplinaridade com o tema transversal saúde na formação inicial de estudantes do curso normal. **Revista Ciências & Ideias**. v. 6, n.2, p.116-134, jul/dez. 2015. Disponível em: <<http://revistascientificas.ifrn.edu.br:8080/revista/index.php/reci/article/view/379/343>> Acesso em: 12 out. 2018.

LORENZI, Franciele. **Educação sexual na formação do/a pedagogo/a no estado do Paraná.**2017.200f.Dissertação(Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Paraná,2017. Disponível em:< <http://tede.unioeste.br/handle/tede/3326> >. Acesso em: 2 nov. 2018.

MOREIRA; Betina Loitzenbauer da Rocha; ROCHA, João Batista Teixeira da; PUNTEL, Robson Luiz; FOLMER, Vanderlei. Educação sexual na escola: implicações para a práxis dos adultos de referência a partir das dúvidas e curiosidades dos adolescentes. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**. v.10, n. 1, p.64-83, 2011. Disponível em: <https://reec.uvigo.es/volumenes/volumen10/ART4_Vol10_N1.pdf >. Acesso em: 17 out. 2018.

MOREIRA, Betina Loitzenbauer Rocha; FOLMER, Vanderlei. Educação Sexual na Escola: Construção e Aplicação de Material de Apoio. **Experiências em Ensino de Ciências** – v.6, n. 2, p. 151-160, 2011. Disponível em: <http://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID153/v6_n2_a2011.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

MOREIRA, Betina Loitzenbauer Rocha; FOLMER, Vanderlei. Percepções de professores de ciências e educação física acerca da educação sexual na escola. **Experiências em Ensino de Ciências** v.10, n. 3, 2015. Disponível em: <http://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID282/v10_n2_a2015.pdf >. Acesso em: 20 set. 2018.

NOGUEIRA, Natália Souza; ZOCCA, Adriana Rodrigues; MUZZETI, Luci Regina; RIBEIRO, Paulo Rennes. Educação sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores. **HOLOS**, v. 3, n.32, p.319-327, 2016. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2302>>. Acesso em: 16 out. 2018.

OLIVEIRA, Letícia Thais Santos; SANTANA, Ronaldo; SCHUNEMANN, Haller Elinar Stach. Percepção dos docentes do Ensino Médio referente à educação sexual na escola. **Rev. Int. de Form. de Professores (RIFP)**, Itapetininga, v. 2, n.2, p. 121-135, 2017. Disponível em: <https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/RIFP/article/view/667>>. Acesso em: 2 nov. 2018.

OLIVEIRA, Edicleia Lima de; REZENDE, Jaqueline Martins; GONÇALVES Josiane Peres. História da sexualidade feminina no Brasil: entre tabus, mitos e verdades. *Revista Ártemis*, v. XXVI n. 1; jul-dez, p. 303-314, 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/37320>. Acesso em: 22 mai. 2019.

PAES, Daniela Cristina; FAVORITO, Ana Paula; GONÇALVES, Randys Caldeira. Educação sexual nas séries iniciais do ensino fundamental: o que educadoras da rede municipal de ensino de Pires do Rio (Goiás) têm a dizer? **Multi-Science Journal**, v.1, n.3, p. 69-78, 2015. Disponível em: <<https://www.ifgoiano.edu.br/periodicos/index.php/multiscience/article/view/122/88>>. Acesso em: 11 set. 2018.

PAULA, Francielli Karine. **Educação Sexual no ambiente escolar**: análise dos conhecimentos dos alunos e da opinião de professores do Ensino Fundamental e Médio. 2018. 64f. Dissertação (Mestrado em Docência e Gestão da Educação) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade de Fernando Pessoa, Porto, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10284/6965>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

PORTUGAL. Lei n. 60, de 6 de agosto de 2009. Assembleia da República. Disponível em: <<https://dre.pt/pesquisa/-/search/494016/details/maximized>>. Acesso em: 02 out. 2018.

QUIRINO, Glauberto da Silva; ROCHA, João Batista Teixeira da. Prática docente em educação sexual em uma escola pública de Juazeiro do Norte, CE, Brasil. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru, v. 19, n. 3, p. 677-694, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132013000300011&script=sciabstract&tlng=pt>. Acesso em: 12 set. 2018.

SANTOS, Nathany Ribeiro Lima dos; SARA, Pereira; SOARES, Zilene Moreira Pereira. Documentos curriculares oficiais assegurando a abordagem de gênero e sexualidade para a educação básica: um olhar para o ensino de ciências. In: V SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 2018. Universidade Federal de Londrina. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/anais/v-simposio-genero-e-politicas-publicas.php>>. Acesso em: 3 nov. 2018.

SARMENTO, Sued Sheila; ROCHA, João Batista Teixeira da; LIRA, Margare Olinda de Souza Carvalho; COSTA, Dhessika Riviery Rodrigues dos Santos; SANTOS, Mariana Brandt Fernandes; BARBOSA, Kalliny Mirella Goç Alves. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NAS ABORDAGENS SOBRE IST NO ENSINO FUNDAMENTAL. **REVASF**, v.8, n.17, p.83 – 99, 2018. Disponível em: <http://periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/293>. Acesso em: 20 mar. 2019.

SILVA, George Sobrinho; LOURDES, Luciana Aparecida de; BARROSO, Karen de Almeida; GUEDES, Helisamara Mota. Comportamento sexual de adolescentes escolares. **Revista Mineira de Enfermagem**, v.19, n.1, p. 154 – 160, 2015. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/993>. Acesso em: 17 jul. 2019.

SILVEIRA, Jordana Maria da; PEREIRA, Jaiane Aparecida. VIOLÊNCIA SEXUAL INTRAFAMILIAR CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: possibilidades de atuação das instituições escolares. In: I Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação, 2017. Naviarí- MG. Disponível em: <http://seer.ufms.br/index.php/EIGEDIN/article/view/4346>. Acesso em: 4 nov. 2018.

UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **International technical guidance on sexuality education**. 2 ed. revisada. Paris,2018. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0026/002607/260770e.pdf>>. Acesso em: 3out. 2018.

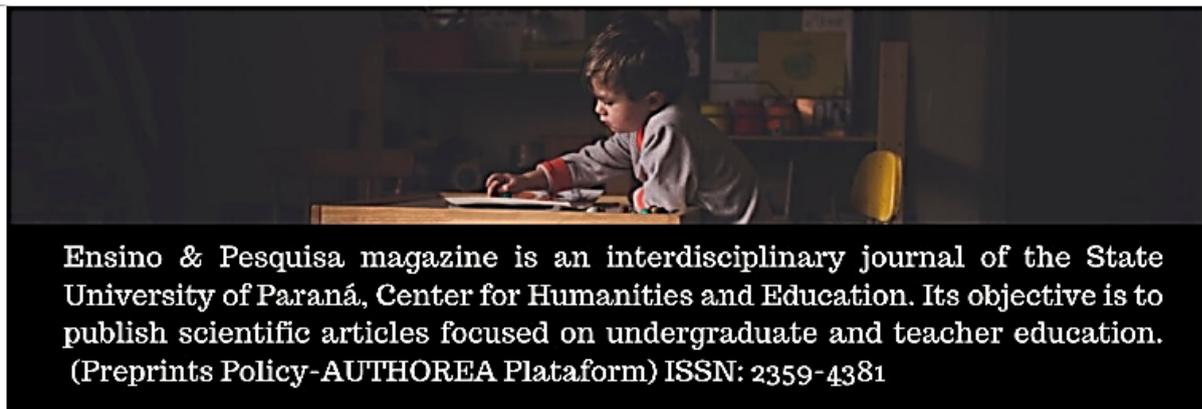
VIEIRA, Michelangela Pinto; MELO, Mônica Cecília Pimentel de; FREIRE, Ana Karla da Silva; CRUZ, Nayara Mendes; COELHO, Vitória Silva; RIBAMAR Deolindo de Sousa; SILVA, Gustavo Elias da; SOARES, Félix Alexandre Antunes; COSTA, Mateus Mattiuzi da. Espaço dialógico sobre sexualidade na adolescência: e agora, professor? **REVASF**, vol. 7, n.14, p. 120-140, dez., 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/73/78>>. Acesso em: 04 nov. 2018.

ZERBINATI, João Paulo; DE TOLEDO BRUNS, Maria Alves. DIVERSIDADE DE GÊNERO E EDUCAÇÃO. **Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco**, v. 8, n. 16, 30 set. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/236>. Acesso em: 16 jul.2019

5.4 Artigo 4 – CONTRIBUIÇÕES DA METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE EM EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE

O artigo 4 contemplou os objetivos 4 e 5 e foi publicado pela Revista Ensino & Pesquisa, vol.18, n.01, p.98-120, 2020. Esse referido periódico foi avaliado com Qualis (CAPES) B1 na área de Ensino, referente à avaliação ocorrida no período de 2013 a 2016. O texto está disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/issue/view/189/showToc>

Este artigo foi construído com base nos dados obtidos do desenvolvimento profissional docente, realizado em 2018, para os professores do Centro de Excelência Municipal Professor José Vieira da Costa – CEM em Belo Jardim – PE.



Ensino & Pesquisa magazine is an interdisciplinary journal of the State University of Paraná, Center for Humanities and Education. Its objective is to publish scientific articles focused on undergraduate and teacher education. (Preprints Policy-AUTHOREA Plataform) ISSN: 2359-4381

Contribuições da metodologia da problematização para o desenvolvimento profissional docente em educação para a sexualidade

Luciana Uchôa Barbosa, Mestre pelo Programa de Pós Graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde – UFRGS, Doutoranda do Programa de Pós Graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde – UFRGS, luciana.uchoa@belojardim.ifpe.edu.br

Jaqueline Copetti, Mestre em Educação Física (UFPEL), Doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (UFSM), jaqueline.copetti@gmail.com

Vanderlei Folmer, Doutor em Ciências Biológicas (UFSM), Pós doutorado em

Contribuições da metodologia da problematização para o desenvolvimento profissional docente em educação para a sexualidade

Resumo: O presente estudo tem como objetivo identificar as possíveis contribuições da metodologia da problematização (MP) com o arco de Maguerez no desenvolvimento profissional docente (DPD) em educação para a sexualidade. Para isso, foi realizada uma pesquisa exploratória e descritiva com abordagem qualitativa. Participaram da pesquisa, docentes que atuavam no ensino fundamental nos anos finais (6º ao 9º ano) de uma escola no interior de Pernambuco. A pesquisa foi realizada em três fases. Na primeira fase foi aplicado um questionário constituído por questões abertas. Posteriormente, foi realizado o DPD tendo como temática a educação para a sexualidade. Essa atividade foi desenvolvida utilizando a MP com o arco de Maguerez. A última fase consistiu de outro questionário pós DPD, para identificar as possíveis contribuições da MP para um novo fazer pedagógico abordando a educação para a sexualidade no contexto escolar. Os resultados apontaram que a utilização da MP com o arco é uma estratégia que possibilita inúmeras contribuições para a prática docente. Permite ao educador ser o protagonista na construção do seu próprio conhecimento. A metodologia também favorece a coletividade desde o levantamento de problemas até a construção de soluções para a transformação da realidade. Também foi possível constatar que a MP com o arco de Maguerez, proporciona segurança e autonomia ao professor para abordar o tema sexualidade em sala de aula. Revelou-se ainda ser eficaz na integração entre os familiares e a escola para discussão e reflexão acerca do tema em ambos os contextos. Diante do exposto, fica a proposta de utilizar a MP com o arco de Maguerez como estratégia para o desenvolvimento profissional docente em educação para a sexualidade. Considerando que se

trata de um tema pertinente, sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas envolvendo os adultos de referência (pais, professores e profissionais de saúde).

Palavras – chave: Formação docente, Educação sexual, Arco de Maguerez.

Contributions of the problematization methodology to the teacher professional development in sexuality education

Abstract: The present study aims to identify the possible contributions of the problematization methodology with the Maguerez arc in the teacher professional development in sexuality education. For this, an exploratory and descriptive research with qualitative approach was performed. Teachers who worked in elementary school II (6th to 9th grade) of a school in the interior of Pernambuco participated in the research. The research was conducted in three phases. In the first phase a questionnaire consisting of open questions was applied. Subsequently, the teacher professional development was carried out with the theme of sexuality education. This activity was developed using the methodology of problematization with the Maguerez arc. The last phase consisted of another post DPD questionnaire to identify the possible contributions of the problematization methodology to a new pedagogical approach to sexuality education in the school context. The results pointed out that the use of the arc problematization methodology is a strategy that allows countless contributions to the teaching practice. For it allows the educator to be the protagonist in the construction of his own knowledge. The methodology also favors the collectivity from the raising of problems to the construction of solutions for the transformation of reality. It was also found that MP with the Maguerez bow provides security and autonomy to the teacher to address the issue of sexuality in the classroom. It was also shown to be effective in integrating family and school for discussion and reflection on the theme in both contexts. Given the above, it is proposed to use MP with the Maguerez arch as a strategy for the professional development of teaching in sexuality education. Considering that this is a pertinent theme, it is suggested that further research be conducted involving reference adults (parents, teachers and health professionals).

Keywords: Teacher training, Sexual education, Maguerez Arch.

Introdução

Embora as questões sobre sexualidade estejam presentes no cotidiano da escola, este tema ainda encontra barreiras como o tabu, medo e mitos. Estes obstáculos têm como um dos motivos, a falta de conhecimento por parte dos profissionais da educação. Mediante tal contexto, torna-se necessário que o professor tenha acesso à atividade relacionada ao desenvolvimento profissional docente, que aborde a temática sexualidade. Nesta direção, Santos (2018) explica que o desenvolvimento profissional docente contribui para que o professor modifique sua postura e práticas pedagógicas, e atenda às demandas da sexualidade dos adolescentes escolares.

No Brasil, estudos reconhecem que os educadores têm dificuldade em trabalhar a educação sexual com seus alunos. Essas dificuldades são decorrentes da falta de preparo e

pouco investimento em formação inicial e continuada. (FURLANETTO et al., 2018; SANTOS, 2018; SANTOS E SANTOS, 2019). Corroborando com essa inferência Silva e Nobre (2017) asseveram que conteúdos relacionados a educação sexual devem fazer parte dos cursos de formação inicial e continuada docente. Visando garantir aos alunos conhecimentos suficientes para o cuidado com a sua saúde sexual e do coletivo.

Cabe ressaltar que nessa pesquisa optou-se pela denominação desenvolvimento profissional docente, pelo fato de que este termo melhor se adapta a proposta da pesquisa, pois de acordo com Marcelo (2009):

Entende-se o desenvolvimento profissional dos professores como um processo individual e colectivo que se deve concretizar no local de trabalho do docente: a escola; e que contribui para o desenvolvimento das suas competências profissionais, através de experiências de índole diferente, tanto formais como informais (MARCELO, 2009, p.7).

Outra justificativa pela escolha do termo baseia-se na explicação de Lacerda e Melo (2017) que o desenvolvimento profissional docente não se restringe a um modelo tradicional de transmissão de conhecimento. Mas, possibilita a construção do conhecimento, buscando identificar e compreender os problemas que ocorrem durante o processo de ensino-aprendizagem, para posteriormente encontrar as soluções dos problemas.

Ainda, as autoras ressaltam que o processo de formação docente deve ser planejado a partir das necessidades da realidade escolar e ter como propósito o desenvolvimento das habilidades docente para contribuir na transformação dessa realidade. Diante do exposto, buscou - se realizar um estudo com o objetivo de identificar as possíveis contribuições da metodologia da problematização com o arco de Magueres para o desenvolvimento profissional docente em educação para a sexualidade.

A importância do desenvolvimento profissional docente em educação para a sexualidade

Poucas pesquisas têm sido realizadas acerca do DPD em educação para sexualidade, apesar do aumento de estudos relacionados ao contexto escolar. “Do ponto de vista educacional estudos sobre o tema em questão é imprescindível para obter informações que possam auxiliar no planejamento de ações educativas eficientes que favoreçam o desenvolvimento das crianças” (GONÇALVES, PAES E FAVORITO, 2015). Logo, o DPD é nitidamente um componente importante para a eficácia da educação para a sexualidade nas escolas e é uma oportunidade para construir uma base sólida para a implementação deste trabalho.

Carman et al. (2011) também apontam que o desenvolvimento profissional docente pode ajudar a reduzir barreiras e desafios na implementação da educação para sexualidade no contexto escolar e melhorar a qualidade do ensino, a partir do momento em que os professores passam a se sentirem mais seguros diante do tema. Ainda, segundo os autores, o tema sexualidade na adolescência não pode deixar de ser implementado na escola, ou não avance por falta de formação do profissional docente. Nesse sentido, Amaral et al. (2015) consideram a escola como um local privilegiado para o desenvolvimento profissional docente em educação sexual, pois:

Trata-se de um espaço em que as relações de poder historicamente construídas permeiam as relações da comunidade no âmbito escolar, uma vez que, nessa instituição são transmitidos os padrões de sociabilidade, os valores e a moral, onde há o condicionamento das concepções de sexualidade e gênero (AMARAL,2015, P.47).

Porém, pesquisa realizada por Barbosa, Viçosa e Folmer (2019) aponta que no Brasil não existe uma política pública que regulamenta a inserção do tema educação para sexualidade nos currículos dos cursos das licenciaturas. Assim como a obrigatoriedade do ensino sobre sexualidade nas escolas, o que favorece para o negligenciamento do tema no contexto escolar. Diferente da realidade do Brasil, países da Europa têm dentro do currículo escolar a disciplina de educação sexual há mais de meio século. Em Portugal foi criada a Lei nº. 60/2009, que estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar, no ensino básico e no ensino secundário da rede pública e privada. Bem como, é garantido pela referida Lei o desenvolvimento profissional docente para a construção de habilidades em educação sexual.

Aos professores-coordenadores de educação para a saúde e educação sexual, aos professores responsáveis em cada turma pela educação para a saúde e educação sexual e aos professores que integrem as equipes interdisciplinares de educação para a saúde e educação sexual, é garantida, pelo Ministério da Educação, a formação necessária ao exercício dessas funções (a Lei nº. 60/2009).

De acordo com a European Expert Group on Sexuality Education (2015) estudos realizados em vários países europeus, apontam que após a implementação de temas relacionados à sexualidade nas escolas, houve uma redução nos índices de gravidez e aborto na adolescência e das Doenças Sexualmente Transmissíveis. No entanto, para o trabalho de educação para sexualidade tenha êxito, é fundamental que os professores estejam preparados para tal abordagem. Pois, Pound, Langford e Campbell (2016) destacam que a educação sexual ministrada por professores com pouco ou nenhum preparo pode reverberar negativamente na sexualidade dos adolescentes e adultos.

Nesta mesma perspectiva, Imbernón (2010) ressalta que o desenvolvimento profissional docente deve ir além de um momento de reciclagem. Mas, uma oportunidade para

a investigação científica que possibilite a reflexão, imaginação e transformação. Para o autor, é fundamental que o professor seja o protagonista na construção de novos conhecimentos, e com isso possa aproximar-se da sua prática educativa com mais autonomia e novas perspectivas.

A metodologia da problematização com o Arco de Magueréz e sua contribuição como estratégia para uma ação transformadora da realidade.

A metodologia da problematização dá sua contribuição à educação ao possibilitar a aplicação à realidade. Pois, desencadeia uma transformação do real, acentuando o caráter pedagógico (BERBEL, 1998). Também é descrita por Peres et al. (2018) como uma metodologia que contribui para o desenvolvimento de profissionais críticos e reflexivos, com autonomia para transformar a realidade. Essa possibilidade pode ser realizada por meio da utilização do método do Arco de Magueréz. A qual foi escolhida para a realização desta pesquisa.

O Arco de Magueréz tem sido proposto como metodologia de ensino, de estudo e de trabalho em vários contextos. Pode ser utilizado em situações em que os temas estejam relacionados com a vida em sociedade e constitui um rico caminho para estimular o desenvolvimento de diversos saberes pelos seus participantes (ESPERIDIÃO et al, 2017, p.826).

A figura a seguir, permite visualizar as diferentes etapas da proposta de Magueréz:

Figura 1. Representação do Arco de Magueréz



Fonte: Bordenave & Pereira (1989).

Como observado na figura 1, o processo de desenvolvimento do Arco de Maguerz segue por meio de cinco etapas: a observação da realidade e a identificação do problema, os pontos-chave, a teorização, as hipóteses de solução e a aplicação à realidade. Villardi et.al. (2015) explicam que este método traz como ponto de partida o olhar atento para a realidade. E ao término a retomada da realidade para transformá-la em situação melhor.

Contexto da pesquisa e procedimentos metodológicos

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo, ancorado na abordagem qualitativa. O estudo foi realizado no Centro de Excelência Municipal – CEM, localizado no interior de Pernambuco. Os participantes da pesquisa foram professores de diversas áreas do ensino fundamental nos anos finais (6º ao 9º ano).

A pesquisa foi desenvolvida em três fases, na primeira fase foi aplicado um questionário estruturado, autoaplicável, constituído por questões abertas no intuito de subsidiar o desenvolvimento profissional docente. A fase seguinte consistiu no desenvolvimento profissional docente utilizando a metodologia da problematização com o Arco de Maguerz. Tendo como temática a educação para a sexualidade. Essa proposta teve como escopo estimular discussões e reflexões acerca dos principais problemas na prática da educação sexual. Bem como, a concepção de sexualidade e apreensão de novos conhecimentos para a prática da educação sexual na escola. A terceira fase consistiu de outro questionário pós DPD, para identificar as possíveis contribuições da metodologia da problematização. A coleta de dados também foi realizada a partir da observação dos participantes e os registros do diário de campo.

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa e aprovada por meio do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 80815917.3.0000.5189 e Parecer de aprovação: 442.434 (15/12/2017). Após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, realizou-se o encontro com os professores para esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa e em seguida a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Sendo garantido o sigilo das informações por parte dos pesquisadores.

Os dados coletados foram organizados em categorias temáticas, desenvolvidas com base na Análise de Conteúdo. Considerando as seguintes etapas propostas por Bardin (2011):

- 1) Pré-análise, que compreende a leitura exaustiva, 2) exploração do material, que consiste na organização dos dados em categorias e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação, em que as informações foram analisadas e emergiram interpretações inferenciais, críticas e reflexões.

Resultados e discussão

Para o início do desenvolvimento profissional docente, foi realizada pela pesquisadora, uma breve apresentação sobre a metodologia da problematização com o Arco de Maguerez, e em seguida, foi solicitado que os participantes formassem grupos, de acordo com o número de docentes presentes, que foram nomeados de G1 a G4. Na sequência serão apresentados os resultados de acordo com as etapas do arco de Maguerez, para melhor ilustrar o desenvolvimento de cada uma delas ao longo do processo de desenvolvimento profissional docente.

1ª Etapa - Observação da Realidade

Na etapa da observação da realidade foi solicitado que os docentes realizassem uma reflexão coletiva acerca das inquietações e dificuldades frente à educação sexual na escola. Em seguida, cada grupo apresentou os problemas elencados para o grande grupo. Cabe ressaltar que esse momento foi oportuno e produtivo, pois os docentes socializaram suas experiências em relação à educação para a sexualidade.

Também foi possível perceber, por meio da fala dos professores, as principais dificuldades e desafios. Como também, reconhecer e refletir quanto a posturas, valores e conceitos atribuídos à temática. De acordo com Berbel, (1998).

Tal observação permitirá aos alunos identificar dificuldades, carências, discrepâncias, de várias ordens, que serão transformadas em problemas, ou seja, serão problematizadas. Poderá ser eleito um desses problemas para todo o grupo estudar ou então vários deles, distribuídos um para cada pequeno grupo (BERBEL, 1998, p.142).

Enquanto cada grupo realizava sua apresentação, fez-se o registro de cada fala dos professores através do diário de campo. Assim como, foi solicitado que no final cada grupo entregasse suas anotações. De acordo com os problemas elencados pelos professores, percebe-se que trabalhar a educação para a sexualidade na escola não é tarefa simples por diversos fatores, sendo a lacuna formativa relacionada ao tema um dos principais impeditivos. Os depoimentos que seguem vêm corroborar com este entendimento:

“Falta de capacitação dos professores sobre sexualidade” (Grupo3).

“Falta de uma formação continuada para professores, específico na área de educação sexual” (Grupo 2 e 4).

Segundo estudo realizado por Anastácio (2018) professores que recebem formação em educação para a sexualidade têm menos dificuldade em abordar o tema em sala de aula. A

autora ainda ressalta que é necessária uma ação mais efetiva para que a formação de professores em educação para a sexualidade possa ser implementada, pois caso contrário permanecerá de maneira isolada e fragilizada. Corroborando com o insucesso da implementação do tema no contexto escolar.

Temas como sexualidade e o desenvolvimento da educação sexual ainda se apresentam para os docentes como grande desafio e resistência por ser um tema delicado. Além disso, percebe-se que fatores religiosos e culturais têm influenciado no trabalho da educação para a sexualidade pelos docentes. Essa resistência se dá evidentemente pela herança cultural que trata o conhecimento sobre o corpo com fortes preconceitos e tabus, criando dificuldades para a incorporação da temática no debate escolar, como evidencia o depoimento que segue:

“Inibição dos profissionais de educação em abordar o tema por conta de sua postura religiosa e cultural”. (Grupo 3)

Outro problema elencado pelos professores está relacionado à ausência da família frente à educação sexual com os filhos, conforme pode ser confirmado pelas falas dos professores:

“Falta de diálogo da família sobre o tema, os alunos não estão preparados”. (Grupo 1)
“Ausência dos pais em reuniões da escola”. (Grupo 2)

Considerando a questão relacionada à participação da família frente à educação sexual dos adolescentes, Nery et al. (2015) explicam que os pais têm receio em dialogar com seus filhos sobre sexualidade por medo, vergonha e falta de informações sobre o assunto. Também acreditam que, ao abordar o tema sexualidade, estarão incentivando precocemente seus filhos para a prática sexual. Sobre essa questão, Moreira e Folmer (2015) reiteram que os adultos têm um papel fundamental no acolhimento das dúvidas e curiosidades dos adolescentes, minimizando assim os riscos nesta fase de vulnerabilidade.

Diante desse cenário, na primeira etapa do Arco, é perceptível que os docentes compreendem quais são os problemas relacionados às dificuldades de trabalhar a temática na escola. Assim como, anseiam por um espaço para discussões, reflexões e, sobretudo de estudo. Em que, possibilite maior propriedade técnico - científica em relação ao tema e, conseqüentemente autonomia para abordá-lo. Desta forma, possibilitando buscar estratégias para aproximar a escola e a família para um diálogo sobre o tema.

2ª Etapa - Pontos-Chave relacionado ao problema

Para realização desta etapa, os grupos foram estimulados a refletirem sobre os possíveis fatores que influenciam a existência do problema elencado. Em seguida, os docentes foram convidados a apresentarem em painel aberto os Pontos-chave escolhidos. Durante a apresentação, foram determinados pelos docentes vários Pontos-chave, conforme apresentado no Quadro 1. Então, foi solicitado que definissem apenas dois de maiores prioridades, pois não seria possível trabalhar todos em virtude do tempo. Para com Villardi et al. (2015) nesta etapa são eleitos os pontos considerados prioritários, os quais indicarão caminhos para chegar a uma solução para o problema.

Quadro 1: Postos-chaves apresentados pelos grupos de docentes relacionados aos problemas elencados.

Grupo de docentes	Pontos-chave
Grupo 1	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de capacitação dos professores e iniciativa da instituição escolar. • Tabus religiosos e culturais.
Grupo 2	<ul style="list-style-type: none"> • Formação continuada para professores específica na área de educação sexual.
Grupo 3	<ul style="list-style-type: none"> • Integração da família com a escola para conversar sobre sexualidade.
Grupo 4	<ul style="list-style-type: none"> • Formação continuada para professores em educação sexual.

Fonte: Autores da pesquisa, 2019.

Desta maneira, em uniformidade com todos os grupos, a formação continuada para os docentes em educação sexual e a integração da família com a escola foram eleitas como prioridades, entre os Pontos-chave apontados.

3ª Etapa - Teorização para compreensão do problema observado

Conforme Berbel (1998) a teorização é a etapa que resulta na investigação propriamente dita. Para a autora as informações que buscam estudar sobre o problema elencado, podem ser extraídas por várias fontes como:

[...] livros, revistas especializadas, pesquisas já realizadas, jornais, atas de congressos etc.; vão consultar especialistas sobre o assunto; vão observar o fenômeno ocorrendo; aplicam questionários para obter informações de várias ordens (quantitativas ou qualitativas); assistem palestras e aulas quando oportunas etc. (BERBEL,1998, p.143).

Após a escolha dos pontos-chave, foi entregue aos professores o artigo “*Educação Sexual no contexto familiar, escola: impasses e desafios*” dos autores Gonçalves, R.C.; Faleiro,

J.H.; Malafaia, G. publicado pela Revista Holos em 2013 para que fizessem a leitura individual e anotações dos pontos que mais chamaram a atenção no referido artigo. Ao término da leitura, foi realizada uma roda de conversa para discussão e a prática reflexiva, gerando o seguinte discurso:

“Filhos são seres assexuados”. (P 1)

“O papel da escola em buscar meios de fazer parte da vida do adolescente e negociar diálogos”. (P 2)

“A educação sexual é um direito que todas as crianças e adolescentes têm”. (P 4) “A família omissa e a escola despreparada”. (P 3)

Diante do exposto, foi possível perceber que a investigação por meio da leitura do artigo contribuiu muito para a construção de novos conhecimentos e perspectivas sobre a sexualidade. Sobre essa questão, concordamos com Freire (1996) ao inferir que o ensino e a pesquisa devem andar juntos, se almejamos uma educação de qualidade. Também possibilitou que os professores refletissem sobre o seu papel na vida do adolescente e percebê-los como cidadãos de direito, inclusive a informação sobre sexualidade. Para Garnica (2016) o professor, enquanto responsável pela formação do sujeito, precisa estar preparado para as demandas da escola e tornar esse ambiente um espaço de inclusão.

Ao término da roda de conversa, a pesquisadora junto com os professores percebeu que era necessário mais um momento de estudo sobre a temática educação sexual no contexto escolar, antes de seguirem para a próxima etapa. Sendo assim, foi entregue a cada docente uma cópia dos artigos intitulados: “*Educação sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores*”, de autoria de Nogueira, N.S.; Zocca, A.R.; Muzzeti, L.R.; Ribeiro, P.R. publicado pela Revista Holos em 2016 e “*Práticas de educação sexual no cotidiano escolar: tecendo reflexões*” apresentado no II CONEDU pelos autores Costa, D.M.S.; Moreno, O.S.N.; Miranda, J.R. para serem analisados e discutidos no próximo encontro.

Com isso, buscou-se superar as limitações quanto ao conceito acerca da sexualidade, possibilitando um maior significado para a importância da educação para a sexualidade no contexto escolar e o papel do professor, fornecendo também subsídios para a elaboração da etapa Hipóteses de Solução.

4ª Etapa – Hipótese de Solução ao problema

De acordo com Villardi et al. (2015) essa etapa requer criatividade para que as hipóteses de solução do problema sejam elaboradas. As autoras ressaltam que para a formulação das Hipóteses de Solução é preciso levantar algumas questões como: O que é preciso para

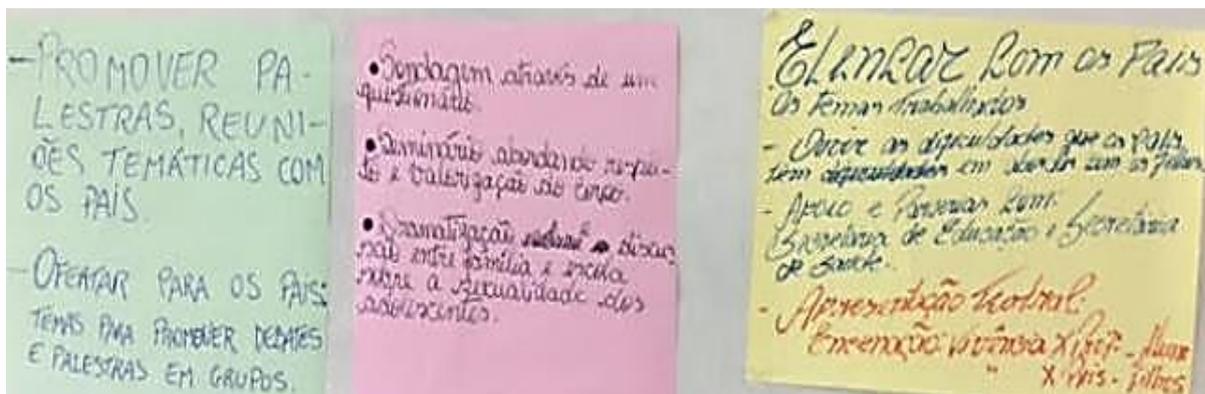
resolver o problema extraído? Ao iniciar a quarta etapa do Arco de Maguerez, a pesquisadora realizou uma breve apresentação dos resultados de duas perguntas que constaram no questionário que antecedeu o processo do desenvolvimento profissional docente. O objetivo era possibilitar que os grupos retomassem as discussões realizadas nas duas primeiras etapas, e assim auxiliar as reflexões e elaboração das Hipóteses de soluções do problema. Além das respostas consolidadas, foi apresentado aos professores participantes da formação, duas nuvens de palavras com as facilidades e dificuldades da educação sexual na escola, apontadas pelos referidos professores, conforme figura 1.

Figura 1. Nuvens de palavras associadas às facilidades e dificuldades para desenvolver a Educação Sexual na escola.



Fonte: Barbosa e Folmer (2019).

Após a apresentação das nuvens de palavras, a pesquisadora encerrou com a seguinte pergunta: Qual a Hipótese de solução que julgam eficiente para a superação do problema diagnosticado: Educação Sexual na escola? Em seguida, foi entregue a cada grupo cartolina e lápis piloto para que colocassem as hipóteses de solução sugeridas por cada grupo e depois apresentadas como painel aberto para análise e planejamento das ações, conforme figura 2.

Figura 2. Painel aberto com as Hipóteses de Solução

Fonte: Autores da pesquisa, 2019.

As Hipóteses de solução apresentadas pelos grupos de professores foram estruturadas conforme demonstração no quadro 2:

Quadro 2. Hipóteses de solução apresentadas pelos grupos de professores

Hipóteses de solução	Grupo de professores	Atividades sugeridas
Encontro família na escola	Grupo A	- Promover palestra e reunião temática com os pais. - Ofertar para os pais temas para promover debates e palestras em grupos.
	Grupo B	- Sondagem através de um questionário para os pais. - Dramatização e discussão entre família e escola sobre a sexualidade dos adolescentes.
	Grupo C	- Ouvir as dificuldades que os pais têm em abordar o tema com seus filhos.

Fonte: Autores da pesquisa, 2019.

Por fim, ficou definido por todos os docentes que seria realizado um encontro dos professores e as famílias denominado “Família na Escola” para o diálogo sobre sexualidade e educação para a sexualidade.

5ª Etapa - Aplicação à Realidade

Para Berbel (1998) a última etapa do arco de Maguerz é caracterizada como a etapa da prática ou momento da ação. Levando em consideração o ponto de partida, ou seja, a realidade social na intenção de transformar essa realidade. Assim, inicialmente os professores indicaram como momento oportuno para aplicação da realidade o evento dia da “Família na escola”, que consta no calendário

escolar e ocorre semestralmente com o objetivo de reunir os pais para apresentação das notas dos escolares e discutir sobre o comportamento desses.

Os professores da pesquisa sugeriram que fosse planejado um momento para que a escola e a família pudessem dialogar e refletir sobre sexualidade na adolescência e a educação para a sexualidade. Logo, foi aberto espaço para o planejamento das atividades que seriam realizadas. Para a operacionalização desta etapa, foi enviada aos pais e/ou responsáveis uma carta convite emitida pelo gestor da escola.

O evento ocorreu em novembro de 2018 e teve a duração de três horas e meia, com a realização das seguintes atividades: o acolhimento dos familiares e a apresentação das atividades. Em seguida, realizou-se a apresentação de uma peça teatral com uma dramatização sobre sexualidade na adolescência encenada pelos professores. Ao término da dramatização, os familiares foram direcionados para as salas de aulas, de acordo com ano escolar dos respectivos filhos e filhas. Os pais e responsáveis foram acomodados em círculo para facilitar a integração e o diálogo dos familiares e dos professores.

Para dar início à roda de conversa, os professores perguntaram aos familiares se as cenas apresentadas no teatro faziam parte da realidade de cada um em suas casas. Nesse momento foi possível a discussão e reflexão sobre o tema, onde cada pai e mãe pode relatar suas experiências com os filhos e/ou filhas acerca da sexualidade na adolescência. As falas dos pais e mães podem ser observadas no Quadro 3, onde constam as transcrições das informações dos professores por meio de anotações, no qual foram orientados pela pesquisadora durante a fase do planejamento.

Quadro 3. Desenvolvimento da roda de conversa pais e professores

Sala	Ano escolar	Número de familiares	Número de professores	Relatos dos pais
01	8º ano	14	06	Alguns pais se identificaram com a peça de teatro. Outros têm dificuldade de falar com seus filhos sobre o tema. Uma mãe disse que não teve orientação dos pais e engravidou na adolescência.
02	7º ano	11	06	Os pais relataram que gostaram da peça teatral e que se identificaram com o tema abordado. Uma mãe relatou ter dificuldade em conversar com o assunto sobre sexo, namoro com o filho. Um pai relatou que pede a esposa que converse com a filha sobre sexualidade. Uma mãe disse que falta informação em casa e que o pai não tem coragem de se abrir com os filhos para orienta-los.

03	6º ano	14	06	Um pai relatou que não teve diálogo com seus pais quando adolescente, aprendeu na escola. Mas, reconhece a importância de conversar com seus filhos.
04	9º anos	15	06	Uma mãe disse que apanhou de corda por perguntar para a sua mãe o que é sexo. Com isso ela até hoje tem vergonha de falar sobre sexualidade. Tem uma filha que engravidou com 13 anos e tem medo que a filha de 12 anos também engravide na adolescência. Um pai relatou que não conversa com seus filhos porque tem dificuldade, mas acha importante que a escola aborde assuntos sobre sexualidade.

Fonte: Produzido com base nas transcrições dos professores.

Ao finalizar todas as etapas do arco de Magueréz, a pesquisadora teve mais um encontro com os professores para aplicação do questionário e realizar o fechamento do desenvolvimento profissional docente.

Percepções sobre o Arco de Magueréz

Dos vinte professores que responderam o questionário, dezenove informaram que não conheciam a metodologia da problematização com base no arco de Magueréz. Quanto à percepção acerca da metodologia utilizada, os professores apontaram que é uma metodologia interessante porque trabalha a temática a partir do problema e auxilia muito no aprendizado, como constam nos textos a seguir:

“Muito boa porque começa pelo levantamento dos problemas que está acontecendo e procura soluções direcionadas para esses problemas” (P1).

“É de grande relevância, pois nos permite compreender o problema e todas suas particularidades, possibilitando nos chegar a uma solução de problema” (P2).

“Excelente, favorece um trabalho coletivo com planejamento e execução. “Um bom método de aprendizagem” (P 6).

“Foi um método inovador onde acrescentou muito para minha formação e de fato podemos identificar e buscar soluções reais, possíveis” (P13).

Contudo, verificou-se diante das respostas dos professores, que a metodologia da problematização com o arco de Magueréz possibilitou o protagonismo dos professores desde o levantamento dos problemas que acometem a realidade escolar, assim como, a construção de conhecimentos científicos que favoreceram a elaboração coletiva das soluções. Jardimino e Sampaio (2019) apontam que é fundamental a participação dos professores durante seu processo de desenvolvimento profissional desde o levantamento dos problemas relacionados ao cotidiano do trabalho docente, assim como a busca por soluções.

Potencialidades do Arco de Magueréz

Foram diversas potencialidades apontadas pelos professores para utilização do arco de Magueréz, pois possibilita enxergar o problema de maneira ampla e crítica, para em seguida buscar soluções de maneira coletiva. As respostas destacadas a seguir colaboram com esse entendimento.

“Visualização ampla do problema para elaboração das soluções” (P 02).
 “Através dele podemos alcançar resultados satisfatórios diante da problematização” (P04).
 “Entender claramente o passo a passo do problema para a obtenção do resultado” (P 17).

Ainda sobre as potencialidades, os professores elencaram que, além de ser um método organizado, as etapas do arco de Magueréz possibilitaram a integração de todos, inclusive dos familiares na escola, conforme as respostas a seguir:

“A integração de todos com diversas opiniões” (P 07).
 “A maneira como é realizado por etapas, com a participação de todos” (P 09).

Para Anastácio et al. (2018) o compartilhamento de experiências e a elaboração de soluções para os problemas de maneira coletiva, além de positiva para o desenvolvimento profissional docente, possibilita unificar a prática da educação sexual na escola de maneira interdisciplinar. O diálogo entre os professores é fundamental para consolidar saberes emergentes da prática profissional. “Mas, a criação de redes coletivas de trabalho constitui, também, um fator decisivo de socialização profissional e de afirmação de valores próprios da profissão docente” (NÓVOA,1992, p.14).

Logo, compreendemos que o espaço destinado ao desenvolvimento profissional docente, deve favorecer também a partilha de saberes e possibilitar uma construção de novos conhecimentos de forma mútua. Para que esse processo aconteça, Imbernon (2009) afirma que o professor precisa romper com a cultura do isolamento durante sua prática docente. Para o autor, é preciso partir para a coletividade, garantindo a troca de experiências e novos conhecimentos.

Satisfações com o desenvolvimento profissional docente

Na pergunta sobre a satisfação com o DPD aplicado, constatou-se que todos os professores ficaram satisfeitos. Foram revelados vários motivos que levaram a satisfação. Dentre esses, a possibilidade de terem suas dúvidas, acerca da temática sexual na escola, contempladas. Assim como, através dos conhecimentos construídos, os professores se sentiram mais seguros e preparados para abordarem o tema em sala de aula.

“Sim. Pois, através desta formação foi desvendado para nós docentes outro olhar para essa temática, viabilizando essa conversação mais tranquila sobre algo que se fomentava tão obscuro e difícil de lidar” (P 01).

“Sim, porque deu oportunidade de conhecimento em uma área tão pouca explorada” (P 03).

“Sim, pois pudemos tirar dúvidas a respeito do tema” (P11).

“Sim, foi muito importante para nos dar segurança para sabermos como abordar esse assunto em sala de aula” (P15).

Potencialidades do desenvolvimento profissional docente

Ao serem questionados sobre o desenvolvimento profissional docente, os professores apontaram como potencialidades a oportunidade de construir conhecimentos acerca do tema trabalhado.

“Foi bem diferente, pois nessa formação foi dado subsídios importantes para abordar esta temática em sala” (P 01).

“A segurança para discutir assuntos com diferentes e difíceis temas”. (P11)

“Tive uma nova visão sobre educação sexual, com base nos diálogos dos nossos colegas de profissão, da metodologia com base no Arco de Maguerez” (P 14).

“Mais conhecimentos sobre a forma de abordar o assunto em sala de aula” (P 15).

“Conhecimento, quebra de tabu relacionado a abordagem em sala de aula, segurança” (P16).

Com base nas respostas, acreditamos que o método utilizado para o DPD em educação sexual foi fundamental para criar novas possibilidades de discussão sobre a temática. Sobre essa questão, Dias e Ferreira (2018) explicam que é preciso saber escolher bem a ferramenta pedagógica para o desenvolvimento profissional docente, para que não seja apenas mais uma capacitação, e sim uma oportunidade que possibilite reflexões sobre a prática profissional e traga novos conhecimentos que influenciem em mudanças na prática docente.

Sobre os professores terem citado que após o DPD se sentem mais seguros e preparados para tratar o tema em sala de aula, confirma o que Jardimino e Sampaio (2019) defendem ao afirmarem que o DPD deve contribuir para que o professor melhore a qualidade do fazer pedagógico. E também atenda às necessidades da comunidade escolar. Ainda sobre o assunto, Montenegro e Fernandez (2015) destacam que o processo de reflexão sobre a prática docente é fundamental para que o professor possa ressignificar sua prática profissional e assim tornar-se um professor mais autônomo.

Evidenciou-se ainda, por meio das respostas, que os professores associaram o desenvolvimento profissional docente como um facilitador da integração entre a escola e a família, principalmente para tratar do tema sexualidade respeitando a singularidade e as necessidades da escola.

“Outra potencialidade foi o encontro com a família, pois percebemos que os pais têm dificuldades e até ignoram muitas questões” (P11).

“Atingiu a meta de envolver a família na escola” (P10).

“Contribuiu de forma positiva para conversar com os pais sobre o tema sexualidade” (P05).

“Excelente, houve interação com a família e escola” (P 08).

“Fortalecimento da família junto à escola, tendo o tema sexualidade como um ponto abrangente para reflexão social entre a escola, o aluno, e a família” (P 20).

O espaço familiar e escolar são ambientes privilegiados para o desenvolvimento humano. No entanto, o tema sexualidade ainda é visto por ambos os espaços como polêmico e até tabu. Na perspectiva de Reis e Maia (2012) a aproximação entre escola e família é o primeiro passo para o sucesso da educação para a sexualidade. Logo, reiteramos que é fundamental a implementação de projetos que assegurem a aproximação da família na escola para diálogos e entendimento sobre educação para a sexualidade.

Fragilidades do desenvolvimento profissional docente

Acerca da fragilidade relacionada ao desenvolvimento profissional docente, dos vinte professores que responderam o questionário, seis indicaram que houve pouco tempo.

“Tempo. Em alguns momentos as reuniões poderiam ter tido mais espaço” (P16).

“Pouco tempo para o aprofundamento do tema” (P 11).

“Pouco tempo” (P19).

Entretanto, cabe ressaltar que quando apresentamos a proposta de pesquisa para a coordenação pedagógica, foram determinados pela coordenação os horários em que os professores seriam liberados para que não prejudicasse o cumprimento dos conteúdos e dias letivos.

Contribuições do desenvolvimento profissional docente para a prática pedagógica

Todos os vinte professores que responderam o questionário afirmaram que o desenvolvimento profissional docente contribuirá na sua prática pedagógica. Foram citadas várias contribuições. Os professores apontaram mais segurança na abordagem do tema sexualidade em sala de aula a partir dos conhecimentos construídos, mudança na condução do tema em virtude da nova percepção sobre educação sexual e sexualidade.

“Sim. Muito enriquecedor, pois a partir da mesma trabalharei de forma dinâmica, com mais cuidado e compromisso. Este tema requer muita responsabilidade e conhecimento” (P12).

“Sim. Através dessa formação passei a ter uma nova abordagem para esse tema para com esse tema, pude conhecer a sexualidade e dificuldades dos pais em relação ao

tema proposto. Possibilitou um verdadeiro momento de aprendizagem e colaboração” (P13).

“Sim, porque quebrou o tabu sobre esse assunto em sala de aula” (P15)

“Sim, pois na minha disciplina permitirá que aborde temas como educação sexual com maior autonomia no assunto” (P19).

As respostas dos professores fortalecem a inferência de que “o desenvolvimento profissional procura promover a mudança junto dos professores, para que estes possam crescer enquanto profissionais e também como pessoas” (MARCELO,2009). Essa mudança foi possível observar na medida em que os professores referiram que suas abordagens em sala de aula serão diferentes. Tratando a temática com mais conhecimento científico ao invés de julgamento, imposição de valores, mitos e tabu.

Anastácio et al. (2018) assevera que é importante o desenvolvimento profissional docente em educação para sexualidade para “estimular a reflexão e procura de resolução para os problemas com que se deparam os professores no dia-a-dia da escola” (ANASTÁCIO, 2018, p.10). Para Nóvoa (1992) o DPD também deve ser capaz de promover uma ação crítico- reflexiva, favorecendo o desenvolvimento de uma prática docente com mais autonomia. Para isso, “a formação docente não pode estar alicerçada em cursos que não estabelecem relação com o cotidiano, com as práticas profissionais e com as demandas de formação trazidas pelos professores” (JARDILINO E SAMPAIO, 2019, p.185).

Considerações finais

Ao trabalhar com a referida metodologia, foi possível romper com a formação continuada tradicional, em que os professores são apenas ouvintes. Nesse modelo, os professores foram estimulados desde o início a buscarem pela construção de novos conhecimentos acerca da temática educação para a sexualidade. O que possibilita uma maior autonomia e conforto na abordagem do tema em sala de aula. Pois, em todo processo, os professores elencavam que não se sentiam preparados para abordar o tema juntos aos seus escolares.

Os professores apontam a metodologia como interessante e eficaz para trabalhar temas polêmicos, como a sexualidade, tendo em vista que a mesma permite iniciar com o levantamento do problema e a construção coletiva das soluções. Diante do exposto, fica a proposta de utilizar a MP com o arco de Magueres como estratégia para o desenvolvimento profissional docente em educação para a sexualidade, uma vez que por meio dessa metodologia, os professores envolvidos foram protagonistas durante todo processo.

Contatou-se que por meio dos estudos e discussões sobre a educação para sexualidade os professores apontaram que, a partir de agora terão um novo olhar para as

questões que envolvem a sexualidade. Os mesmos estão dispostos a modificarem seus conceitos e prática docente em relação à temática, rompendo com mitos e tabus.

Podemos afirmar que por meio da MP com o arco de Maguerez foi possível aproximar a família e a escola para o diálogo e reflexão sobre a importância da educação para a sexualidade em ambos os contextos. Fator que era considerado pelos professores como importante e necessário para a implementação da abordagem sobre sexualidade na sala de aula.

Por fim, acreditamos que a utilização da MP com o arco de Maguerez foi positiva e possibilitou muitas contribuições para a ressignificação da prática docente dos professores envolvidos. Desta maneira, espera-se que com a realização do desenvolvimento profissional docente seja possível superar os desafios que impedem a implementação da educação em sexualidade no contexto escolar.

No entanto, compreendemos que a mudança na prática docente pode ser de médio a longo prazo, pois o desenvolvimento profissional docente é um processo contínuo. Portanto, sugere-se que a MP com o arco de Maguerez para o desenvolvimento profissional docente em educação para a sexualidade seja incorporado aos programas de formação pedagógica. Por tratar - se de um tema pertinente, espera-se que novas pesquisas sejam realizadas, principalmente envolvendo os adultos de referência (pais, professores e profissionais de saúde).

Referências

ANASTÁCIO, Z. Os professores e a Educação sexual no Ensino Básico: necessidades de formação e sua importância na evolução conceptual. *In* D. Freitas, G. Dutra de Carvalho, M. Fávero, P. Costa; V. Marques Santos (Orgs). Projeto Web Educação Sexual: a educação no espaço escolar, 2018, p. 93-108. Florianópolis: UDESC. (ISBN: 978-85-8302-151-3).

BARBOSA, L. U.; VIÇOSA, C. S. C. L.; FOLMER, V. A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 10, p. e772, 8 jul. 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/772>. Acesso em: 10 jul.2019.

BERBEL, N.A.A. A Problematização e a Aprendizagem Baseada em Problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos? *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v.2.n.2, 1998.

CARMAN, M.; MITCHELL, A.; SCHLICHTHORST, M.; SMITH, A. Teacher training in sexuality education in Australia: how well are teachers prepared for the job? **Sexual Health**, v. 8, p. 269–271, 2011. Disponível em: www.publish.csiro.au/journals/sh. Acesso em: 21 ago 2019.

DIAS, L. F.; FERREIRA, M. Políticas de formação continuada de professores e desenvolvimento profissional. *Revista Pesquisa e Debate em Educação*. v.7, n. 2, p.391-411, 2017. Disponível em: <http://www.Revistappgp.caedufjf.net/index.php/revista1/article/view/206/132>. Acesso em: 21 out.2019.

ESPERIDIÃO, E.; SOUZA, A.C.S.; CAIXETA, C.C.; PINHO, E.S.; NUNES, F. C. Arco de Magueréz: estratégia de metodologia ativa para coleta de dados. 6º Congresso Ibero- Americano em Investigação Qualitativa (CIAIQ2017). Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/127>.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FURLANETTO, M. F.; LAUERMANN, F.; COSTA, C.B. da; MARINI, A. H. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. Cadernos de Pesquisa, v. 48, n. 168 (Abr. - jun.), p. 550-571, 2018,. D6502674.em: <https://dialnetunirioja.es/servlet/articulo?codigo=6502674>. Acesso em: 2 nov. 2018.

GARNICA, T. P. B. et al. O Saber-fazer na Formação de Professores para a Inclusão Escolar: um Levantamento Bibliográfico. **Ensino & Pesquisa**, [S.l.], nov. 2016. ISSN 2359-4381. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/article/view/970/599>. Acesso em: 21 nov.2019.

GONÇALVES, R. C.; PAES, D. C.; FAVORITO, A.P. Educação sexual nas séries iniciais do ensino fundamental: o que educadoras da rede municipal de ensino de Pires do Rio (Goiás) têm a dizer? **Multi-Science Journal**, v.1, n.3, p.69-78, 2015. Disponível em: <https://www.ifgoiano.edu.br/periodicos/index.php/multiscience/article/view/122>. Acesso em: 21 out. 2019.

IMBERNÓN, F. Formação continuada de professores– Porto Alegre: Artmed, 2010.

IMBERNÓN, F. Formação permanente do professorado: novas tendências. São Paulo, Brasil: Cortez, 2009.

JARDILINO, J. R.; SAMPAIO, A. M. Desenvolvimento profissional docente: Reflexões sobre política pública de formação de professores. **Educação & Formação**, v. 4, n. 10 jan/abr, p. 180-194, 9 jan. 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/848>. Acesso em 19 nov.2019.

LACERDA.V. L.; MELO. G. F. Formação e desenvolvimento profissional de professoras da Educação Básica. **Ensino Em Re-Vista**, v. 24, n. 02, p.431-450. 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/about>. Acesso em: 21 out. 2019.

MARCELO, C. Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro. **Revista de Ciências da Educação**, n.8, p. 7-22, jan- abr, 2009. Disponível em: http://www.unitau.br/files/arquivos/category_1/MARCELODesenvolvimentoProfissionalDocentepassadoefuturo1386180263.pdf. Acesso em: 30 jul.2019.

MOREIRA, B. R.; FOLMER, V. Percepções de professores de ciências e educação física acerca da educação sexual na escola. **Revista Experiência em Ensino de Ciências**, v.10, n.3, p.18-20, 2015.

MONTENEGRO, V. L. S. dos; FERNANDEZ, Carmen. Processo reflexivo e desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo numa intervenção formativa com professores de

química. **Revista Ensaio Pesquisa Educação em Ciências**. v. 17 n. 1 p. 251- 275 jan-abr 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/ensaio/article/view/10117>. Acesso em: 21 out. 2019.

NERY, I. S.; FEITOSA, J. J. M.; SOUSA, A. F.L.; FERNANDES, A. C. N. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta Paul Enferm**, v. 28, n.3, p.287- 92,2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v28n3/1982-0194-ape-28-03-0287.pdf>. Acesso em:30 jul.2019.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. 1992. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/12424596.pdf>. Acesso em: 06 out. 2019.

PERES, C., LARA, S., COPETTI, J., LANES, K., & SOARES, M. Percepção de estudantes sobre saúde, alimentação e atividade física após intervenção com a metodologia da problematização. **Revista Contexto & Educação**, v.33, n.104, p.346-364, 2018.<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2018.104.346-364>. Acesso em: 30 jul. 2019.

POUND P, L. R, CAMPBELL R. What do young people think about their school-based sex and relationship education? A qualitative synthesis of young people's views and experiences. *BMJ Open* 2016;6:e011329. doi: 10.1136/bmjopen-2016-011329.

PORTUGAL. **Diário da República**, 1.^a série - n. 151 - 06 ago. 2009. Disponível em: <http://dre.pt/pdf1s/2009/08/15100/0509705098.pdf>. Acesso em: 19 ago.2019.

REIS, V. L. MAIA, A. C. B. Educação sexual na escola com a participação da família e o uso de novas tecnologias da educação: um levantamento bibliográfico. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 4, p. 188–207, 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/2099/1937>. Acesso em: 10 out. 2019.

SANTOS, D.C. M. A Importância das Questões de Gênero e Sexualidade na Formação Docente. **Coisas do Gênero**, v.4, n.1, p.102 – 115, 2018. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero>. Acesso em: 30 jul. 2019.

SANTOS, C. F. dos; SANTOS, R. M. R. dos. Desafios na formação docente em diversidade sexual. **Educação: Teoria e Prática**, v. 29, n.60, p. 140-161, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.18675/1981-8106.vol29.n60.p140-161>. Acesso em: 21 out.2019.

SILVA, F. S. da; NOBRE, S. B. A educação sexual na formação inicial docente. XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS,2017.

TORRES, J. R. et al. Sexualidade e gênero na escola: construindo atividades formativas na rede pública de ensino através do PIBID. **Ensino & Pesquisa**, [S.l.], mar. 2016. ISSN 2359- 4381. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/article/view/638/498>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

VILLARDI, M.L.; CYRINO, E.G.; BERBEL, N.A.N.A metodologia da problematização no ensino em saúde: suas etapas e possibilidades. In: A problematização em educação em saúde: percepções dos professores tutores e alunos [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 45-52.ISBN 978-85-7983-662-6. Available from SciELO Books. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/dgjm7/pdf/villardid-9788579836626-05.pdf>. Acesso em: 21 out.2019.

5.5 Manuscrito 1 – A ABORDAGEM DO TEMA SEXUALIDADE NO CONVÍVIO FAMILIAR E NA ESCOLA: O QUE PENSAM AS FAMÍLIAS DOS ADOLESCENTES ESCOLARES?

O manuscrito 1 contemplou o objetivo 5. Este manuscrito foi construído com base nos dados obtidos do questionário preenchido pelos pais, mães e avós dos escolares, durante o encontro “ Família na escola”.

A ABORDAGEM DO TEMA SEXUALIDADE NO CONTEXTO FAMILIAR E NA ESCOLA: O QUE PENSAM AS FAMÍLIAS DOS ADOLESCENTES ESCOLARES?

THE SEXUALITY APPROACH IN THE FAMILY AND SCHOOL CONTEXT WHAT DO FAMILIES OF SCHOOL ADOLESCENTS THINK?

EL ENFOQUE DE SEXUALIDAD DEL CURSO Y LA ESCUELA FAMILIAR: ¿QUÉ PIENSAN LAS FAMILIAS ADOLESCENTES DE LA ESCUELA?

Resumo

Este estudo tem como objetivo conhecer como os pais ou responsáveis lidam com a sexualidade no convívio familiar e o que pensam sobre a abordagem do tema na escola. Trata-se de um descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa. O estudo foi desenvolvido em uma escola de ensino fundamental da rede pública de um município no interior de Pernambuco. Participaram da pesquisa 54 familiares, incluindo pais, mães e avós de adolescentes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Quanto ao instrumento de coleta de dados, utilizou-se um questionário contendo perguntas sobre a educação sexual no convívio familiar e escolar. Os dados foram tratados utilizando a análise de conteúdo segundo Bardin. O estudo indica que durante o diálogo sobre sexualidade com os filhos, os familiares dão ênfase à prevenção de gravidez. Constatou-se que a vergonha, a timidez e a falta de preparo são os principais impeditivos para o diálogo sobre sexualidade entre os pais e filhos. Os resultados apontam que os familiares gostariam que a escola também participasse da educação para a sexualidade dos seus filhos. Por fim, este estudo torna-se relevante ao reforçar a importância e necessidade de uma ação coletiva entre a escola e a família para educar sexualmente os adolescentes sem receio, julgamento e vergonha. Garantindo aos adolescentes o direito à informação e conhecimento sobre a temática, para que possam fazer escolhas saudáveis e tomada de decisões responsáveis.

Palavras-chave: família; educação sexual; escola.

Abstract

This study aims to understand how parents or guardians deal with sexuality in family life and what they think about the approach to the theme at school. It is a descriptive and exploratory, with a qualitative approach. The study was developed in a public elementary school in a municipality in the interior of Pernambuco. 54 family members participated in the research, including parents, mothers and grandparents of adolescents from the 6th to the 9th grade of elementary school. As for the data collection instrument, was used a questionnaire to get questions about sex education without family and school life. The data were treated using content analysis according to Bardin. The study indicates that during the dialogue on sexuality with children, family members emphasize pregnancy prevention. It was found that shame, shyness and lack of preparation are the main impediments to the dialogue on sexuality between parents and children. The results show that family members would like the school to also participate in their children's sexuality education. Finally, this study becomes relevant by reinforcing the importance and need for collective action between the school and the family to sexually educate adolescents without fear, judgment and shame. Ensuring adolescents the right to information and knowledge on the subject, so that they can make healthy choices and responsible decision-making.

Keywords: family; sex education; school.

Resumen

Este estudio tiene como objetivo comprender cómo los padres o tutores tratan la sexualidad en la vida familiar y qué piensan sobre el acercamiento del tema en la escuela. Es descriptivo y exploratorio, con un enfoque cualitativo. El estudio se desarrolló en una escuela primaria pública en un municipio del interior de Pernambuco. 54 miembros de la familia participaron en la investigación, incluidos padres, madres y abuelos de adolescentes del sexto al noveno grado de la escuela primaria. En cuanto al instrumento de recolección de datos, se utilizó un cuestionario que contenía preguntas sobre educación sexual en la vida familiar y escolar. Los datos fueron tratados mediante análisis de contenido según Bardin. El estudio indica que durante el diálogo sobre sexualidad con los niños, los miembros de la familia enfatizan la prevención del embarazo. Se descubrió que la vergüenza, la timidez y la falta de preparación son los principales impedimentos para el diálogo sobre sexualidad entre padres e hijos. Los resultados muestran que a los miembros de la familia les gustaría que la escuela también participara en la educación sexual de sus hijos. Por fim, este estudo é relevante para reforçar a importância e a necessidade de ação coletiva entre a escola e a família para educar os adolescentes sexualmente, sem medo, justiça e vergonha. Garantir aos adolescentes o direito à informação e conhecimento sobre o assunto, para que possam tomar decisões saudáveis e responsáveis.

Palabras clave: educación sexual. escuela. familia.

INTRODUÇÃO

A sexualidade é inerente ao ser humano, sendo assim, torna-se uma “necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida” (MOREIRA et. al., 2011). No entanto, o tema ainda é considerado tabu, o que tem tornando muitas vezes o diálogo entre pais e adolescentes difícil. Nery et. al. (2015) atribuem essa

dificuldade às experiências vividas da própria sexualidade na adolescência. Ainda, sobre as dificuldades dos pais, Silva e Castro (2018) acrescentam que a influência cultural e religiosa também tem sido um dos fatores determinantes, assim como a falta de conhecimento acerca do tema.

Partindo do princípio que “a sexualidade é algo que se constrói e aprende” (BRÊTAS et. al., 2011) compreende-se que a participação da família durante a construção da sexualidade do adolescente é imprescindível. Sobre essa questão, Lins et.al. (2017) retrata que a presença da família tem uma função essencial durante o processo de consolidação da sexualidade, por meio da troca de valores sociais e emocionais e informações importantes acerca do tema, auxiliando para o desenvolvimento de uma sexualidade emancipatória. No entanto, é preciso reconhecer que para uma educação sexual exitosa, no convívio familiar, é preciso que o diálogo entre os pais e filhos ultrapasse a mera transmissão de informações sobre prevenção da gravidez e das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) mas, que seja pautada no diálogo aberto de confiança e respeito.

No contexto escolar, a temática tem sido alvo de estudos e discussões no âmbito das políticas públicas da educação. O interesse pelo tema é motivado pelo novo perfil sexual dos jovens e adolescentes, que tem se desenhado numa outra perspectiva, marcada pelo início da vida sexual, e ocorrido cada vez mais precocemente, sem a devida orientação. No entanto, pesquisas apontam que no Brasil o tema sexualidade tem sofrido alguns recuos em relação aos documentos oficiais que norteiam as políticas públicas educacionais (BARBOSA, VISÇOSA E FOLMER, 2019; SANTOS, PEREIRA E SOARES, 2018; CARDOSO, SILVA E SILVA, 2016).

Para Rodrigues e Viana (2016) a escola tem se configurado como um local propício para a prática da educação sexual e para discutir os mitos, crenças e tabus que envolvem o tema. Barbosa et. al. (2019) contribuem com essa inferência, ao asseverar que:

A educação sexual no espaço escolar vem se apresentando como uma intervenção necessária, uma vez que contribui para a construção da personalidade dos indivíduos e oportuniza questionamentos, reflexões e discussões que resgatam a marca humana da sexualidade: amor, afeto, favorecendo a qualidade nas relações sexuais e sociais (BARBOSA et. al. 2019, p. 30).

Diante da relevância do tema, esta pesquisa teve como objetivo conhecer como os pais lidam com a sexualidade no convívio familiar e o que pensam da abordagem do tema na escola.

A importância da família e da escola frente a educação para a sexualidade dos adolescentes

A educação sexual consiste no direito de toda pessoa de receber as informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual, bem como, de expressar sentimentos, rever tabus, refletir e debater valores sobre tudo que está ligado ao sexo (NOGUEIRA et al.,2016 apud FIGUERÓ 2006). Logo, compreende-se que a educação sexual é importante e necessária para o desenvolvimento biopsicossocial do ser humano. Como destaca Oliveira et al (2017), a sexualidade envolve além das mudanças do corpo, questões psicossociais e culturais.

Embora alguns autores afirmem que educar para a sexualidade deve ser inicialmente uma competência da família, sabe-se que ainda é uma prática distante, pois muitos pais sentem-se receosos e resistentes em abordar o tema, levando ao silenciamento da temática no convívio familiar (DIAS E ZANDONADI, 2018; OLIVEIRA, JÚNIOR E NASCIMENTO,2017; MOREIRA E FOLMER,2015;). Sobre essa compreensão, Matos (2018) afirma que manter-se em silêncio também é uma forma de educar, mas de maneira negativa, uma vez que favorece a permanência de uma sexualidade revestida de tabus, preconceitos, dúvidas e angústias. Nota-se que os pais deixam essa tarefa para os professores que, frente à situação, precisam trabalhar com os estudantes o assunto mesmo que não estejam totalmente preparados, pois a sexualidade ainda é um tema cheio de tabus” (SILVA et al, 2019).

Moreira e Folmer (2015) destacam que a educação sexual na escola é importante e necessária para apreensão de conhecimentos e reflexão sobre o tema, contribuindo para uma sexualidade saudável e responsável. No entanto, Silva et. al. (2019) apontam que professores não se sentem preparados para lidar com temas que envolvem a sexualidade. De acordo com a pesquisa realizada por Barbosa e Folmer (2019), os professores referem que além das questões culturais e religiosas, a falta de uma formação sobre sexualidade e educação sexual têm sido um dos principais empecilhos. Diante desta realidade, os autores citam que a formação docente é fator primordial para o enfrentamento das dificuldades relacionadas ao desenvolvimento da educação sexual na sala de aula, pois possibilita que tenham mais conhecimento sobre o tema e segurança para abordá-lo.

METODOLOGIA

Esta pesquisa configura-se enquanto estudo descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola de ensino fundamental da rede pública de um município no interior de Pernambuco. Participaram da pesquisa os familiares de adolescentes escolares do 6º ao 9ºano do ensino fundamental da referida escola. Esta pesquisa atendeu à Resolução nº 466/12 da Comissão de Ética do Conselho Nacional de

Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos e foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Autarquia Educacional do Belo Jardim -AEB, sendo aprovada por meio do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº80815917.3.0000.5189.

Utilizou-se como ferramenta de coletas de dados um questionário autoaplicável, estruturado para os familiares (Quadro 1), contendo duas partes, sendo a primeira os dados de identificação como sexo, idade e escolaridade, e a segunda parte composta por duas perguntas abertas e uma fechada relacionadas à educação sexual no convívio familiar e escolar. Para validação do questionário, foi realizado teste piloto com pais e mães de outra instituição de ensino, visando testar o instrumento de pesquisa, avaliando a clareza das perguntas e a eficácia do instrumento.

O encontro com os familiares ocorreu durante um evento realizado pela escola. O evento acontece a cada bimestre e é denominado “Família na escola”. Conforme informado pela coordenação pedagógica, o encontro é um plantão pedagógico que tem a finalidade de apresentar aos familiares, a situação do rendimento dos escolares e a entrega do certificado do aluno destaque. No entanto, a proposta de trabalhar com os familiares sobre a temática educação sexual na escola, surgiu durante a realização do desenvolvimento profissional docente em educação para a sexualidade com os professores da escola.

Durante a etapa 1 referente ao levantamento dos problemas e a etapa 2 que são os pontos – chave do Arco de Magueréz, os professores participantes do desenvolvimento profissional docente elencaram os pais e/ou responsáveis como um dos principais empecilhos para a prática docente em educação para a sexualidade em sala de aula. Os professores informaram que além da ausência dos pais e/ou responsáveis na escola para conversarem sobre o tema, há um receio que os pais não aceitem que a escola aborde a temática da sexualidade.

Quadro 1- Questionário para os pais e/ou responsáveis

Perguntas	Resposta
1.Em casa, vocês pais, conversam com seus filhos assuntos sobre namoro, prevenção de doenças e gravidez não planejada?	<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO
2.Você tem alguma dificuldade em conversar com seu/sua filho (a) em casa sobre namoro? Caso tenha, quais são as dificuldades?	<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO
3.Você gostaria que a escola também abordasse assuntos como sexualidade na adolescência, prevenção de doenças, gravidez não planejada para completar as orientações feitas em casa?	<input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para a coleta de dados o estudo ocorreu em três etapas, descritas a seguir:

Etapa 1 – Nessa etapa, iniciou-se com o acolhimento dos pais e/ou responsáveis junto a todos os professores e gestores da escola. Durante esse momento foi realizada, pela pesquisadora, uma breve explanação sobre o conceito de sexualidade e a importância da educação para a sexualidade na vida dos adolescentes escolares. Em seguida, os professores apresentaram uma peça teatral abordando diversas situações da sexualidade na adolescência, tais como gravidez não planejada, namoro, as dúvidas e medos comuns nessa fase e as Infecções Sexualmente Transmissíveis - IST.

Etapa 2 – Condução dos pais e /ou responsáveis até as salas de aulas, reservadas para as próximas etapas. Em seguida, realizou-se a formação dos grupos de pais e/ou responsáveis de acordo com o ano de estudo dos seus filhos e/ou filhas para explicação do objetivo da pesquisa, assim como a leitura do TCLE e do questionário.

Etapa 3 –Nessa etapa, iniciou-se uma roda de conversa com os pais e os professores para suscitar a discussão e reflexão dos participantes sobre o tema sexualidade e educação para a sexualidade. No momento, foi possível a interação dos pais e as trocas de experiências acerca da sexualidade no convívio familiar. Em seguida, a aplicação do questionário para os pais e/ou responsáveis. Cabe destacar que nesta etapa, os professores tiveram a oportunidade de conduzir todo o processo de diálogo, sendo protagonistas da intervenção entre a escola e a família.

Ressalta-se ainda que foram utilizadas como disparadores para a roda de conversa perguntas como: Durante a apresentação da peça teatral, perceberam alguma semelhança no cotidiano de vocês?. Para o tratamento e análise dos dados obtidos nesta pesquisa utilizou-se a análise de conteúdos de Bardin (2011) por meio da pré-análise, que compreende a leitura exaustiva, 2) exploração do material, que consiste na organização dos dados em categorias e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação, em que as informações foram analisadas e emergiram interpretações inferenciais, críticas e reflexões.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Os resultados do estudo serão apresentados em duas partes. A primeira refere-se ao perfil dos participantes da pesquisa (Quadro 2), visando contextualizar algumas características dos pesquisados. A segunda parte apresenta as respostas das perguntas do questionário (Quadro 1).

Quadro 2 – Caracterização dos familiares participantes

Grau parentesco	Sexo	Faixa etária	Escolaridade	Ocupação
Pai – 06 Mãe – 44 Avó - 04	Feminino - 48 Masculino – 06	Mínima - 27 anos Máxima - 72anos	1º ao 5º ano - 17 6º ao 9º - 12 II grau - 12 III grau – 13	Aposentado/a – 01 Agricultor/a - 05 Do lar - 26 Comerciante – 02 Professor/a – 05 Autônomo – 04 Atendente – 02 Encarregado de produção – 02 Segurança – 01 Motorista – 01 Cuidador de idoso -01 Costureira - 03 Diarista - 01

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os resultados a seguir advindos do questionário estão organizados em três categorias temáticas, construídas durante o processo das etapas da análise de conteúdo de Bardin: (1) Abordagem sobre o tema sexualidade na família, (2) Dificuldades no diálogo sobre sexualidade, (3) Escola como espaço de diálogo. Buscando garantir o anonimato dos participantes, seus nomes foram substituídos pela letra sigla P, seguida de número arábico (P1, P2, P3...).

Abordagem sobre o tema sexualidade na família

O estudo mostra que dos 54 (cinquenta e quatro) pais participantes, 48 (quarenta e oito) conversam com seus filhos e /ou netos sobre o tema. No entanto, observou-se pelas respostas, que durante o diálogo, os pais e avós dão ênfase à prevenção da gravidez. Três mães informaram que tiveram experiência de suas filhas engravidarem na adolescência. Esta questão pode ser visualizada nas respostas a seguir:

“Sim, pois depois de uma filha mais velha adolescente ter engravidado” (P 19, 41 anos).

“Converso de namoro, que ela não se precipite para não terminar como minha outra filha que casou grávida com 17 anos” (P08, 42 anos).

A preocupação dos pais em relação a gravidez na adolescência também é observada no estudo realizado por Savegnago e Arpini (2016). Tratou-se de uma pesquisa realizada com mães de adolescentes de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. As mães apontaram que a prevenção de doenças e gravidez são os assuntos que mais se destacam no diálogo com os filhos. Para Nery (2015), essa preocupação está associada ao crescente número de gravidez na

adolescência, além do aumento expressivo de aborto inseguro e das infecções sexualmente transmissíveis. No entanto, Melo et.al. (2020) ressaltam que sexualidade ultrapassa a dimensão restrita apenas à prevenção de gravidez e infecções. Envolve também sentimentos, respeito, diversidade, valores e comportamentos de risco.

Os resultados ainda revelam que, embora os pais não tenham recebido orientações sobre sexualidade durante a adolescência, eles reconhecem a importância e necessidade em dialogar sobre o tema e o seu papel frente à educação para a sexualidade dos seus filhos e filhas. Com base nas respostas dos participantes, observou-se que eles não se abstêm em educar sexualmente seus filhos e filhas. Este resultado vai na contramão dos dados de várias pesquisas, os quais revelaram que os pais silenciam diante da educação para a sexualidade dos seus filhos e imputam à escola tal tarefa (LEITE & BOHRY, 2012; Oliveira & Lanza, 2017; Silva 2018; Moisés, 2019). O exposto é observado nos trechos a seguir:

“Converso muito, pois acho muito importante, pois não tive na minha infância meus pais não conversavam comigo” (P01, 31 anos).

“Converso sempre e procuro falar sobre tudo com ele porque os meus pais nunca falaram” (P30, 38 anos).

“Sim, bastante tanto o pai como a mãe. Achamos que é de extrema importância” (P31, 31 anos).

Esses discursos contrapõem pesquisas realizadas por Silva (2018), Dias & Zandonadi (2018), Oliveira e Lanza (2017) e Rocha & França (2013) que apontam que os pais têm receio em conversar sobre sexualidade com seus filhos e filhas, por acreditarem que podem estimular os filhos à relação sexual precoce. A partir das respostas, podemos inferir que os pais acreditam que a informação e orientação sobre sexualidade pode impactar de maneira positiva na vida dos seus filhos e filhas. Sobre essa questão, González, Molina & Luttgés (2015) reiteram que uma educação sexual baseada em uma abordagem abrangente, com ênfase na prevenção de gravidez na adolescência, ISTs, HIV / AIDS, está relacionada a um início posterior da atividade sexual, menos parceiros sexuais e um uso mais amplo e sistemático de camisinha.

Pesquisa de revisão sistemática realizada por Sánchez & Romero (2016) sobre os adolescentes da América latina, no período de 2010 a 2016, aponta que o nível de conhecimento dos adolescentes acerca de temas como saúde sexual e reprodutiva é baixo e insuficiente para que possam tomar atitudes responsáveis e seguras. Diante do exposto, os autores reforçam o papel da família e da escola para educar sexualmente os adolescentes com informações adequadas e assertivas, aumentando as chances de os adolescentes assumirem decisões corretas e apropriadas.

Dificuldades no diálogo sobre sexualidade

Ao serem questionados se se têm alguma dificuldade em conversar com seus filhos e filhas sobre assuntos que envolvem o tema sexualidade, apenas doze participantes responderam que sentem dificuldades. A vergonha, a timidez e a falta de preparo foram citados como os principais impeditivos para o diálogo. Corroborando com as respostas dos participantes, Almeida e Centa (2009) explicam que, para os pais, educar sexualmente os filhos, pode ser muitas vezes uma tarefa difícil. Para as autoras, além dos conflitos de valores e crenças, há muita vergonha, dificultando a abertura de um espaço para o diálogo sobre o tema.

“Sim, a minha dificuldade é como explicar sem ter vergonha de falar” (P46, 34 anos).

“Sim, tenho vergonha” (P26, 42 anos).

“Sim, sou tímida” (P29, 33 anos).

“Sim, como se expressar, a forma correta de falar, mas falo” (P44, 35 anos).

Os pais também apontam que sentem dificuldades em conversar com seus filhos e filhas porque durante a adolescência seus pais não conversavam sobre o assunto sexualidade. A forma como os pais foram educados sexualmente, é um dos fatores impeditivos para a abordagem do tema sexualidade no convívio familiar, perpetuando-se, desse modo, a deseducação sexual (BARBOSA et. al. 2019). Com isso, percebe-se como pode ser prejudicial o silêncio sobre a sexualidade no convívio familiar, postergando para outras gerações. E como é necessária a criação de espaços para discussão e reflexão sobre suas experiências, crenças e conceitos.

“Sim. Tenho vergonha porque minha mãe não me orientou” (P19).

“Sim, pois não tive essa orientação da parte dos meus pais, então as vezes não me acho confortável para falar” (P12).

Visando suprir as dificuldades dos pais no desenvolvimento da ES com os filhos, os cubanos Centeno & Martínez (2018), desenvolveram um estudo que teve como objetivo propor uma multimídia educacional para preparar a família dos filhos adolescentes de uma escola do ensino fundamental II. Com a implementação da multimídia, foram encontradas, através da aplicação de técnicas e instrumentos, transformações na família e no adolescente, o que possibilitou demonstrar com a aplicação da mesma a preparação da família e o fortalecimento da educação para a sexualidade responsável em adolescentes.

Diante do exposto, compreende-se que a família não deve ser a única responsável em educar sexualmente os adolescentes, mas, esse deve ser um trabalho em conjunto com a escola e dos profissionais da saúde, que poderá auxiliar no processo de orientações sobre promoção da saúde e prevenção de doenças.

Escola como espaço de diálogo e aprendizagem sobre sexualidade

Por fim, os participantes do estudo foram questionados se gostariam que a escola também abordasse assuntos sobre sexualidade na adolescência, prevenção da gravidez e das Infecções Sexualmente Transmissíveis – IST. A pergunta teve como objetivo de fortalecer a integração da família e escola acerca do tema e empoderar os professores para abordarem o assunto em sala de aula. Neste caso, todos os cinquenta e quatro participantes responderam que sim, o que confirma a confiança dos pais em relação à escola e aos professores para auxiliarem na educação para a sexualidade dos seus filhos e filhas.

Este resultado contraria a pesquisa realizada por Matos (2018), que teve como objetivo identificar quais são as concepções dos pais dos alunos do sexto ano de um Colégio Estadual do Município de Londrina a respeito da educação sexual no âmbito escolar. De acordo com os resultados, a autora apontou que nem todos os pais que participaram da pesquisa concordam que a escola deve abordar temas que envolvem sexualidade. Os autores sugerem que a escola deve oferecer um espaço de diálogo com os familiares, a fim de desmistificar a educação sexual.

Sobre a participação da escola junto aos adolescentes, para complementar a educação para a sexualidade, iniciada na família, Caldeira e Lopes (2017) explicam que é na escola que os adolescentes e jovens ampliam ou constroem conhecimentos acerca da sexualidade. Possibilitando comportamentos de promoção da sua saúde sexual e reprodutiva mais consciente e segura, assim como livres de preconceitos, medos e tabus.

Para promover actitudes y comportamientos más saludables es fundamental la educación en sexualidad escolar, la cual busca entregar a niños, niñas y personas jóvenes, el conocimiento, las competencias y los valores que les permitan asumir responsabilidad sobre su vida sexual y social (González, Molina & Luttges, 2015, p. 25).

De acordo com pesquisa realizada por Serra (2017) quando a escola trabalha a educação para a sexualidade, contribui de maneira significativa no processo de construção da sexualidade dos seus escolares. Favorece a discussão e reflexão de experiências, esclarecendo as dúvidas. Contudo, colabora para que o adolescente vivencie sua sexualidade fazendo escolhas responsáveis e conscientes. Diante do exposto, ressalta-se que a escola e a família exercem um papel importante na construção da sexualidade do adolescente. Desta maneira, podemos inferir que investir em um trabalho coletivo entre escola e família na educação sexual dos adolescentes, trará resultados mais eficazes para uma sexualidade mais consciente, saudável e responsável da adolescência e na vida adulta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, concluiu-se que a abordagem do tema sexualidade no convívio familiar tem avançado. No entanto, os familiares ainda não se sentem preparados para abordarem o tema com seus filhos e/ou netos. E quando abordam, o diálogo é baseado com mais ênfase no fenômeno reprodutivo, demonstrando um conhecimento sobre sexualidade restrito ao modelo biológico - centrado e preventivoas. Entretanto, o estudo também revela que os familiares acreditam que o tema sexualidade é importante e necessário para a vida dos seus filhos e filhas, sendo favoráveis à educação sexual na escola, contrariando pesquisas anteriores relacionadas à temática.

Este estudo torna-se relevante ao reforçar, por meio das informações coletadas, a importância e necessidade de uma ação coletiva entre a escola e a família unindo esforços para educar sexualmente os adolescentes de maneira correta, sem receio, julgamento e vergonha. Logo, garantindo aos adolescentes o direito à informação e conhecimento sobre a temática, para que possam fazer escolhas saudáveis e tomadas de decisões responsáveis.

No entanto, vale destacar que acerca da limitação deste estudo, podemos mencionar que o número de familiares presentes no encontro não condiz com o total de alunos matriculados. Acreditamos que as condições de trabalho dos pais e o dia da semana proposto pela direção da escola tenham sido motivos impeditivos para uma maior participação.

Porém, precisamos avançar cada vez mais sobre esta temática. Logo, pretende-se ampliar esse estudo em outras escolas do município e em cidades circunvizinhas.

REFERÊNCIAS

Almeida, A.C.C.H.; Centa, M.L de. (2009). A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. *Acta Paul. Enferm*, 22(1), p. 71-76.

Araújo, A. V. S.; Pinto, M. B.; Andrade, L. D. F.; Santos, N. C. C.B. (2015). O papel dos pais na educação sexual de adolescentes: uma revisão integrativa. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações*, 13(2), p. 117-128.

Barbosa, L. U.; Folmer, V. (2019). Facilidades e dificuldades da educação sexual na escola: percepções de professores da educação básica. *Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco*, 9(19), p. 221-243. Recuperado em: <http://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/515> Acesso em: 28 ago.2019.

Barbosa, L.U.; Machado, R.S.; Pereira, J.C.N.; Lima, A.G.T.; Costa, S.S.; Folmer, V. (2019). Percepción de adolescentes sobre sexualidad y salud reproductiva: la escuela como espacio para

la educación sexual. *Cultura de los Cuidados*, 3(55), p. 25 – 34. Recuperado em: <http://dx.doi.org/10.14198/cuid.2019.55.03>. Acesso em: 26 dez.2019.

Brêtas, J.R. S.; Ohara, C. V. Silva da.; Jardim, D. P.; Aguiar Junior, W. ; Oliveira, J. R. (2011). Aspectos da sexualidade na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(7). Recuperado em: <https://www.scielo.org/article/csc/2011.v16n7/3221-3228/>

Caldeira, E.; Lopes, M. J. (2017). Educação sexual na escola contextos para a mudança. *Revista Ibero – Americana de saúde e envelhecimento*, 3(3), p. 1147 – 1164. Recuperado em: <http://www.revistas.uevora.pt/index.php/saudeenvelhecimento/article/view/192/374>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

Cardoso, F.A, et al. (2016). Uma análise dos PCN Orientação Sexual dezoito anos depois. *Cadernos de Pesquisa: pensamento educacional*, 11(28), 211-225. Recuperado em: <https://seer.utp.br/index.php/a/article/view/321> Acesso em 27 ago.2019.

Dias, M. K. N.; & Zandonadi, A. C. (2018). O papel da família e da escola: processo de educação sexual dos filhos. *Revista FAROL*, 7(7), p. 132-143.

González A.; Electra, Molina G, Temístocles, & Luttges D, Carolina. (2015). Características de la educación sexual escolar recibida y su asociación con la edad de inicio sexual y uso de anticonceptivos en adolescentes chilenas sexualmente activas. *Revista chilena de obstetricia y ginecología*, 80(1), 24-32. <https://dx.doi.org/10.4067/S0717-75262015000100004>

Lins, L. S, et al. (2017). Análise do comportamento sexual de adolescentes. *Rev. Bras Promoç Saúde*, 30(1): 47-56.

Moreira, B. L.R.; Rocha, J.B. T da.; Puntel, R. L.; Folmer, V. (2011). Educação sexual na escola: implicações para a práxis dos adultos de referência a partir das dúvidas e curiosidades dos adolescentes. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, 10(1), 64-83. Recuperado em: https://reec.uvigo.es/volumenes/volumen10/ART4_Vol10_N1.pdf

Matos, M. C. C. (2018) *Concepções de pais de estudantes do sexto ano do ensino fundamental referentes à educação sexual na escola*. Dissertação (Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias). Universidade Norte do Paraná – UNOPAR, Londrina.

Moisés, I. (2018). Influência da família e da escola na educação sexual dos alunos. *Revista Órbita Pedagógica*, 6(1), 43-50. Recuperada em: <http://www.revista.isced-hbo.ed.ao/rop/index.php/ROP/article/view/199>

Nery, I.S. et al. (2015). Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. *Acta paul. Enferm. São Paulo*, 28(3), p. 287-292. Recuperado em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201500048>. Acesso em: 27 ago. 2019.

Nogueira, N. S.; Zocca, A. R.; Muzzeti, L. R.; Ribeiro, P. R. (2016). Educação sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores. *HOLOS*, 3(32), p.319-327. Recuperado em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/2302>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

Oliveira, P. W. L. et.al. (2017). Adolescência e a Família: desafios para uma educação sexual dos/as filhos/as. *Revista Café com Sociologia*, 6(2), p. 229-249. Recuperado em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/786>

Oliveira, M., & Lanza, L. (2018). Educação em saúde: doenças sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência. *Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba*, 20(3), 138-141. doi: <https://doi.org/10.23925/1984-4840.2018v20i3a4>

Santos, N.R. L. dos; Pereira, A.S.; Soares, Z. M. P. (2018). Documentos curriculares oficiais assegurando a abordagem de gênero e sexualidade para a educação básica: um olhar para o ensino de ciências. In: V SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, Universidade Federal de Londrina. Recuperado em: <<http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/anais/v-simposio-genero-e-politicas-publicas.php>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

Silva, S. M. da, Santos, J. L. P. dos, Rosa, A. C. da S., Costa, J. P. R. da, Ferreira, R. da S. B., Sousa, J. R. R. de, & Cruz Matos, J. da. (2019). Educação Sexual: Estratégias e obstáculos em uma escola pública. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, (35), e1653. <https://doi.org/10.25248/reas.e1653.2019>.

Savegnago, S. D. O.; Arpini, D. M. A (2016). Abordagem do Tema Sexualidade no Contexto Familiar: o Ponto de Vista de Mães de Adolescentes. *Psicol. Cienc. Prof.*, 36(1) p. 130-144. Recuperado em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001252014>. Acesso em: 26 dez. 2019.

Serra, C. B. (2018). Educação em sexualidade na escola: um projeto com adolescentes. Dissertação (Mestrado em Educação para a Saúde) Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra). Recuperado em: <http://hdl.handle.net/10400.26/24060>

Silva, B. C.; Castro, R. D. (2018). Diálogos sobre sexualidade entre pais e filhos adolescentes dentro do contexto familiar. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, 6(2). ISSN 2525-359X.

Silva, A. S. (2018). Educação sexual, escola e família: uma revisão integrativa. Monografia (Especialização Saúde da Família). Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção-CE.

Rodrigues, M. A. da Cruz.; Viana, K. S. R. T. (2016) A educação sexual na escola e as causas que interferem o seu desenvolvimento. *Revista de Investigación en Ciencias Sociales y Humanidades*, 3(02).

Rocha, M. B.; França, G. A. (2013). Gênero e sexualidade: como os licenciandos em Ciências Biológicas concebem esses temas? *Revista Ensino, Saúde e Ambiente*, 06(01).

Melo de, R. I. O.; Barros, N.C. B. da Silva, E.P. F. J.; Pontes, N. K. da Silva.; Cordeiro, A.P.M. (2020). LIBRAS na educação sexual da pessoa surda. *Research, Society and Development*, 9(1), e145911836, 2020.

Silva, J.K.O .; Anjos, D.F dos.; Pimentel, P.S.; Costa, I.M.G.; José Henrique Monteiro Fonseca, J.H.M. (2019). Identidade de gênero e orientação sexual: a sexualidade no contexto escolar. *Res., Soc. Dev.* 8(8). DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v8i8.1182>.

Sánchez, L.G. M.; Romero, Y. C. R. (2016). Conocimientos, Actitudes y Practicas en el Uso de Métodos Anticonceptivos en Adolescentes de LatinoAmérica 2010-2016. Tese de doutorado. Universidade de los Llanos. Recuperado em <https://repositorio.unillanos.edu.co/handle/001/495> Centeno, Y.P.; & Martinez, L. Y.R. (2018): La familia cubana y su preparación para la sexualidad responsable de sus hijos, *Revista Caribeña de Ciencias Sociales*. Recuperado em: <https://www.eumed.net/rev/caribe/2018/07/familia-cubana-sexualidad.html>

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como propósito principal, avaliar a Metodologia da Problematização, com base no Arco de Magueréz, como estratégia pedagógica para o desenvolvimento profissional docente em educação para a sexualidade. Em uma análise dos principais documentos oficiais que norteiam as políticas públicas de educação no Brasil, foi possível constatar que os temas sexualidade e educação sexual têm sido cada vez mais reduzidos nesses documentos. Nesse sentido, a partir da identificação das fragilidades no documentos oficiais, buscou-se entender como a ES acontece no ambiente familiar e escolar, onde foi possível constatar que educação sexual em ambos os ambientes a ES não está consolidada. Os resultados também demonstraram que a abordagem ocorre de maneira frágil, direcionada para os aspectos preventivos e biologizados e com certo receio por parte dos professores. Quanto ao contexto familiar, os pais afirmaram ter dificuldades para abordar o tema, mas entendem que a escola tem papel importante nessa abordagem.

O estudo também permitiu identificar os principais fatores que dificultam a implementação da educação para a sexualidade no contexto escolar, sendo a falta de formação específica e a participação dos pais nas discussões acerca da importância da ES os principais fatores elencados, o que permitiu realizar o DPD com uso da Metodologia da Problematização.

Observou-se que uso da metodologia se mostrou significativa para a prática docente no contexto da educação para a sexualidade. Pois, além de ter permitido romper com a formação continuada tradicional, em que os professores são apenas ouvintes, os professores foram estimulados desde o início a buscarem pela construção de novos conhecimentos acerca da temática educação para a sexualidade, alinhando ao que se propõe em um desenvolvimento profissional docente.

Com os dados apresentados no artigo 4, constatou-se que a metodologia da problematização com o arco de Magueréz, favoreceu na construção de novos saberes acerca do tema. Essa construção ocorreu de maneira participativa, permitindo o protagonismo no processo de aprendizado. Além de possibilitar o desenvolvimento do pensamento crítico e uma postura transformadora da realidade, rompendo com paradigmas e medos.

Essa experiência permitiu também a interligação da escola com a família para o diálogo e reflexão sobre a importância da educação para a sexualidade em ambos os contextos, fator que era considerado pelos professores como importante e necessário para a implementação da abordagem sobre sexualidade na sala de aula. Desta maneira, entende-se como urgente e necessário um maior investimento em espaços que favoreçam o diálogo entre a escola e a

família acerca do tema, de maneira a gerar benefícios para uma sexualidade saudável e responsável.

Porém, para se criar um espaço de diálogo e acolhimento das questões da sexualidade na adolescência no contexto familiar, é preciso que os pais estejam preparados e seguros para essa abordagem. Não adianta apenas criticá-los e acusá-los como ausentes no processo de construção da sexualidade dos seus filhos e filhas. É preciso, sobretudo, ter um olhar de compreensão de como esses pais foram educados sexualmente quando adolescentes e ajudá-los a reconhecer a importância e benefícios da educação sexual.

Tendo em vista a relevância do tema no contexto da escola e família, espera-se que esta pesquisa possa nortear a produção e a implementação de cursos de formação de professores do ensino fundamental nos anos finais em educação sexual com ênfase em educação para a sexualidade, nas demais escolas do município do Belo Jardim e em outras cidades, preenchendo a lacuna que existe e transformando a realidade.

Embora o objetivo principal deste trabalho tenha sido alcançado, a discussão sobre a referida temática deve permanecer em pauta tanto no campo de investigação científica, quanto entre os profissionais que atuam nas escolas. Logo, sugerimos que novas pesquisas possam ser feitas, ampliando o foco de análise na inclusão de todos os adultos de referência, ou seja, pais, profissionais da educação e os profissionais da saúde.

Por fim, acreditamos que a utilização da MP com o arco de Magueréz foi positiva e possibilitou muitas contribuições para a ressignificação da prática docente dos professores envolvidos. Desta maneira, a MP por meio do arco de Margueréz é uma ferramenta formativa docente eficaz, tanto na formação reflexiva dos docentes quanto na resolução de problemas da educação para sexualidade na escola. Ao término desta pesquisa, sabemos a impossibilidade de esgotar o assunto referente à Educação Sexual no contexto escolar e o desenvolvimento profissional docente, mas consideramos pertinente tecer apontamentos inerentes ao tema e contribuir para futuras ações de melhoria neste campo educacional.

7 PERSPECTIVAS

Considerando a relevância do tema para o contexto escolar e as lacunas encontradas, pretendo seguir realizando o desenvolvimento profissional docente em educação para a sexualidade nas demais escolas do município de Belo Jardim e região, em diferentes áreas de ensino, com ênfase na aproximação da família e da escola. Assim como, desenvolver novas pesquisas incluindo todos os adultos de referência (pais, profissionais da educação e profissionais da saúde).

Da mesma forma, como docente de um Instituto Federal da região, pretendo realizar projetos de extensão, envolvendo discentes para intervenções nas escolas para os alunos e alunas dos anos finais do ensino fundamental e comunidades abordando os temas sexualidade e educação sexual. Pretende-se ainda criar um Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação e Sexualidade para promover, além de estudos e pesquisas acerca do tema, seminários, fóruns e demais eventos de discussões entre professores e estudantes do IFPE, e das demais instâncias de ensino e IES da região.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. A. Orientação Sexual nas escolas: seria possível se não incomodasse? Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

BARBOSA, L.U.; MACHADO, R.S.; PEREIRA, J.C.N.; LIMA, A.G.T.; COSTA, S.S., FOLMER, V. Percepción de adolescentes sobre sexualidad y salud reproductiva: la escuela como espacio para la educación sexual. **Cultura de los Cuidados** (Edición digital), 23 (55). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14198/cuid.2019.55.03>. Acesso em: 26 dez.2019.

BARCELOS, N. N. S.; JACOBUCCI, D. F. C. “Estratégias Didáticas de Educação Sexual Na Formação de Professores de Ciências E Biologia.” *Revista Eletrônica de Enseñanza de Las Ciencias* 10 (2): 334 - 45, 2011.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Ed. 70. São Paulo,2011.

BRASIL. 1998. “Terceiro E Quarto Ciclos.” Secretaria de Educação Fundamental. 1: 138. doi: 10.1007/s13398-014-0173-7.2.

———. 2014. “LEI No 13.005, DE 25 DE JUNHO DE 2014 - Publicação Original - Portal Câmara Dos Deputados.” *Diário Oficial*. <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13005-25-junho-2014-778970-publicacaooriginal-144468-pl.html>.

———. “Base Nacional Comum Curricular. Proposta Preliminar. Segunda Versão Revista.” *Diário Oficial*, 2017.

BERBEL, N. A. N. Metodologia da problematização: experiências com questões de ensino superior. Londrina: EDUEL, 1998.

CALDEIRA, E.; LOPES, M. J. Educação sexual na escola contextos para a mudança. *Revista Ibero – Americana de saúde e envelhecimento* v .3, n.3, p.1147 – 1164,2017. Disponível em: <<http://www.revistas.uevora.pt/index.php /saudeenvelhecimento/article/view/192/374>>.

FUJITA, J. A. L. da M. et al. Uso da metodologia da problematização com o Arco de Maguerez no ensino sobre brinquedo terapêutico. *Rev. Port. de Educação*, v. 29, n. 1, p. 229-258, jun. 2016 . Disponível em<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872016000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.21814/rpe.5966>.

FURLANETTO, M. F.; LAUERMANN, F.; COSTA, C. B. da.; MARINI, A.H. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, n. 168, p. 550-571, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciabstract&pid=S0100-15742018000200550&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 2 nov. 2018.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

GAGLIOTTO, G. M; LEMBECK, T. 2011. “Sexualidade e adolescência: a educação sexual numa perspectiva emancipatória.” **Revista Educere et Educare** (1981–4712). Disponível em:

<http://erevista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/viewFile/4802/3964>. Acesso: set. 2017.

GEMIGNANI, E. Y. M. Y. Formação de Professores e Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem: Ensinar Para a Compreensão. **Revista Fronteira das Educação** [online], Recife, v. 1, n. 2, 2012. ISSN: 2237-9703.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. 2013. “Educação Sexual No Contexto Familiar E Escolar: Impasses E Desafios. ” **Holos** 5: 251–63. <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/784/741>.

HERNANDES, M.S. **O silenciamento da discussão de gênero e sexualidade nas escolas: a inconstitucionalidade da omissão**. 2016.61f.Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/173782>. Acesso em: 17 out. 2018.

HOBOLD, M.S. de. Desenvolvimento profissional dos professores: aspectos conceituais e práticos. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 13, n. 2, p. 425-442, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em: 29 nov.2019.

IMBERNÓN, F. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. São Paulo: Cortez, 2009.

LANNES, K.G, J.; COPETTI; LARA S., LANES, D.V.C.; R.L.; PUNTEL; V. FOLMER. Estratégias de promoção da saúde do escolar a partir da abordagem de temas geradores. **Experiências Em Ensino de Ciências**, v. 9, n. 2, p.154 – 169, 2014.

MANOEL, M.; CABRAL, I. Professor um eterno Aprendiz: a escola como um espaço de Desenvolvimento Profissional. **Revista Eletrônica de Investigação e Desenvolvimento**. v.1, n. 9 p. 110 - 121, 2018.

MARTINS, C. G.; FERREIRA, L. O.; SANTOS, P. M.; LOPES SOBRINHO, M.; WEISS, M. C.; SOUZA, S. S. Oficina sobre sexualidade na adolescência: uma experiência da equipe saúde da família com adolescentes do ensino médio. **Revista Mineira de Enfermagem**, v.15, n. 4, 2011. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/72>. Acessado em novembro de 2017.

MOREIRA, B. L. R.; V. FOLMER. Educação Sexual na Escola: Construção e Aplicação de Material de Apoio. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 6, n. 2, p. 151-160, 2011.

MOIZES, J.S; BUENO, S.M.V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Rev. Esc. Enferm. USP**, 2010.

MOURA, F.N. S.; LEITE, R.C.M. Conservadorismo e a formação cidadã: a abordagem da Sexualidade no Ensino Fundamental diante do discurso em documentos oficiais. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, v. 24, n. 3, 2019. Disponível em: <http://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao>. Acesso em: 13 dez.2019.

NASCIMENTO, F.J. Condições de trabalho de professores iniciantes de matemática: possibilidades e desafios no processo de desenvolvimento profissional. **Periódico Horizontes – USF – Itatiba, SP-Brasil** DOI: <https://doi.org/10.24933/horizontes.v37i0.626>

OLIVEIRA, R. B. de O.; AZEVEDO, J. B. de.; SILVA, M. S. M. da.; SILVA, A. de F.; ABREU, M. P. de.; OLIVEIRA, S. B. de.; TARGIINO, J. R. Desafios da Formação Continuada de Professores de Matemática nos Anos Finais do Ensino Fundamental. **Rev. Mult. Psic.** V.13, N. 45, p. 773-783, 2019 - ISSN 1981-1179. Disponível em: <http://idonline.emnuvens-.com.br/id>

ORLANDI, R.; GARCIA, R. A. G.; ELIAS, A. **Sentidos atribuídos por professores que atuam na educação do campo à formação docente na esfera da sexualidade.** 10º Encontro Internacional de Formação de Professores e 11º Fórum Permanente de Inovação Educacional. v. 10, n. 1, 2017. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/viewFile/4738/1590>.

PERES, C.; LARA, S.; COPETTI, J.; LANES, K.; SOARES, M. Percepção de estudantes sobre saúde, alimentação e atividade física após intervenção com a metodologia da problematização. **Revista Contexto & Educação**, v. 33, n. 104, p. 346-364, 21 fev. 2018.

PIRES, R.; ALVES, M. G.; GONÇALVES, T. N.R. Desenvolvimento Profissional Docente: Percepções dos Professores em Diferentes Períodos ao Longo da Vida. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 50, n. 1, p. 57 – 78, 2016. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/rppedagogia/article/view/3865>. Acesso em 13 dez. 2019.

RODRIGUES, J.G. Aplicação da metodologia da problematização na disciplina de diversidade, cidadania e direitos. **Braz. J. of Develop**, v. 5, n. 9, p. 14528-14542, 2019. Disponível em: <http://brjd.com.br/index.php/BRJD/article/view/3120/3031> Acesso em: 16 dez. 2019.

SANTOS, D.C. M. A Importância das Questões de Gênero e Sexualidade na Formação Docente. **Coisas do Gênero**, v.4, n.1, p.102 – 115, 2018. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero>. Acesso em: 30 jul. 2019.

SAUGO, K.R. A sexualidade na adolescência: **uma perspectiva dos pais.** Rede PSI, 2012. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/2012/08/30/a-sexualidade-na-adolesc-ncia-uma-perspectiva-dos-pais/>. Acesso em dez.2017.

SFAIR, S. C.; BITTAR, M.; LOPES, E. Educação Sexual para Adolescentes e Jovens: Mapeando Proposições Oficiais. **Saúde e Sociedade** 24 (2): 620–32, 2015. doi: 10.1590/S0104-12902015000200018.

SILVA, O. I.; SIQUEIRA V. H. F.; ROCHA, G. W. F. Educação sexual e gravidez de adolescentes: significados construídos por docentes do curso de formação de professores em uma escola pública do Rio de Janeiro, Brasil”. **Revista Electrónica de Enseñanza de Las Ciencias** 8: 216–31.2009. Disponível em: http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen8/ART12_Vol8_N1.pdf. Acesso em mai. 2018.

VILLARDI, M. L.; CYRINO, E. G.; BERBEL, N. A.N. **A metodologia da problematização no ensino em saúde: suas etapas e possibilidades.** In: __. A problematização em educação em saúde: percepções dos professores tutores e alunos. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo:

APÊNDICES

APÊNDICE A – Carta de Encaminhamento

Belo Jardim, 18 de outubro de 2017.

Ilma. Gestora do Centro de Excelência Municipal – CEM

Sra. Antônia Margarida, da Silva

Solicito a V.Sa. autorização para realizar a pesquisa intitulada: **EDUCAÇÃO SEXUAL, ESCOLA E FAMÍLIA: POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM E DIÁLOGO UTILIZANDO A METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO** que tem como objetivo: Avaliar a metodologia da problematização como ferramenta pedagógica para ampliar o conceitos e práticas para educação sexual, assim como promover a capacitação dos pais e docentes para abordar esse tema. O estudo tem como pesquisadores responsáveis a Profa. Ma. Luciana Uchôa Barbosa, e o orientador do doutorado Prof. Dr. Vanderlei Folmer.

Os dados que subsidiarão esta pesquisa serão obtidos através de três etapas. Na primeira etapa será aplicado um questionário estruturado, autopreenchível constituído por questões abertas para os docentes e pais ou responsáveis dos estudantes matriculados do ensino fundamental do 6º ao 9º ano para subsidiar a capacitação. Em seguida, será realizada uma capacitação com a participação dos adultos de referência utilizando a metodologia da Problematização com base no Arco de Magueréz para estimular discussões e reflexões acerca da concepção de sexualidade e apreensão de novos conhecimentos para a prática da educação sexual na escola e no contexto familiar. Os questionários serão aplicados na escola selecionada pela pesquisadora após assinatura do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido pelos pais e/ou responsáveis e anuência da direção da escola, sendo observado o horário acordado pelos docentes e pais e/ou responsáveis.

A coleta de dados ocorrerá após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética conforme determina a resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, será garantido o sigilo e preservado o anonimato de todos os participantes do estudo. A pesquisa possui riscos mínimos no que se refere ao constrangimento do pesquisado. Estes riscos serão minimizados através das informações dispensadas aos participantes da pesquisa quanto ao objetivo do estudo, assegurando o sigilo das respostas. O estudo trará benefícios na medida em que a pesquisa mostrará a necessidade de possibilitar ou fortalecer a aproximação

entre estudantes e adultos de referência (professores/responsáveis e profissionais da saúde) para o tema abordado.

Luciana Uchôa Barbosa
Pesquisadora Responsável

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do projeto: Educação sexual, escola e família: possibilidades de aprendizagem e diálogo utilizando a metodologia da problematização

Pesquisador responsável: Luciana Uchôa Barbosa

Pesquisadora participante: Vanderlei Folmer

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul –UFRGS e Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA

Telefone celular do pesquisador para contato (inclusive a cobrar):

Vanderlei Folmer: 55 98111-1104

Luciana Uchôa Barbosa: 81 99964-2326

O Sr./Sr.^a/Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, da pesquisa intitulada **Educação sexual, escola e família: possibilidades de aprendizagem e diálogo utilizando a metodologia da problematização** de pesquisa de doutorado, que tem por avaliar a metodologia da problematização como ferramenta pedagógica para ampliar o conceitos e práticas para educação sexual, assim como promover a capacitação dos pais e docentes para abordar esse tema

Por meio deste documento e a qualquer tempo o Sr./Sr.^a/Você poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável.

Metodologia da Pesquisa

O *corpus* da pesquisa será a partir das narrativas dos pais e docentes, em que utilizaremos questionários estruturados com perguntas relacionadas a educação sexual, sexualidade e práticas. A análise das narrativas será realizada por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), em que será realizada uma leitura cuidadosa dos dados, e os mesmos serão “recortados” e desconstruídos a partir da interpretação do pesquisador.

A pesquisa será realizada em três etapas. Na primeira etapa será aplicado um questionário estruturado, autopreenchível constituído por questões abertas para os docentes e pais ou responsáveis dos estudantes matriculados do ensino fundamental do 6º ao 9º ano para subsidiar a capacitação. Em seguida, será realizado uma capacitação com a participação dos adultos de referência utilizando a metodologia da Problematização com base no Arco de Maguerez para estimular discussões e reflexões acerca da concepção de sexualidade e apreensão de novos conhecimentos para a prática da educação sexual na escola e no contexto familiar.

Ao responder o questionário o Sr./a Sr.^a poderá experimentar constrangimento, mas deve ficar à vontade para responder integralmente, parcialmente ou nenhuma das questões abaixo elencadas. Ressaltamos que a pesquisa irá contribuir, para apreensão do conceito de sexualidade e compreensão da importância propiciando aos adultos de referência conhecimento e segurança para o desenvolvimento de uma prática de educação sexual eficiente e emancipatória.

Durante a realização da pesquisa os participantes serão acompanhados pelos pesquisadores, sendo orientados da melhor maneira possível, sanando suas dúvidas sobre questões pertinentes relacionadas ao projeto que possam surgir durante seu desenvolvimento. Para participar deste estudo o Sr./Sr.^a/Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores.

Seu nome e identidade serão mantidos em sigilo, e os dados da pesquisa serão armazenados pelo pesquisador responsável. Os resultados poderão ser divulgados em publicações científicas ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

O retorno do resultado da pesquisa aos participantes será realizado em uma apresentação na escola e a partir de possíveis publicações científicas

Local e data

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Nome do Pesquisador Responsável

Assinatura do Pesquisador Responsável

APÊNDICE C – Questionário para o Docente

Conforme especificado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado anteriormente, você está sendo convidado a responder este questionário, ficando livre para responder integralmente, parcialmente ou nenhuma das questões abaixo elencadas.

Dados de identificação:

Data: __/____/____

Sexo: () feminino () masculino Idade:

Formação:

Quanto tempo de formada:

Qual (ais) as disciplinas que você ministra, há quanto tempo você trabalha nesta escola?

1. O que você entende por educação sexual?

2. Na escola onde você leciona é desenvolvido alguma atividade de educação sexual com os estudantes? Caso sim:
 - c) Quem desenvolve?
 - d) Como é desenvolvido a atividade?
 - e) Quais os temas abordados?

3. Para você, a quem compete trabalhar o tema educação sexual? Por quê?

4. Você já trabalhou e/ou trabalha com o tema educação sexual na sala de aula?
 - b) Como é desenvolvido o trabalho?
 - c) Você trabalha sozinho ou com outros professores (quais)?
 - d) De que forma (na sua disciplina, integrando as disciplinas)?

5. Na sua opinião, qual (ais) a (s) facilidade (s) encontrada (s) para trabalhar o tema educação sexual na escola?
6. Na sua opinião, qual (ais) a (s) dificuldade (s) enfrentada (s) para desenvolver a educação sexual na sala de aula?
7. Você já participou de alguma formação para trabalhar a Educação Sexual na sala de aula?
8. Na sua opinião, o que poderia facilitar o desenvolvimento da Educação Sexual na Escola?

APÊNDICE D – Questionário para o docente pós-desenvolvimento profissional docente

Dados de identificação

Data do preenchimento:

Idade: Sexo: feminino masculino

Qual sua formação inicial: -----

Quanto tempo de formação: -----

Possui Pós-Graduação? sim não

Em que área? -----

Qual (ais) a (as) disciplina (s) que você ministra? -----

Há quanto tempo você trabalha na escola? -----

Dados sobre o desenvolvimento profissional docente

1. Você conhecia a metodologia da Problematização com base no Arco de Magueréz?
2. Caso responda não na primeira questão, qual sua opinião sobre este método de aprendizagem?
3. Sobre a metodologia da problematização com base no arco de Magueréz responda:
Potencialidades:
Fragilidades:
4. Você ficou satisfeita (o) com a formação continuada em Educação Sexual?
5. Sobre a formação continuada em Educação Sexual responda:
Potencialidade:
Fragilidades:
6. Para você houve contribuição para sua prática pedagógica? Se sim, quais?

APÊNDICE E – Questionário para os pais e/ou responsáveis

Conforme especificado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado anteriormente, você está sendo convidado a responder este questionário, ficando livre para responder integralmente, parcialmente ou nenhuma das questões abaixo elencadas.

Agradecemos pela sua participação.

Dados de identificação:

Data: _____ / _____ / _____.

Sexo: feminino masculino

Idade:

Escolaridade: 1º ao 5º ano 6º ao 9º ano II grau III grau Qual a sua ocupação?

Quem mora com você?

1. Em casa vocês pais conversam com seus filhos assuntos sobre namoro, prevenção de doenças e gravidez não planejada?

2. Você tem alguma dificuldade em conversar com seu/sua filho (a) em casa sobre namoro? Caso tenha, quais são as dificuldades?

3. Você gostaria que a escola também abordasse assuntos como sexualidade na adolescência, prevenção de doenças, gravidez não planejada para completar as orientações feitas em casa?

- SIM
 NÃO

APÊNDICE F – Certificado DPD



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL



CERTIFICADO

Certificamos para os devidos fins que,

Participou do curso de Desenvolvimento Profissional de Docente intitulado **“Metodologia da Problematização com base no Arco de Maguerz e a Educação para a Sexualidade no Contexto Escolar”**, promovido pelo PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ocorrido no período de 13 de março a 29 de novembro de 2018, na cidade de Belo Jardim – PE, com carga horária de 25 horas.

Belo Jardim, _____ de _____ de 2020

VANDERLEI FOLMER

Coordenador Grupo de Estudos em Nutrição,
Saúde e Qualidade de Vida

LUCIANA UCHÔA BARBOSA

Professora Mestra do IFPE Campus Belo Jardim
Doutoranda do PPG Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde

Modalidade: Desenvolvimento Profissional Docente

Etapa 01: 05 Formação

Etapa 02: 18h Desenvolvimento Atividades

Etapa 03: 2h Análise reflexiva das atividades

Total: 25h

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DOSUL

Certificado registrado sob o nº _____

Fls. _____ do livro nº 01

BELO JARDIM, / /2020

Secretário (a)

ANEXOS

ANEXO A – Carta de Anuência



CENTRO DE EXCELÊNCIA MUNICIPAL PROF. JOSÉ VIEIRA DA COSTA
Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano

CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, Antônia Margarida da Silva, na qualidade de Gestora do Centro de Excelência Municipal – CEM, autorizo a realização nesta instituição de ensino a pesquisa intitulada **“EDUCAÇÃO SEXUAL, ESCOLA, FAMÍLIA: POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO COLETIVO UTILIZANDO A METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO”** a ser conduzida sob a responsabilidade dos pesquisadores Profa. Ma. Luciana Uchôa Barbosa e Prof. Dr. Vanderlei Folmer.

Esta autorização está condicionada à previa aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, respeitando a legislação em vigor sobre ética em pesquisa em seres humanos.

Afirmo que fui devidamente informada sobre a finalidade e objetivo da pesquisa, bem como a utilização dos dados exclusivamente para fins científicos, e que as informações a serem oferecidas aos pesquisadores serão guardadas pelo tempo que determina a legislação e não serão utilizadas em prejuízo desta instituição e/ou das pessoas envolvidas.

Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como coparticipante do presente projeto de pesquisa, e do seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos da pesquisa, dispondo da infraestrutura necessária para tal.

Belo Jardim, 20 de Outubro de 2017.

Antônia Margarida da Silva
(Assinatura e carimbo do responsável da instituição).

CEM Professor José Vieira da Costa
Antônia Margarida da Silva
Gestora
Mat. 2257

CNPJ: 12.708.342/0001-40
Rodovia – PE 166, Km 5, Belo Jardim – PE - Fones: (81) 3726 1800/1929
Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano

ANEXO B – Parecer do CEP

AUTARQUIA EDUCACIONAL
DE BELO JARDIM - AEB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: EDUCAÇÃO SEXUAL, ESCOLA E FAMÍLIA: POSSIBILIDADES DE DIALOGO COLETIVO UTILIZANDO A METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO

Pesquisador: Luciana Uchôa Barbosa

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 80815917.3.0000.5189

Instituição Proponente: Autarquia Educacional de Belo Jardim - AEB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.442.434

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um estudo exploratório e descritivo com abordagem qualitativa, a ser realizada no Centro de Excelência Municipal – CEM, escola de ensino fundamental, no município de Belo Jardim – PE. Participarão da pesquisa professores do ensino fundamental do 6º ao 9º ano, os pais e /ou responsáveis dos adolescentes escolares das mesmas séries.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo primário:

Avaliar a metodologia da problematização como ferramenta pedagógica para ampliar o conceitos e práticas para educação sexual, assim como promover a capacitação dos pais e docentes para abordar esse tema.

Objetivos específicos:

Conhecer as concepções e práticas docentes sobre a educação sexual;

Investigar como os pais lidam educação sexual no contexto familiar;

Promover uma capacitação utilizando a metodologia da Problematização com a participação dos pais e /ou responsáveis e docentes;

Verificar a partir das intervenções realizadas, as possíveis contribuições deste estudo para melhorar a concepção e práticas para educação sexual pelos adultos de referência;

Construir um manual de temáticas acerca da sexualidade na adolescência para auxiliar e ser

Endereço: Sítio Inhumas, Rodovia Pernambuco 166 KM5

Bairro: Centro

CEP: 55.150-000

UF: PE

Município: BELO JARDIM

Telefone: (81)3726-1800

Fax: (81)3726-1800

E-mail: cepaeb@hotmail.com

**AUTARQUIA EDUCACIONAL
DE BELO JARDIM - AEB**



Continuação do Parecer: 2.442.434

utilizado pelos pais e docentes do ensino fundamental de Belo Jardim (E- BOOK).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Benefícios: contribuir para apreensão do conceito de sexualidade e compreensão da importância propiciando aos adultos de referência conhecimento e segurança para o desenvolvimento de uma prática de educação sexual eficiente e emancipatória.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa de relevância social e acadêmica.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentados todos os itens para avaliação ética.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto de pesquisa apto para desenvolvimento segundo avaliação ética deste CEP.

Considerações Finais a critério do CEP:

Solicita-se que seja encaminhado a este CEP o relatório final do estudo.

Lembramos que na ocorrência de qualquer dano ou eventualidade com os participantes, previsto ou não nos riscos, o estudo deverá ser imediatamente suspenso e comunicado os fatos a este CEP. O estudo ainda deverá ser suspenso, caso ocorra alguma alteração na estrutura deste, devendo haver uma nova avaliação deste CEP para seu seguimento.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1034907.pdf	21/11/2017 17:53:17		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_detalhado.pdf	21/11/2017 17:52:02	Luciana Uchôa Barbosa	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	carta_anuencia.jpeg	21/11/2017 17:49:22	Luciana Uchôa Barbosa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	21/11/2017 17:45:08	Luciana Uchôa Barbosa	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	21/11/2017 17:42:58	Luciana Uchôa Barbosa	Aceito

Endereço: Sítio Inhumas, Rodovia Pernambuco 166 KM5

Bairro: Centro

CEP: 55.150-000

UF: PE

Município: BELO JARDIM

Telefone: (81)3726-1800

Fax: (81)3726-1800

E-mail: cepaeb@hotmail.com

AUTARQUIA EDUCACIONAL
DE BELO JARDIM - AEB



Continuação do Parecer: 2.442.434

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELO JARDIM, 15 de Dezembro de 2017

Assinado por:

Alexandra Waleska de Oliveira Aguiar
(Coordenador)

Endereço: Sítio Inhumas, Rodovia Pernambuco 166 KM5

Bairro: Centro

CEP: 55.150-000

UF: PE

Município: BELO JARDIM

Telefone: (81)3726-1800

Fax: (81)3726-1800

E-mail: cepaeb@hotmail.com